

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

DIÁCONOS

COMO ELES
SERVEM E
FORTALECEM
A IGREJA



MATT SMETHURST

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

DIÁCONOS

COMO ELES
SERVEM E
FORTALECEM
A IGREJA



MATT SMETHURST

Se eu pudesse voltar no tempo e escolher um livro para me preparar para o impacto dos desafios ministeriais que nossa igreja tem enfrentado este ano, seria esse. Pastores cansados, diáconos desanimados e igrejas lutando para permanecer em missão, adquiram esse livro! Ele acerta em cheio todos os alvos!

Bobby Scott, copastor da Community of Faith Bible Church, South Gate, Califórnia, Estados Unidos

A igreja há muito necessita desse livro incontestavelmente bíblico, fácil de ler e muito prático. Ao fundamentar o diaconato na pessoa e obra de Jesus, Matt Smethurst responde à multidão de questões contemporâneas com sensatez e cuidado, baseando-se em seu profundo conhecimento das Escrituras, da história e da vida da igreja. O livro Diáconos deve permanecer por muito tempo o texto padrão tanto na igreja local como na academia.

Malcolm B. Yarnell III, Professor-pesquisador de Teologia no Southwestern Baptist Theological Seminary; pastor de ensino na Lakeside Baptist Church, Granbury, Texas, Estados Unidos

Minha maior preocupação com os livros sobre a política eclesiástica é que o autor consiga expor seu argumento com base na sólida exposição da Bíblia, não nas tradições denominacionais ou na opinião pessoal. Smethurst o fez muito bem. Com estrutura clara e visão impressionante, ele reúne o propósito da Bíblia para os diáconos.

Alexander Strauch, autor de Biblical eldership e Paul's vision for the deacons

Existem muitos livros úteis em quase todas as áreas da vida da igreja, de ministério e governo. Mas faltava um livro completamente dedicado aos diáconos. Esse livro preenche tal lacuna. Smethurst não explica apenas o ensino bíblico; ele lhe dá volume e corpo, com vários exemplos práticos e ilustrações.

John S. Hammett, professor de Teologia Sistemática no South-eastern Baptist Theological Seminary; autor de Biblical foundations for baptist churches

Um recurso maravilhoso sobre um assunto negligenciado. É bíblico, acessível e prático — ideal para aqueles que servem como diáconos. De fato, os diáconos que auxiliam os presbíteros, organizam o culto, cuidam dos necessitados, preservam a unidade e mobilizam o ministério são dádivas maravilhosas para o corpo de Cristo. Smethurst explica e aplica essas ideias de forma clara, concisa e convincente.

Tony Merida, pastor titular da Imago Dei Church, Raleigh, Carolina do Norte, Estados Unidos; autor de Ordinary

A igreja precisa se centrar no evangelho, ter mente teológica e diáconos com o coração de servos que cuidem do próximo por profundo amor a Jesus. Smethurst apresenta o contexto histórico, a visão bíblica e exemplos práticos desse papel vital na vida congregacional.

Melissa B. Kruger, diretora de Iniciativas Femininas em The Gospel Coalition; autora de Growing together

Uma confusão considerável cerca o ministério diaconal. Smethurst nos lembra que os diáconos fiéis protegem o ministério da Palavra, promovem a unidade do corpo e atendem às necessidades tangíveis dos membros mais vulneráveis. Pretendo comprar vários exemplares, distribuí-los com regularidade à nossa congregação e usar o livro para preparar novos diáconos e estimular os atuais.

Juan R. Sanchez, pastor titular da High Pointe Baptist Church, Austin, Texas, Estados Unidos; autor de The leadership formula

Um livro acessível, envolvente e substancial. Tanto os não especialistas quanto

os leitores com formação teológica aprenderão com suas reflexões bíblicas, históricas e práticas sobre o diaconato, ainda que possam discordar de algumas de suas conclusões. Todos os leitores devem emergir desse livro com zelo e apreço pela grande dádiva do ministério diaconal de Cristo.

Guy Prentiss Waters, professor de Novo Testamento no Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, Estados Unidos; autor de How Jesus runs the church

Em algumas igrejas, o ofício de diácono é subestimado; os membros não extraem o máximo dos diáconos como deveriam. Em outras igrejas, o ofício é superestimado; os diáconos desejam atuar como presbíteros e desafiá-los. Smethurst nos mostra a visão equilibrada e bíblica.

Conrad Mbewe, pastor da igreja Kabwata Baptist Church, Lusaca, Zâmbia

Matt Smethurst presta bom serviço às igrejas com esse tratamento sucinto sobre os diáconos, com fidelidade bíblica, relevância pastoral e clareza excepcional. Mesmo que discorde dele (e provavelmente não deva fazê-lo), você apreciará o tom em que ele descreve e defende o ministério vital dos diáconos. A sensação que se tem depois de ler o livro é como estar em um cinema lotado que irrompe em aplausos depois de um filme memorável.

Benjamin L. Merkle, professor de Novo Testamento e Grego no Southeastern Baptist Theological Seminary; autor de 40 questions about elders and deacons

Matt Smethurst demonstra como os diáconos são essenciais para o ministério evangélico, mesmo quando desmascara conceitos errados e tradições inúteis. Prático, belamente escrito e repleto de relatos animadores, esse é um guia útil para um ofício essencial.

Jenny Manley, esposa de pastor nos Emirados Árabes Unidos; autora de The good portion: Christ

O manifesto conciso e o manual prático de Smethurst conseguem destacar a glória do cargo de diácono. O livro não é um tratado seco e teórico, e sim o chamado claro e convincente para reconhecer a dádiva divina insubstituível do ministério diaconal.

Cornelis Van Dam, professor emérito de Antigo Testamento no Canadian Reformed Theological Seminary; autor de *The deacon*

Matt Smethurst lida com uma parte muito negligenciada, mas vital, da vida da igreja. O livro *Diáconos* incentivará os líderes e os membros da igreja do mesmo modo. Ele está repleto de discernimento e inspiração da Bíblia. Toda recomendação que eu fizer ainda será pouca.

Sam Allberry, pastor; autor de *7 myths about singleness* e *João 14—17, Romanos*, Tiago (Vida Nova)

Não há maior alegria na vida que servir ao Senhor. Que vocação única é servir como diácono! Smethurst irá conduzi-lo pelo processo de amar o mais elevado chamado de Deus: ser servo. Esse livro ajudará muitas pessoas!

Johnny Hunt, ex-presidente da Southern Baptist Convention; autor de *The deacon I want to be*

Os diáconos têm sido alvo de piadas durante anos — ou pior, são ignorados. Aprecio muito como Smethurst dá visibilidade ao contexto histórico e bíblico desse importante ministério com criatividade e, em seguida, passa para a aplicação prática. Use esse livro fundamental para acolher e preparar os chamados por Deus para servirem como diáconos.

Mark Dance, ex-editor executivo da *Deacon Magazine*

É inusitado encontrar um conteúdo ótimo, bíblico, claro e perspicaz embalado em um pequeno livro. Eis um desses casos. A igreja atual precisa urgentemente desse ensino.

Miguel Núñez, pastor titular da Iglesia Bautista Internacional, Santo Domingo, República Dominicana

Caro leitor, eis um excelente livro! Ele é mais interessante e importante do que você provavelmente supõe. Pensa que só digo isso por ser um “endosso”? Tome um tempo, abra o capítulo 1, leia a primeira página — apenas a primeira página! — e depois volte aqui. Há muitas outras páginas tão boas quanto essa! Compre o livro agora e o leia. Vá em frente, obtenha mais exemplares e leve as pessoas a estudá-lo na sua igreja. Elas serão encorajadas, e sua igreja será ajudada a florescer!

Mark Dever, pastor da Capitol Hill Baptist Church, Washington, DC, Estados Unidos; autor de 90 dias em Rute, Jeremias, 1Coríntios, Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus e O que Deus requer de nós?: um rápido panorama de toda a Bíblia (Vida Nova)

Série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis

Mark Dever e Jonathan Leeman, organizadores

Diáconos (Matt Smethurst) (2022)

Culto público (Matt Merker) (2022)

Oração (John Onwuchekwa) (2019)

Teologia bíblica (Nick Roark e Robert Cline) (2018)

Missões (Andy Johnson) (2018)

Conversão (Michael Lawrence) (2017)

Discipulado (Mark Dever) (2016)

O evangelho (Ray Ortlund) (2016)

Disciplina na igreja (Jonathan Leeman) (2016)

Membresia na igreja (Jonathan Leeman) (2016)

Sã doutrina (Bobby Jamieson) (2016)

Pregação expositiva (David Helm) (2016)

Presbíteros (Jeramie Rinne) (2016)

Evangelização (J. Mack Stiles) (2015)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

■

Smethurst, Matt

Diáconos : como eles servem e fortalecem a igreja / Matt Smethurst; tradução de Rogério Portella. — São Paulo : Vida Nova, 2022.

192 p. (Série 9marcas)

ISBN: 978-65-5967-049-9 (recurso eletrônico)

Título original: Deacons: how they serve and strengthen the church

1. Diáconos - Igrejas batistas I. Título II. Portella, Rogério

21-4844 CDD 253

■

Índices para catálogo sistemático:

1. Diáconos - Igrejas batistas

IX 9Marcas CONSTRUINDO IGREJAS SAUDÁVEIS

DIÁCONOS

COMO ELES
SERVEM E
FORTALECEM
A IGREJA

MATT SMETHURST

Tradução
ROGÉRIO PORTELLA


VIDA NOVA

©2021, de Matt Smethurst

Título do original: Deacons: how they serve and strengthen the church,
edição publicada pela Crossway (Wheaton, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2022

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas foram traduzidas diretamente da English Standard Version (ESV). As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV), da The New American Standard Bible (NASB) e da Christian Standard Bible (CSB). Todo grifo nas passagens bíblicas citadas foi adicionado pelo autor.

■

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Rosa M. Ferreira

Preparação de texto

Pedro Guimarães Marchi

Revisão de provas

Jonathan Silveira

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Wayne Brezinka

Vania Carvalho (adaptação)

Produção do Ebook

Schaffer Editorial

■

**A meus pais, Lynda e Doug,
por serem modelos de serviço cristão
durante toda a minha vida.
Eu amo vocês, pai e mãe.**

Sumário

[*Prefácio da série*](#)

[*Introdução: “Ao seu dispor”*](#)

[*1. Os bastidores e os deslizes: como os diáconos têm atuado*](#)

[*2. O ponto de partida: onde os diáconos tiveram início*](#)

[*3. Os parâmetros: o que os diáconos devem ser*](#)

[*4. A análise: o que os diáconos devem fazer*](#)

[*5. Os benefícios: o que os diáconos proveem*](#)

[*6. A beleza: quem os diáconos refletem*](#)

[*Conclusão: Diáconos são pessoas que fazem diferença*](#)

[*Apêndice 1: Mulheres podem ser diaconisas?*](#)

[*Apêndice 2: Exemplos de perguntas para candidatos ao diaconato*](#)

[*Índice de passagens bíblicas*](#)

[*Índice remissivo*](#)

Prefácio da

série 9Marcas

Você acredita ser sua responsabilidade ajudar a construir uma igreja saudável?
Se você é cristão, cremos que é o que deve fazer.

Jesus ordena que você faça discípulos (Mt 28.18-20). Judas manda que você se edifique na fé (Jd 20,21). Pedro o conclama ao uso de seus dons para servir às pessoas (1Pe 4.10). Paulo o chama a dizer a verdade em amor a fim de que sua igreja amadureça (Ef 4.13,15). Percebe aonde estamos chegando?

Seja você membro ou líder da igreja, a série 9Marcas: Construindo Igrejas Saudáveis tem como alvo ajudá-lo a cumprir esses mandamentos bíblicos e, assim, desempenhar sua parte na construção de uma igreja saudável. Em outras palavras: esperamos que esses livros o ajudem a crescer em amor por sua igreja, assim como Jesus a ama.

Nessa série, o ministério 9Marcas produziu um livro pequeno e de fácil leitura sobre cada uma das características que Mark Dever chamou “as nove marcas da igreja saudável” — além de algumas marcas a mais. Os livros abrangem os seguintes temas: pregação expositiva, teologia bíblica, sã doutrina, o evangelho, conversão, evangelização, membresia na igreja, disciplina na igreja, discipulado, presbíteros, diáconos, oração, missões e culto público.

As igrejas locais existem para mostrar a glória de Deus às nações. Fazemos isso ao fixar os olhos no evangelho de Jesus Cristo, confiando nele para sermos salvos e amando uns aos outros com a santidade, a unidade e o amor de Deus. Oramos para que este livro o ajude.

Cheios de esperança,

Mark Dever e Jonathan Leeman,
organizadores da série.

Introdução

“Ao seu dispor”

Eu me pergunto por que você abriu este livro (sem levar em consideração o título cativante que chamou sua atenção). Posso pensar em vários cenários.

1. Você é pastor.

Você é um aspirante ao pastorado que deseja estudar sobre diáconos.

Você é um pastor novo que deseja implementar diáconos.

Você é um pastor experimentado que deseja repensar ou remanejar diáconos.

Você é um pastor frustrado que deseja demitir diáconos.

2. Você é diácono.

Você é um diácono em potencial que deseja entender o papel.

Você é um diácono novo que deseja se ajustar ao papel.

Você é um diácono maduro que deseja crescer no papel.

Você é um diácono frustrado que deseja desistir do papel.

3. Você é membro de igreja.

Você gosta de como os diáconos atuam em sua igreja — e está curioso para aprender mais.

Você não gosta de como os diáconos atuam em sua igreja — e está curioso para saber se há uma forma melhor.

Você simplesmente deseja saber mais do ensino da Escritura sobre o tema.

Ou talvez você tenha uma motivação totalmente diferente. É suficiente dizer que o tema sobre os diáconos — até mesmo a palavra — pode gerar sentimentos muito diferentes entre os cristãos. Para alguns, a palavra é um pouco nostálgica, talvez uma recordação da infância na igreja. Para outros, ela é bela; a palavra traz rostos amados à mente — servos específicos a serviço do bem-estar da igreja de Cristo. Entretanto, para muitos outros trata-se de uma palavra dolorosa. Ela é dolorosa para vários pastores. Quantas vezes o trabalho de uma igreja foi dificultado e prejudicado por seus servos mais exemplares?

Todos “diaconam”

Se você confia em Cristo, você já é um diácono no sentido mais amplo. O substantivo grego diakonos aparece 29 vezes no Novo Testamento e é quase sempre traduzido por “servo(s)”¹ ou “ministro(s)”² (O mesmo ocorre com o substantivo³ e o verbo⁴ correlacionados.) Eis uns poucos exemplos dos Evangelhos, traduzidos literalmente:

O maior entre vocês será seu diácono. Quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (Mt 23.11,12).

E [Jesus] disse-lhes: “Se alguém quer ser o primeiro, ele deve ser o último de todos e o diácono de todos” (Mc 9.35).

Se alguém me “diacona”, deve me seguir; e, onde eu estiver, ali também estará o meu diácono. Se alguém me “diacona”, o Pai o honrará (Jo 12.26).

Acima de tudo, os crentes em Cristo são aqueles que andam nos passos do diácono por excelência, o servo sofredor que “não veio para ser ‘diaconado’, mas para ‘diaconar’ e dar sua vida como resgate por muitos” (Mc 10.45).

Em suma, diakonos é, comumente, apenas o termo genérico para designar um “servo” — daí a atribuição do termo a governantes não cristãos⁵ e até mesmo a demônios.⁶ Umas poucas vezes, contudo, a palavra é usada em sentido mais estrito e técnico — por isso este livro.⁷

“Servir como diácono” no sentido mais estrito não é um papel informal — é como nós geralmente entendemos a palavra e como a usarei daqui em diante. Não se trata apenas do título de uma função ministerial, como “diretor de campus” ou “coordenador de ministério infantil”. Ele consiste em um dos dois ofícios estabelecidos pelo Novo Testamento para a igreja local. Apenas os presbíteros (ou pastores) e diáconos recebem ordenação ao serviço público e formal na vida da congregação.

Assim, quão crucial é o serviço diaconal à saúde da igreja? É crucial o suficiente para Deus estabelecer uma posição oficial para membros seletos, reconhecidos como servos exemplares, a fim de mobilizar o serviço prático de maneiras criativas.

Clones contrastantes

Clint e Tom são dois pastores que não poderiam ter mais elementos em comum. Mesma idade, mesma formação teológica, mesma denominação, mesmo tamanho de igreja, mesmo temperamento, mesmo nível básico de maturidade espiritual, mesma quantidade de experiência ministerial. E as igrejas deles estão se saindo bem. O crescimento não é explosivo, mas é constante. Ocorrem conversões. Os membros, em sua maioria, estão felizes. Todavia, enquanto Clint está simplesmente cansado, Tom está esgotado. Para Clint, a alegria é uma batalha; para Tom, a alegria é uma lembrança distante. Clint não consegue cumprir suas metas de preparação do sermão em todas as semanas; Tom não consegue isso já faz um ano. Portanto, qual é a diferença? O que está drenando o tempo e a energia de Tom? O problema é que sempre se trata de algo diferente. Mas é sempre alguma coisa importante.

Três semanas atrás, Tom precisou adquirir um novo sistema de som para a igreja. Ele planejou empregar uma hora ou duas para pesquisar opções com qualidade e economicamente viáveis, e então tomar uma decisão. O processo tomou toda a sua quarta-feira. Ele então pensou: Não sobrou energia para mais nada.

Duas semanas atrás, Tom coordenou voluntários para a limpeza de um parque local, uma oportunidade anual perfeita para a igreja servir a seus vizinhos e iniciar conversas sobre o evangelho. Ele criou uma lista de assinaturas on-line e notificou a igreja por e-mail; em seguida, monitorou a resposta e se sentiu desencorajado; então enviou alguns pedidos pessoais, até perceber que a tarde da sexta-feira havia acabado. O sermão ainda não está pronto e permanecem treze vagas para esse projeto tolo de limpeza. O que há de errado com todos?

Semana passada, Tom planejou um churrasco de boas-vindas para alunos da faculdade. Esse é um de seus momentos preferidos do ano. A universidade fica a uma pequena distância do prédio da igreja e, uma vez que ele mesmo se converteu enquanto estava na faculdade, Tom ama a oportunidade de evangelizar os alunos que estão chegando. Ou pelo menos amava. Por fim, seu entusiasmo sucumbe à desilusão quando ele se encontra junto às prateleiras do supermercado avaliando pães para cachorro-quente. Ei, esse produto de marca menos conhecida é realmente mais caro? Como isso é possível? Eu tenho tanta coisa para comprar ainda...

Esta semana, Tom era um homem resoluto. Eu não me deixarei distrair. Vou delegar. Não posso desempenhar todos os papéis para todas as pessoas. Seu telefone toca. Mensagem de texto de sua mulher: “A Martha ligou. Ela ainda está no hospital e quer que você vá lá outra vez. Ela disse que não teve notícias suas nesta semana”. É apenas a manhã de terça-feira! “Ela também disse ser incapaz de pagar a conta. Parece que outro paciente vai receber dinheiro da igreja dele. Ela perguntou se nós podemos ajudar”.

Lembra-se do Clint feliz? Seu mês não foi nada fácil, contudo foi diferente. Foi... administrável. Portanto, mais uma vez, qual é a diferença entre a experiência pastoral de Clint e Tom? Resposta: só um deles conta com diáconos. Na realidade, os dois contam, mas só os do Clint parecem saber — e amar — o que significa ser diácono. Eles se alegram em poder desobrigar Clint de arcar com as tarefas práticas a fim de que ele possa canalizar suas energias no ministério da Palavra e na oração.

Tom teve de analisar incontáveis comentários de compradores a fim de encontrar o sistema de som adequado. Clint conta com um diácono que estava disposto a realizar a pesquisa necessária.

Tom teve de recrutar voluntários para a limpeza do parque. Clint conta com um diácono que se alegra em reunir uma equipe.

Tom se estressou por causa de pães para cachorro-quente. Clint tem um diácono que se alegra por servir buscando alimentos.

Tom precisou verificar o orçamento da igreja e avaliar a movimentação das ofertas a fim de determinar se poderia contar com algum dinheiro para ajudar Martha. Clint conta com um diácono que é excelente em determinar o que a igreja pode fazer para ajudar financeiramente.

As complexidades do ministério são infindáveis, não são? E, quando você adiciona a fluidez das expectativas das pessoas à rocha inamovível da limitação do tempo, você é atropelado por um cálculo enlouquecedor. Testemunhei essa

dinâmica nos dois papéis e, em certo sentido, senti-me privilegiado ao servir duas vezes como diácono antes de me tornar presbítero.

Se você é presbítero, e em particular se você for o principal responsável pela pregação na sua igreja, internalize isto: a utilização errada dos diáconos pode reduzir pela metade seu ministério, mas a utilização correta dos diáconos pode duplicá-lo. Eles também podem fortalecer toda a congregação — ou não.

Para o bem ou para o mal, os diáconos são pessoas que fazem diferença.

Manifesto e manual

Nos capítulos seguintes, consideraremos várias questões prementes a respeito desse tema muitas vezes mal compreendido. Espero que este livro sirva como um manifesto e como um manual prático para igrejas comuns — como a sua.

Portanto, faremos assim: O capítulo 1 delineará com brevidade as várias formas de serviços prestados pelos diáconos ao longo da história cristã, bem como os modelos comuns (não necessariamente saudáveis!) das igrejas atuais. O capítulo 2 examinará os precursores do ofício (At 6). Em seguida, o capítulo 3 avaliará as qualificações para o ofício (1Tm 3). Segue-se um debate sobre o que os diáconos devem ser, e o capítulo 4 focará no que os diáconos devem fazer. No capítulo 5, ouviremos relatos de igrejas reais que foram fortalecidas pelo serviço diaconal fiel. O capítulo 6 considerará Aquele que os diáconos devem, em última instância, refletir — vindo a seguir uma breve conclusão. O debate a respeito de as mulheres poderem servir como diaconisas será apresentado no apêndice 1. (Ao longo do livro, usarei pronomes masculinos por uma questão de estilo e legibilidade; mas, como você verá, acredito que o diaconato está aberto também a mulheres qualificadas.) O apêndice 2 fornecerá uma amostra de questionário para futuros diáconos.

A tese básica do livro é que os diáconos — quando seu papel é bem entendido e eles são utilizados da forma correta — são uma dádiva insubstituível para a igreja de Cristo. Eles são servos exemplares que se destacam pela atenção e sensibilidade às necessidades tangíveis da vida da igreja. De que forma eles

servem? No auxílio aos presbíteros, no cuidado relativo ao ministério da Palavra, na organização do culto, no cuidado dos necessitados, na preservação da unidade, na mobilização do ministério, e muito mais.

Uma igreja sem um diaconato bíblico pode apresentar sinais de saúde por um momento, mas com o passar do tempo a saúde dela será abalada. Privamo-nos dos benefícios da sabedoria revelada por Deus quando indevidamente ampliamos o papel dos diáconos (digamos, elevando-os a presbíteros de facto) ou indevidamente reduzimos seu papel (digamos, a zeladores com um título sofisticado).

Felizmente, a Palavra de Deus traça um caminho mais excelente. Não é muito extenso o que ela diz sobre diáconos, mas é suficiente.

Quando os diáconos se desenvolvem, a congregação toda ganha.

1Mt 20.26; 23.11; Mc 9.35; 10.43; Jo 2.5,9; 12.26; Rm 13.4; 15.8; 1Co 3.5; 2Co 6.4; 11.15,23; Ef 3.7; 6.21; Cl 4.7; 1Tm 4.6.

22Co 3.6; Cl 1.7, 23,25.

3O substantivo diakonia é usado 34 vezes para descrever “ministério(s)” (At 1.17,25; 6.4; 20.24; 21.19; Rm 11.13; 2Co 3.7,8,9; 4.1; 5.18; 6.3; 9.1,12; Ef 4.12; Cl 4.17; 2Tm 4.5,11) ou “servir/serviço/servindo” (Rm 12.7; 15.31; 1Co 12.5; 16.15; 2Co 8.4; 9.13; 11.8; 1Tm 1.12; Ap 2.19).

4O verbo diakoneo é usado 37 vezes: “serve/serviu/servindo/serviço” (Mt 8.15; 20.28; Mc 1.31; 10.45; Lc 4.39; 10.40; 12.37; 17.8; 22.26,27; Jo 12.2,26; 2Tm 1.18; Fm 13; Hb 6.10; 1Pe 1.12; 4.10,11) ou “ministrou/ministrando” (Mt 4.11; 27.55; Mc 1.13; 15.41) ou “trazendo ajuda” (Rm 15.25).

5Rm 13.4.

62Co 11.15. (Parabéns à Wake Forest University, lar dos Demon Deacons, por ser teologicamente perspicaz!)

7Fp 1.1; 1Tm 3.8,12; possivelmente Rm 16.1. Consulte o apêndice 1 para o debate sobre a passagem de Romanos. É importante destacar que esse sentido binário — serviço genérico ou ofício formal — nem sempre é útil, pois não existem apenas dois usos de diakonos. A obra recente de Clarence D. Agan III

demonstra pelo menos quatro usos do termo, como veremos no cap. 4.

Os bastidores e os deslizes: como os diáconos têm atuado

Ao que parece, os nazistas não gostavam de diáconos.

Depois da derrota da Holanda para a Alemanha em 1940, os diáconos da Igreja Reformada Holandesa se apressaram em cuidar dos que estavam sendo politicamente oprimidos, ao fornecer alimentos e prover-lhes um refúgio secreto. Ao perceberem o que estava acontecendo, os alemães decretaram que o ofício de diácono deveria ser eliminado. Em resposta, no Sínodo Geral de 17 de julho de 1941, os cristãos holandeses decidiram: “‘Qualquer um que tocar no diaconato interfere com o que Cristo ordenou como tarefa da igreja.’ [...] Qualquer um que interferir em relação à diakonia interfere no culto!”.¹

Os alemães recuaram.

Os diáconos ao longo das eras

Sem dúvida, a maioria dos relatos históricos a respeito dos diáconos é menos marcante. Mas raras vezes esses relatos são menos belos. Ao longo de dois mil anos, os diáconos têm brilhado ao servir às igrejas e comunidades em todo o mundo. O testemunho da história é claro: uma congregação sem a atuação de diáconos de acordo com a Bíblia é pobre, mas uma congregação que conta com eles é incalculavelmente rica.

Como, então, os diáconos atuaram com a passagem do tempo? A questão não é irrelevante nem enfadonha; é prática. Se você for um seguidor de Jesus, então a história cristã será a sua história. Estudá-la é como abrir um álbum de fotos e folhear a herança de sua família.

Então, vamos começar. Embarque comigo em um sobrevoo — que admito ser rápido e fragmentário — da paisagem diaconal desde a era apostólica.

Igreja primitiva

Os diáconos ocupavam um lugar de honra nos primeiros séculos do cristianismo. Com base no precedente de Atos 6.1-7 — uma passagem geralmente considerada o estabelecimento, ou pelo menos uma prévia do ofício —, os diáconos na igreja primitiva estavam encarregados de apoiar o trabalho dos pastores ao cuidar das preocupações “exteriores” ou “físicas” da vida da igreja.

O historiador Rodney Stark observa que os diáconos na igreja primitiva eram de “considerável importância”, auxiliando nas funções litúrgicas e administrando as atividades beneficentes e caritativas da igreja.² Uma série de tratados do século 4 denominados Constituições apostólicas deixou mais claros os deveres diaconais: “Devem ser praticantes de boas obras ao exercer a supervisão geral dia e noite, sem desprezar os pobres nem preferir indivíduos ricos; devem averiguar quem está sofrendo e não excluir essas pessoas da participação nos fundos da igreja, compelindo também os abastados a reservarem dinheiro para as boas obras”.³ O historiador Charles Deweese resume com propriedade:

Eles visitaram mártires aprisionados, vestiram e enterraram os mortos, cuidaram dos excomungados com a esperança de restaurá-los, supriram as necessidades de viúvas e órfãos e visitaram os enfermos e outros indivíduos em dificuldades. Durante uma praga que atingiu Alexandria por volta de 259 d.C., os diáconos foram descritos por uma testemunha ocular como os que “visitaram os enfermos sem medo”, “ministraram a eles de modo contínuo” e “morreram com eles com a maior alegria”.⁴

Na verdade, esse tipo de amor arriscado e abnegado — modelado com frequência pelos diáconos — confundiu o mundo romano. Como observou o bispo africano Tertuliano (155-220 d.C.): “Nosso cuidado para com os

desamparados e nossa prática de ternura nos destacam aos olhos de muitos de nossos oponentes. ‘Apenas olhem’, eles dizem, ‘vejam como eles se amam!’”.⁵

É fácil demais perder de vista o valor espiritual dos diáconos por causa de seu papel tão prático na vida da igreja. Contudo, vários dos primeiros diáconos foram gigantes da fé, e eles a defenderam com valentia. Dois relatos devem ser suficientes.

Primeiro, viajemos até a Roma antiga, o epicentro do império mais poderoso da terra. Apenas oito anos haviam se passado desde quando o imperador Décio procurara exterminar todos os que se recusaram a jurar fidelidade a seu governo soberano. Incontáveis cristãos foram mortos. Eis que agora estamos no ano 258 d.C., e um homem chamado Lourenço é um dos sete diáconos que servem em Roma; sua tarefa consiste em supervisionar o caixa da igreja e as distribuições aos pobres. Em agosto chegam as notícias: Valeriano, o sucessor de Décio, promulgou um édito aterrador: todos os bispos, sacerdotes e diáconos devem ser presos e mortos.

Pouco depois, Lourenço foi levado perante o magistrado. A oferta: entregue o tesouro da igreja e você será liberto. O diácono concorda. Ele pede apenas três dias para buscá-lo. Ao deixar a corte, Lourenço não perde tempo. Ele entrega o dinheiro da igreja a pessoas de confiança e, em seguida, reúne os doentes, os idosos, os pobres, os viúvos e os órfãos. Por último, retorna à corte na companhia de um grupo que inspira pena. Enfurecido pelo tumulto, o magistrado exige uma explicação. Lourenço responde: “Senhor, eu lhe trouxe o que pediu”. Então, apontando para as pessoas que reunira, declarou: “Eis os tesouros da igreja”. Condenado, na sequência, a morrer como mártir, o diácono suporta as chamas com calma surpreendente, zombando até mesmo de seus algozes: “Vocês podem me virar; já estou queimado desse lado”. O espetáculo da coragem profunda de Lourenço exerce uma forte impressão sobre o povo de Roma, conduzindo a várias conversões.⁶

Agora avancemos setenta anos e viajemos em direção ao sudeste até Telzaha (na atual Turquia). A perseguição contra os cristãos se intensificara de novo, agora sob Licínio. Novo imperador, novo édito: os cidadãos devem consertar os altares e fazer sacrifícios ao deus Júpiter. O que acontece? Um diácono se levanta:

Habib, um diácono originário da aldeia de Telzaha, partiu em segredo para as igrejas das aldeias. Ele ministrou e leu as Escrituras, encorajou e fortaleceu a muitos com suas palavras, admoestando-os a permanecerem firmes na verdade de sua crença e a não temerem os perseguidores [...]

Muitos foram fortalecidos por suas palavras [...] e tiveram o cuidado de não renunciar à aliança que haviam feito. Quando os homens designados para tratar desse assunto em particular souberam disso, informaram [Licínio], o governador da cidade de Edessa: “Habib, diácono da aldeia de Telzaha, anda e ministra em segredo em todos os lugares, resiste à ordem dos imperadores, e nada teme”.⁷

Nada temia, de fato. Tendo suportando uma grande quantidade de questionamentos do governador sem vacilar na fé, Habib foi queimado na fogueira. Histórias como essas apresentam um vislumbre da conduta extraordinária dos primeiros diáconos — e seu impacto constante e impressionante sobre o mundo romano.

À medida que a igreja procurou administrar a expansão geográfica e que heresias diversas surgiram para ameaçar a fé, desenvolveu-se uma hierarquia formal a fim de simplificar — e centralizar — a autoridade para a tomada de decisões em torno do ofício do bispo. Portanto, em vez de apenas dois ofícios eclesiásticos (bispos e diáconos), passam a existir agora três: bispos (supervisores), presbíteros (pastores ou sacerdotes) e diáconos. Com o surgimento desse sistema de “episcopado monárquico” — um bispo para a supervisão de uma área geográfica —, o papel primário dos diáconos passou, em essência, de agentes de caridade para secretários do bispo. Cada vez mais eles passaram a funcionar como a ligação de fato entre o bispo regional e suas congregações locais.

A despeito do distanciamento gradual do padrão do Novo Testamento, os diáconos continuaram a realizar seus deveres bíblicos. Contudo, isso não perdurou. Mark Dever resume o declínio fatídico:

Do mesmo modo que o episcopado monárquico se desenvolveu, também surgiu um tipo de diaconato monárquico abaixo dele. Como o papel do bispo foi

ampliado, assim ocorreu com o papel do arqui-diácono. O arqui-diácono era o diácono principal de determinada localidade e poderia ser descrito como um representante encarregado das questões materiais. [...] Mais tarde, abusos deformaram o ofício do diácono, e os diáconos — em especial os arqui-diáconos — tornaram-se muito ricos. Que irônico: quem deveria servir aos outros, em vez disso, passou a usar as outras pessoas para servirem a seus desejos!⁸

Idade Média

Com o afastamento da obra de caridade, dois desdobramentos ocorridos na Idade Média causaram a deterioração ainda maior do diaconato.

Primeiro, o ofício foi reduzido a um mero trampolim para o sacerdócio. Segundo, e ainda mais preocupante, a doação caritativa passou a ser considerada um meio de alguém salvar a própria alma e de diminuir o tempo de outra pessoa no purgatório. “Por volta da Idade Média”, Cornelis Van Dam lamenta, “o principal motivo para dar dinheiro aos pobres consistia em obter a entrada para a vida eterna”. Parecia assim que a trágica espiral descendente estava completa, e os diáconos, pouco depois, “deixaram completamente de servir de forma bíblica”.⁹

Havia chegado o momento para a reforma do diaconato.

A influência de João Calvino

Nenhum reformador foi mais influente no retorno do diaconato ao modelo antigo — de ministrar ajuda aos pobres e aflitos — que João Calvino. Após o retorno a Genebra em 1541, o primeiro ato oficial de Calvino como pastor consistiu em apresentar ao conselho da cidade um plano detalhado para a ordem e o governo da igreja. As Ecclesiastical ordinances (Ordenanças eclesiásticas) pediam a instalação de diáconos juntamente com pastores, doutores (mestres) e

presbíteros. O historiador Timothy George ressalta a “alta consideração” em que Calvino tinha o diaconato:

Os diáconos eram oficiais públicos da igreja a quem era confiado o cuidado dos pobres. Ele insistia em que fossem qualificados na fé cristã, pois, no decorrer de seu ministério, “eles frequentemente deverão dar conselhos e consolo”. [...] Calvino admitiu que o diaconato podia servir às vezes de “berçário de onde os presbíteros são escolhidos”; contudo, ele se opôs ao costume romano de fazer do diácono o primeiro passo para o sacerdócio. Essa prática era um solapamento ofensivo de “um ofício altamente honorável”.¹⁰

Sob a liderança de Calvino, bem como de seus contemporâneos — como Martin Bucer (1491-1551) —, os diáconos recomeçaram a servir não meramente como protegidos dos sacerdotes, mas como ministros de misericórdia.

Da Reforma ao tempo atual

Desde que Calvino deu nova atenção ao diaconato, mais de cinco séculos atrás, o ofício assumiu várias formas entre os protestantes.

Na tradição presbiteriana e reformada, os diáconos sempre atuaram sobretudo como ministros de misericórdia, cuidando dos necessitados e angustiados e muitas vezes ajudando a supervisionar as finanças da igreja.¹¹

Na Comunhão Anglicana, os diáconos são “transitórios”, pois se tornarão sacerdotes,¹² ou “vocacionais”, designados para sempre; todos são teologicamente instruídos e formalmente ordenados. Na verdade, todo sacerdote ou bispo anglicano começa a carreira como diácono, e nenhum abandona formalmente o ofício. Assim, alguns arcebispos pedem para ser enterrados com suas estolas diaconais — dada a convicção de que, dentro de um arcebispo,

encontra-se um bispo; dentro de um bispo, encontra-se um sacerdote; e dentro de um sacerdote, encontra-se um diácono. O serviço diaconal está no centro de todo o ministério.¹³

Em várias igrejas congregacionais e batistas, o modelo de vários presbíteros e diáconos — os presbíteros se dedicam à supervisão espiritual e os diáconos ao serviço prático — perdurou em grande parte até o início do século 20, quando muitas congregações começaram a favorecer o modelo de “um único pastor e um conselho diaconal”, muitas vezes acompanhado por uma série de comissões. (“Produzir muitas comissões é algo que não tem fim”, poderia dizer uma versão moderna de Eclesiastes!) No entanto, essa estrutura não é uniforme, e mais recentemente parece haver um movimento, entre muitas dessas igrejas, no sentido de substituir a mentalidade de diretoria executiva por uma visão mais histórica acerca dos diáconos. De acordo com essa perspectiva, os diáconos coordenam vários ministérios na igreja, como meio de apoio aos presbíteros.¹⁴

Modelos bíblicos?

Como mencionei antes, a Bíblia não faz muitas afirmações a respeito dos diáconos. (Como isso pode servir de incentivo para alguém continuar a leitura?) Reconhecer isso, entretanto, deve nos fornecer um objetivo duplo: primeiro, dar atenção extra a tudo que a Escritura de fato ensina sobre o tópico; e, segundo, tratar quem enxerga ou “lida” com os diáconos de maneira diferente com uma dose especial de generosidade.

Ainda que o tratamento dado aos diáconos pela Bíblia seja esparso, ele é suficiente. Contamos com bastante material bíblico para avaliar interpretações diversas. E estou convicto de que existem várias formas comuns de interpretar que estão aquém da visão elevada que Deus tem do diaconato. Por que é tão importante fazermos isso direito? Não apenas para que possamos experimentar a expansão da unidade e alegria nas igrejas que amamos, mas também para que a própria natureza de servo de Jesus seja plenamente demonstrada.

Assim, voltemos a atenção para seis conceitos populares sobre os diáconos que estão aquém do alto padrão bíblico para o ofício.

1. Peter, o pastor-em-treinamento

“Ouvi que você será diácono. Quanto tempo você acha que vai demorar até ser presbítero?”

Peter está habituado a tais perguntas na igreja. Ele não se incomoda; quando muito, fica um pouco lisonjeado.

Já vimos como, no século 4 e na Idade Média, o diaconato se calcificou como mero papel de entrada no clero, uma parada no caminho ao sacerdócio. O modelo de sacerdote-em-treinamento permanece comum na Igreja Católica Romana e, a despeito das diferenças, também na maior parte da Comunhão Anglicana. Contudo, alguns evangélicos da baixa igreja contam com uma versão própria dessa linha interpretativa: “presbíteros em treinamento”. Sem dúvida, alguns diáconos podem se tornar presbíteros mais tarde — mas isso significa que eles cumprem as qualificações dos presbíteros (1Tm 3.1-7; Tt 1.5-9). E, como veremos no capítulo 3, apesar da similaridade entre as listas de qualificações para os dois ofícios, elas não são idênticas.

O diaconato não é um período de treinamento para o presbiterato. Trata-se de um ofício diferente com objetivos diversos que requer, em muitos casos, diferentes dons. Para citar apenas um exemplo, a um homem pode faltar a capacidade de ensinar — sendo assim inapto para o presbiterato (1Tm 3.2; Tt 1.9) — e mesmo assim ele se tornar um diácono verdadeiramente espetacular.

Assim, pode o diácono Peter buscar o ministério pastoral? Claro, mas não deve ser esse o motivo para ele ter se tornado diácono. Sim, todo pastor deve ser um servo em primeiro lugar, mas nem todo servo deve se tornar um pastor formal. O serviço diaconal é muito importante — muito glorioso — para representar apenas um trampolim para algo mais.

2. Terrance, o faz-tudo

“Você é bom para consertar as coisas. Você deveria ser diácono.”

Pastor Jim fica feliz por ter Terrance na igreja. Ele é um empreiteiro de sucesso que dispõe de mais ferramentas que todo o restante da pequena igreja. O que Jim fez quando o aquecedor de água da igreja quebrou três invernos atrás? Ligou para Terrance. Quando o sistema de ventilação e aquecimento começou a emitir sons estranhos em um sábado escaldante de junho? Ele ligou para Terrance.

Parece não haver nada que Terrance não consiga encontrar uma forma de consertar. Quando se trata de cuidar do prédio da igreja, seu conhecimento prático é incomparável.

Terrance não seria um diácono ideal? Não se precipite. Eu ainda não disse que ele é um cristão maduro. Um diácono é muito mais que alguém que conhece bem a loja de materiais de construção. Ele conhece bem a Bíblia?

3. Sam, o homem das planilhas

“O orçamento de nossa igreja é uma confusão; estamos passando por outro déficit financeiro e não temos nenhuma projeção de receita clara para o próximo ano fiscal. Por que não fazemos de Sam um diácono? Afinal, ele não vive da resolução de problemas financeiros das pessoas?”

A rotina matinal dos dias da semana de Sam não é complicada: ele acorda, prepara o café, verifica o mercado financeiro antes de entrar no banho e vai trabalhar em sua empresa de planejamento financeiro. Aos domingos, não é incomum que os membros da igreja o procurem com cuidado e cautela para obter alguns conselhos financeiros casuais. Quando se trata de um senso econômico aguçado, Sam é incomparável na igreja.

Sam não seria um diácono ideal? Mais uma vez, não se precipite. Eu ainda não disse que ele é um cristão maduro. A magia com planilhas é uma habilidade bem-vinda, mas não é suficiente para receber um ofício na casa de Deus (1Tm 3.15).

4. Cliff, o empresário

“Graças a Deus, os seminários podem ensinar línguas antigas, mas eles não podem ensinar habilidades executivas. Esta igreja precisa mesmo de alguns diáconos decididos e com tino comercial.”

Cliff é membro da Pinehill Community Church há trinta anos e serve como diácono há quase duas décadas. Na época em que se tornou membro da igreja, ele abriu uma empresa em seu porão. Agora ela funciona em um arranha-céu no centro da cidade. Não é segredo que Cliff se deu bem no mercado. Ele conta com muitos funcionários e décadas de experiência em negócios.

Cliff não é o diácono ideal? Mais uma vez, não se precipite. Eu ainda não disse que ele é um cristão maduro. A experiência com a liderança executiva pode ser um forte trunfo, mas não é indicação de saúde espiritual.

5. Vinnie do veto

“Qual é o sentido de sermos diáconos caso digamos apenas ‘sim, senhor’? Claro, eu digo ao pastor Dave como é a realidade. Quem mais diria? Além disso, só quero mantê-lo humilde. A última coisa de que precisamos é de um pastor cheio de si.”

O diácono Vinnie é apenas uma pessoa “do contra”. Ele não está tentando tornar a vida do pastor Dave miserável, ainda que muitas vezes esse seja o resultado. Ele simplesmente assumiu a responsabilidade de manter o pastor com os pés no chão. Francamente, Vinnie não quer muito que a igreja mude, mas ele pode sentir o cheiro do desejo por inovação exalando do escritório do pastor. Na semana passada, Dave estava “sonhando” em começar um estágio pastoral e — voilà!, assim mesmo! — encerrar dois programas de longa data da igreja para financiá-lo.

Vinnie gosta de preparar suas reclamações com muito cuidado. “Algumas pessoas estão falando” é uma das favoritas. (É importante que o pastor Dave saiba que não se trata apenas da preocupação de Vinnie.)

Vinnie não é o diácono ideal? Creio que concordamos: ele não é.

6. Steve, o pseudopresbítero

“Bem-vindo à Primeira Igreja Batista, onde os pastores discursam e os diáconos agem. (Sério, se você quiser que algo importante seja feito por aqui, convença os diáconos.)”

Steve faz parte do conselho de algumas organizações; nada o gratifica mais que servir como diácono na Primeira Igreja Batista. Ele ama a congregação e se preocupa profundamente com sua saúde de longo prazo. Steve concorda com o pastor na liderança das coisas espirituais — afinal, um papel pendurado em seu escritório afirma ser ele um mestre em divindade¹⁵ —, mas é função dos diáconos supervisionar todo o resto, certo?

Esse tipo de prática não é raro. Penso na descrição feita por um amigo pastor sobre a mentalidade que herdou de sua igreja: “Em sentido fundamental, presbíteros e diáconos atuam em esferas de autoridade separadas e iguais: os presbíteros regem a ‘espiritual’; os diáconos regem a ‘física’”. O que isso significa na prática? Os diáconos não podem ditar o que os presbíteros fazem com as questões espirituais, pois essa é área deles. E os presbíteros não podem ditar o que os diáconos fazem com as questões pragmáticas, pois essa é a área que lhes pertence”.

Quando os diáconos começam a agir como pastores dirigentes da congregação toda ou como um comitê de diretores a supervisionar a equipe e as comissões, a descrição bíblica da função dos diáconos se torna confusa. Além disso, qualquer estrutura que incentive os diáconos a funcionar como contrapeso do pastor ou dos presbíteros — uma segunda casa legislativa para “freios e contrapesos” das decisões pastorais — ultrapassa os limites bíblicos.¹⁶ Embora essa possa não ser a intenção, muitas vezes é o resultado.

Duas advertências

A esta altura, quero ter o cuidado de reconhecer algumas coisas. Primeiro, a intenção por trás da configuração de pseudopresbítero/conselho executivo raras vezes é hostil — poucas vezes se trata de algum jogo de poder para neutralizar o pastor. Na verdade, o modelo se destina apenas a tirar proveito de diferentes pontos fortes. Já a Bíblia aponta para a clara divisão de trabalho entre pastores e diáconos, que exploraremos nos capítulos seguintes. Seus ofícios não são idênticos.

Segundo, alguns de nós — que cremos que o modelo de pseudopresbítero/conselho executivo fica aquém do projeto de Deus — precisamos arcar com as consequências: essa configuração é muitas vezes o resultado de situações emergenciais em que os diáconos da igreja foram deixados lutando por soluções, e eles se apresentaram para preencher o vácuo de liderança assim que o pastor anterior partiu. Sim, algumas igrejas contam com uma porta giratória para pastores porque os diáconos são insuportáveis. Mesmo assim, ocorre muitas vezes que o novo pastor chega — com as baterias plenamente carregadas, com uma nova visão, com novas iniciativas! — e se torna apenas mais um episódio de uma série muito antiga. O conflito surge. Mais tarde, o pastor vai embora. As pessoas presumem que ele partiu para pastos mais verdejantes. E quem fica? Quem sempre fica? Os diáconos. É natural que certa autoridade seja atribuída à mobília viva da igreja.

Muitos diáconos, presos a modelos que não ajudam, são santos piedosos, fazendo o melhor para servir às igrejas que amam com fidelidade. Sim, espero convencê-los (e você também?) que há um caminho melhor. Fique ligado. Apenas desejo fazer soar esta nota desde o início, pois é isto que quero dizer: Diácono, se você não se agarrou ao poder, mas se prontificou a assumir a responsabilidade em situações de liderança instável, sou grato a você.

Cavalaria de servos

Quer o papel dos diáconos em sua igreja tenha sido aumentado, quer tenha sido reduzido da forma errada, a solução não é passar de um extremo ao outro, mas restaurar os diáconos ao propósito bíblico pretendido e ao papel bíblico insubstituível. Os diáconos não consistem no conselho espiritual de diretores da igreja, nem na diretoria executiva a quem o pastor/diretor-executivo responde. Eles são a cavalaria de servos, encarregados de pôr em prática a visão dos presbíteros mediante a coordenação dos vários ministérios. Os diáconos são como a força de operações especiais de uma congregação, pois realizam tarefas que passam despercebidas com força moral e alegria.

Se você quiser encontrar um diácono qualificado, não olhe para a garagem dele a fim de descobrir quantas ferramentas ele tem. Não olhe para seu portfólio financeiro para ver quantos investimentos ele tem. Não olhe para sua empresa a fim de averiguar quantos funcionários ele tem. Olhe primeiro para sua atitude, seu caráter, sua vida. Ele está pronto para ouvir, ou está ansioso para ser ouvido? Ele é humilde e flexível, ou quer que tudo seja feito do seu jeito? Ele deseja status ou quer servir? Felizmente, não precisamos inventar as qualificações diaconais — a Bíblia as fornece claramente; vamos examiná-las no capítulo 3.

Os nazistas se sentiram ameaçados pelos diáconos holandeses em virtude de seu bom serviço e fé sincera. Os imperadores romanos também não eram grandes fãs dos diáconos. Não é à toa: Satanás odeia os diáconos e tem procurado marginalizá-los há dois mil anos. O inconveniente para ele, porém, é que o Deus onipotente os ama. O ofício de diácono foi sua invenção, pensada para promover a harmonia e a felicidade de seu povo e o avanço de seu reino.

E vemos seus primeiros lampejos na primeira igreja do Novo Testamento.

1Nesta seção de abertura, faço uma citação (levemente parafraseada) do ensaio de Frederick Herzog “Diakonia in modern times, eighteenth-twentieth centuries”, in: James I. McCord; T. H. L. Parker, orgs., *Service in Christ* (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), p. 147. Agradeço a Jonas Bültemann por ter encontrado a fonte original alemã e confirmado a citação para mim.

2Rodney Stark, *The rise of Christianity: how the obscure, marginal Jesus movement became the dominant religious force in the western world in a few centuries* (San Francisco: HarperOne, 1997), p. 108 [edição em português: O

crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história (São Paulo: Paulinas, 2006)]. Veja também Robert Louis Wilken, *The first thousand years: a global history of Christianity* (New Haven: Yale University Press, 2012), p. 32.

3Como citado em Adolf Harnack, *The mission and expansion of Christianity in the first three centuries*, vol. 1 (New York: G. P. Putnam's Sons, 1908), p.161. Também citado em Stark, *Rise of Christianity*, p. 87.

4Charles Deweese, *The emerging role of deacons* (Nashville: B&H, 1979), p. 12-3.

5Tertullian [Tertuliano], *Apology* 39.

6Apesar de sua ampla circulação com detalhes um pouco diferentes desde o quarto século, esse relato pode ser apócrifo (com a exceção da piada!). A fonte mais antiga de que se tem conhecimento é Ambrósio de Milão, *On the duties of the clergy* (c. 391 d.C.), livro 2, cap. 28, seq. 140-1, in: Philip Schaff; Henry Wace, orgs., *A select library of the Nicene and Post-Nicene fathers of the Christian Church, Second Series*, tradução para o inglês de W. H. Fremantle; G. Lewis; W. G. Martley (New York: Christian Literature Company, 1893), vol. 10. O calendário anual do *Book of common prayer* (1662) designa o dia 10 de agosto como “Festa de São Lourenço, diácono e mártir em Roma no ano 258”.

7“Martyrdom of Habib the Deacon”, in: Alexander Roberts; James Donaldson, orgs., *The Ante-Nicene Fathers* (New York: Charles Scribner's Sons, 1906), vol. 8, p. 690-5. Fiz uns poucos ajustes na tradução apenas para tornar a leitura mais fácil. É interessante que o imperador Licínio mais tarde seria o coautor, na companhia de seu cunhado Constantino, do Édito de Milão (de 313 d.C.), que concederia tolerância oficial aos cristãos em todo o Império Romano.

8Mark Dever, *Understanding church leadership*, Jonathan Leeman, org., *Church Basics* (Nashville: B&H, 2016), p. 8-9 [edição em português: *Entendendo a liderança da igreja*, tradução de Camila Teixeira e William Teixeira (São José dos Campos: Fiel, 2019)].

9Cornelis Van Dam, *The deacon: biblical foundations for today's ministry of mercy* (Grand Rapids: Reformation Heritage, 2016), p. 99.

10Timothy George, *Theology of the Reformers*, ed. rev. (Nashville: B&H, 2013), p. 249 [edição em português: *Teologia dos reformadores*, 2. ed. revisada e

ampliada (São Paulo, Vida Nova, 2017)].

11Elsie Anne McKee apresenta uma perspectiva histórica útil em *Diakonia in the classical Reformed tradition and today* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989). Para uma abordagem evangélica atual, veja Van Dam, *The deacon*.

12Falando da Igreja da Inglaterra, Francis Young escreve: “Todos os ministros ordenados na Igreja da Inglaterra são ordenados ao diaconato antes de serem admitidos ao sacerdócio” (Francis Young, *Inferior office? A history of deacons in the Church of England* [Cambridge: James Clarke & Co., 2015], p. xxv).

13Sou grato ao meu amigo Dan Marotta, reitor da Redeemer Anglican Church em Richmond (Virginia, EUA) por trazer esse relato interessante à minha atenção. É digno de nota, além disso, que o ativista antiescravagista Thomas Clarkson (1760-1846) era diácono da Igreja da Inglaterra quando se juntou à causa abolicionista e fez campanha ao lado de William Wilberforce. Ele ajudou a aprovar a “Slave Trade Act” (“Lei do Comércio de Escravos”) de 1807, que pôs fim ao comércio britânico de escravos. É difícil imaginar um diácono causando um impacto cultural mais positivo no mundo do século 19. Veja Young, *Inferior office?*, p. xxiii-xxiv.

14No artigo intitulado “Elders and deacons in history”, Mark Dever detalha a proeminência anterior e o declínio subsequente da pluralidade de presbíteros na vida batista. Em resumo, ele escreve: “É indiscutível que no início do século 20 os batistas tinham presbíteros nas igrejas locais ou defendiam a presença deles — e muitas vezes uma pluralidade de presbíteros. Eles fizeram isso por séculos. [...] No entanto, ao longo do século 20, tanto a prática da pluralidade de presbíteros quanto o uso do título “presbítero” tornaram-se cada vez mais escassos na vida batista. A menção ao termo “presbíteros”, em muitas igrejas batistas hoje, levantaria suspeitas de criptopresbiterianismo. Mas, nas últimas décadas, o ofício de presbítero passou por uma renovação significativa entre os batistas do sul” (Mark Dever, “Elders and deacons in history”, in: Mark Dever; Jonathan Leeman, orgs., *Baptist foundations: church government for an anti-institutional age* [Nashville: B&H Academic, 2015], p. 238).

Dever então apresenta a seguinte observação: “Muitas igrejas batistas do sul sentem cada vez mais que as estruturas atuais não funcionam. Algumas igrejas lideradas por um único pastor sofrem sob um governo autoritário, muito parecido com a liderança gentilica, proibida por Jesus em Marcos 10.42. Outras

vezes, jovens pastores vão às igrejas e as encontram calcificadas, regidas efetivamente por diáconos, uma comissão de nomeações, uma comissão de pessoal ou algum outro grupo que não dispõe de nenhum padrão bíblico de maturidade no entendimento e ensino das Escrituras” (p. 240).

15O mestrado em divindade (M.Div) é um programa de pós-graduação teológica stricto sensu com ênfase no aperfeiçoamento ministerial. (N. do E.)

16Esse modelo continua particularmente comum na Convenção Batista do Sul — a maior denominação protestante dos Estados Unidos, representando mais de 47 mil igrejas —, apesar de décadas de críticas vindas de dentro da própria denominação. Escrevendo aos batistas do sul na metade do século 20, Robert Naylor alertou: “Existe um complexo de ‘comitê’ e um sentimento geral de que os diáconos são os ‘diretores’ da igreja. Nada poderia estar mais distante do espírito batista ou do plano estabelecido no Novo Testamento” (Robert E. Naylor, *The baptist deacon: from a pastor with a special heart for deacons* [Nashville: B&H, 1955], p. 3). Howard Foshee, em seu influente livro de 1975 chamado *Now you are a deacon*, escreve: “Como um diácono novato, você precisa entender que não foi eleito para um ‘comitê oficial’ a fim de exercer autoridade na vida da igreja. O ofício de diácono não é um ofício de autoridade, mas de serviço” (Howard B. Foshee, *Now that you are a deacon* [Nashville: B&H, 1975], p. 13). Do mesmo modo, o livro de Henry Webb *Deacons: servant models in church* — provavelmente o livro mais influente dos batistas do sul sobre diáconos nos últimos quarenta anos — detalha o que deve ocorrer numa igreja madura: “Os diáconos rejeitarão o papel de comitê de diretores encarregados de comandar tudo, inclusive de dizer o que o pastor deve fazer” (Henry Webb, *Deacons: servant models in church*, ed. rev. [Nashville: 1980; reimpr., B&H, 2001], p. 61).

Como, entretanto, esse modelo improdutivo surgiu? Webb imagina a cena: “A noção de comitê gestor não começou com uma usurpação de poder por parte dos diáconos. Provavelmente, 150 a 200 anos atrás, alguns membros de certa igreja saíram de uma assembleia dizendo uns aos outros: ‘Ah, isso é muito cansativo. Não tenho certeza se gosto dessas reuniões administrativas. Nós temos que ficar discutindo assuntos nos quais eventualmente divergimos e às vezes até mesmo contendemos. Eu acho que seria ótimo se nós simplesmente chamássemos os diáconos para decidir essas questões e nos dizer o que devemos fazer’. E assim foi fundado o modelo de comitê de diretores para o ministério diaconal. Há dois problemas a respeito dessa abordagem de comitê gestor de diáconos. O primeiro

problema é que as pessoas estão deixando de lado uma responsabilidade que elas não têm o direito de deixar. O segundo problema é que os diáconos assumiram para si essa responsabilidade. Creio que os diáconos a assumiram com boas intenções, imaginando que estariam servindo à congregação. Entretanto, os diáconos não estão de fato servindo às suas congregações quando assumem o papel de comitê gestor” (p. 111). Além disso, Mark Dance, ex-editor executivo da Deacon Magazine, da LifeWay, observa: “Alguns diáconos assumiram uma função mais de supervisão do que de apoio. [Isso começou a acontecer mais de um século atrás] quando algumas igrejas passaram a adotar um modelo secular de comitê. Isso infelizmente resultou numa inversão antibíblica com o ofício pastoral. Em vez de lavar os pés dos pastores, esse modelo encoraja os diáconos a fincar os pés deles no fogo” (Mark Dance, correspondência pessoal, 31 de março de 2020).

O ponto de partida: onde os diáconos tiveram início

Como estão as coisas na sua igreja? Tudo como você sonhou?

Se você é pastor e está acenando positivamente com a cabeça, acho que se encontra no segundo mês de ministério. Sua camisa ainda mantém o leve aroma da cafeteria do seminário. Se você está sorrindo, provavelmente está no segundo ano. Você reflete sobre seu idealismo ingênuo com uma leve virada dos olhos. Se você está chorando, provavelmente se encontra na segunda década. Você ainda tem um grande sonho ministerial: ele se chama ano sabático.

Claro que estou brincando, mas você entendeu. O ministério na igreja costuma ser cansativo, não glamoroso. As coisas com as quais sonhávamos nem sempre são aquelas com as quais ocupamos nossos dias. Quantos e-mails de incentivo sobre sua liderança ou ensino você recebeu nesta semana? Se forem vários, louve a Deus! Se nenhum, bem-vindo ao clube.

Nos últimos anos vem surgindo uma grande quantidade de livros sobre o retorno à simplicidade da igreja primitiva, época em que os cristãos permaneciam em missão e se amavam. Não é sobre isso que trata o livro de Atos? Os perdidos são convertidos, os enfermos são curados e — milagre dos milagres — os santos se dão bem? Ah, se pudéssemos nos livrar de toda essa complexidade e divisão e retornar aos dias de glória de Atos, quando o ministério era simples e a igreja estava unida.

Sem dúvida, essa certamente parecia ser a situação inicial. Lucas relata:

[A igreja] se dedicava ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Sobrevinha temor a cada alma, e muitas maravilhas e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. Todos os que criam estavam juntos e tinham todas as coisas em comum. E vendiam as suas posses e bens e distribuíam o produto a todos, quando alguém tinha necessidade. Todos os dias, frequentando o templo

juntos e partindo pão em suas casas, eles tomavam seu alimento com alegria e o coração grato, louvando a Deus e obtendo o favor de todo o povo. E o Senhor lhes aumentava o número, dia a dia, com os que eram salvos (At 2.42-47).

O que dizer de dois capítulos adiante? Como estão as coisas nesse ponto? Ainda muito boas:

O número completo dos que creram era um só coração e alma, e ninguém dizia que qualquer uma das coisas que lhe pertencia era apenas sua, mas eles tinham tudo em comum. Com grande poder os apóstolos davam seu testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça estava sobre todos eles. Não havia nenhum necessitado entre eles... (At 4.32-34).

E dois capítulos depois desses? Bem, a situação não é mais tão simples. A igreja ainda cresce, mas alguns membros estão chateados.

Isso soa familiar a você?

Geração de conflito

Em Atos 6.1-7, Lucas apresenta um relato atualizado sobre a congregação de Jerusalém:

Ora, naqueles dias em que os discípulos aumentavam em número, surgiu uma reclamação entre os helenistas contra os hebreus porque as viúvas deles estavam sendo negligenciadas na distribuição diária. E os doze convocaram o número total dos discípulos e disseram: “Não é correto que nós deixemos a palavra de Deus para servir às mesas. Portanto, irmãos, escolham entre vocês sete homens

de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, a quem encarregaremos desse dever. Entretanto, nós nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra”. E o que disseram agradou a todos, e eles escolheram Estêvão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, um prosélito de Antioquia. Esses foram colocados diante dos apóstolos, e eles oraram e lhes impuseram as mãos.

E a palavra de Deus continuou a crescer, e o número dos discípulos se multiplicou muito em Jerusalém, e um grande grupo de sacerdotes se tornou obediente à fé.

“Ufa”, suspiramos. Essa foi por pouco.

Pode ser fácil pensar que a ameaça aqui não era de fato tão séria, especialmente porque Lucas é tão cuidadoso em abrir e fechar o relato com boas notícias sobre o aumento de conversões (v. 1a,7). Contudo, não é esse o papel que a abertura e o desfecho de um relato costuma desempenhar:

“os discípulos aumentavam em número” (v. 1a)

“surgiu uma reclamação” (v. 1b-6)

“E a palavra de Deus continuou a crescer, e o número dos discípulos se multiplicou muito” (v. 7)

À medida que lemos o relato, o versículo 7 não se apresenta como uma conclusão antecipada. Ele não representa o resultado esperado e natural. Se o conflito tivesse sido tratado de forma errada, seria possível ler o final dele com estas palavras: “E a palavra de Deus foi comprometida, e os discípulos se dividiram”. Assim, as palavras de Lucas são uma declaração retumbante de que o desastre foi evitado e de que o ministério frutífero pôde prosseguir sem impedimentos.

Nossos devaneios ministeriais tendem a refletir o versículo 7 (“o número dos

discípulos se multiplicou muito”), não é mesmo? Muitos de nossos dias no ministério, entretanto, são preenchidos pelo versículo 1b (“suruiu uma reclamação”). Portanto, Lucas estrutura o relato a fim de torná-lo claro: a alegria do versículo 7 raras vezes chega sem a obra realizada nos versículos 2-6. Na verdade, a reação de nossas igrejas ao conflito pode fazer toda a diferença para o bloqueio ou a aceleração do nosso testemunho do evangelho. Atos 6 é uma história de conflito bem administrado na igreja.

E tudo isso diz respeito aos diáconos.

Os sete

Procura-se em vão pelo substantivo “diáconos” em Atos 6. Como consideraremos logo mais, a forma verbal da palavra aparece várias vezes. Além disso, estudiosos bíblicos entendem há muito que os sete apresentam o padrão do ofício de diácono.¹ Esses homens são os precursores que antevêm, em essência, o papel formal que os diáconos desempenharão em breve nas igrejas locais (e.g., Fp 1.1; 1Tm 3.8-12).

Desse modo, o que podemos aprender sobre os diáconos a partir de um relato que jamais menciona o ofício? Na verdade, podemos aprender muito.

Como vimos, surge a tensão — ou, por fim, vem à tona — na congregação quando alguns judeus gregos, também chamados helenistas, fizeram uma “reclamação” contra sua contraparte hebraica (v. 1). Ao que parecia, as viúvas dentre eles estavam sendo “negligenciadas na distribuição diária” (v. 1b).

Certamente poderíamos imaginar os apóstolos repreendendo esses judeus helenistas angustiados. Afinal, no capítulo anterior, Pedro denunciara a cilada de Ananias e Safira em público (5.1-11), e os apóstolos confrontaram o sumo sacerdote em pessoa: “Devemos obedecer a Deus, e não aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vocês mataram ao pendurá-lo em um madeiro” (5.29,30). Esses não eram indivíduos fracos e de fala mansa. Assim, pode-se imaginar a repreensão: Vocês não percebem como as coisas estão indo bem? Não poderiam estar contentes? Além disso, a igreja diz respeito a Jesus;

por que vocês se concentram em si mesmos?

Mas ninguém disse isso ou algo parecido. Portanto, não devemos presumir ter sido esse apenas um protesto ridículo sobre uma questão menor. Com certeza os apóstolos não enxergaram dessa forma.² No momento em que os apóstolos se deram conta da “divisão ameaçando a alegria da redenção”,³ eles partiram para a ação, convocando “o número total dos discípulos” — que nesse momento contava com cerca de 8 mil pessoas! Estamos, portanto, diante da primeira megaigreja da Bíblia e do que parece ser a reunião dos primeiros membros. Ao lidar com essa imensa quantidade de santos, os apóstolos declaram:

Não é correto que nós deixemos a palavra de Deus para servir às mesas. Portanto, irmãos, escolham entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, a quem encarregaremos desse dever. Entretanto, nós nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra (6.2b-4).

Vale a pena observar pelo menos quatro aspectos aqui:

1. Prioridade do “ministério da palavra”

John Stott habilmente propõe que Atos 6 revela um último estratagema satânico, a culminação de três ataques frontais. As duas primeiras tentativas de Satanás — a perseguição externa (4.1-22) e a corrupção moral interna (5.1-11) — haviam falhado de modo cabal na tentativa de destruir a igreja:

O ataque seguinte do Diabo foi o mais inteligente dos três. Tendo falhado em vencer a igreja mediante a perseguição ou a corrupção, ele agora tentava a distração. Se ele pudesse tornar os apóstolos preocupados com a administração social — algo que, apesar de ser essencial, não consiste na vocação deles —, talvez eles negligenciassem as responsabilidades outorgadas por Deus de orar e

pregar, e assim deixariam a igreja sem qualquer defesa contra a falsa doutrina.⁴

Sem diminuir a importância do cuidado das viúvas, os apóstolos explicitaram qual era o foco de seu trabalho. Eles dedicarão o máximo de sua energia a pastorear a igreja mediante o ensino e a oração. Repare no jogo de palavras traduzidas literalmente:

Não é correto que nós deixemos a palavra de Deus para “diaconar” às mesas. [...] Entretanto, nós nos dedicaremos à oração e a “diaconar” a palavra (At 6.2,4).

Se lido apressadamente, o texto pode parecer um tanto insensível. Estariam os apóstolos ignorando o bem-estar dos vulneráveis? Estariam eles sobrepondo o ministério “espiritual” ao ministério “prático” — ou talvez nem mesmo reconhecendo o último como um ministério genuíno?

Não, de forma nenhuma. Ao priorizar a Escritura e a oração, os apóstolos estão escolhendo permanecer concentrados na totalidade do bem-estar espiritual da igreja, mesmo quando ratificam as necessidades físicas dos judeus de cultura grega.⁵ (Na verdade, eles fazem mais que confirmar essas necessidades; tomam a iniciativa de pôr em marcha uma solução permanente e estrutural.) No entanto, os apóstolos reconhecem uma verdade fundamental: a igreja cujos ministros estão acorrentados à tirania da urgência — que tantas vezes surge como “problemas tangíveis” — é a igreja que remove o coração para fortalecer o braço. É um tipo de suicídio em câmera lenta.

Pode faltar saúde à igreja sem diáconos, mas a igreja sem pregação bíblica não pode existir. De fato, não existe nada parecido com isso.

À medida que o relato do Novo Testamento prossegue e são estabelecidas mais igrejas, o papel dos presbíteros passará a ser descrito de forma mais semelhante ao dos apóstolos. Isso não sugere que os presbíteros equivalem aos apóstolos; existem diferenças importantes.⁶ Contudo, há uma correlação evidente entre os dois papéis: 1) apóstolos e presbíteros⁷ e 2) “os sete” e diáconos.

2. Envolvimento de toda a congregação

Repare que os doze não selecionam os sete de modo unilateral; em vez disso, eles envolvem a igreja toda. (Os “irmãos” do v. 3 são “o número total dos discípulos” do v. 2.)

Por que uma decisão dessa importância incluiria santos comuns, muitos dos quais eram novos convertidos? Duas razões vêm à mente, uma teológica e outra prática. Primeira, os membros da igreja são salvos. Mediante a fé em Cristo, o Espírito Santo passou a residir no coração deles. Eles estão qualificados, portanto, para julgar os assuntos da igreja de Cristo por contarem com o Espírito dele. Segunda, e de caráter mais prático, esses crentes têm ligação direta com o resultado da decisão. Afinal, essa é a igreja deles, e esses são seus correligionários. Os sete homens escolhidos não afetarão apenas as viúvas negligenciadas; eles vão influenciar todo o corpo.

Quão belo, observa Cornelis Van Dam, foi o fato de que “toda a congregação teve que participar da busca da solução, embora o problema afetasse apenas parte dela”.⁸ Muitos membros, um corpo.

Para esclarecer: o envolvimento congregacional não está em conflito com o papel de liderança assumido pelos pastores de uma igreja. Por exemplo, veja como ocorre normalmente o processo de nomeação de diáconos em minha igreja:

Os presbíteros ficam atentos aos candidatos qualificados para diáconos, tendo em mente as necessidades diaconais específicas.

Os presbíteros sempre acolhem, e eventualmente até solicitam, recomendações da congregação de candidatos ao diaconato.

Os presbíteros selecionam um candidato e lhe enviam um questionário (v. apêndice 2).

Ao presumir a disposição do candidato e a confiança contínua dos presbíteros na escolha, eles indicam o candidato para a congregação na reunião dos membros.

Caso seja desejável, a congregação recebe um mês de prazo para formular perguntas em particular e conhecer melhor o candidato.

Na reunião de membros do mês seguinte, a congregação vota para confirmar o candidato ao ofício ou não.

Esse último passo, a propósito, não consiste em mera formalidade. A congregação tem acesso verdadeiro ao freio de emergência, mesmo quando os presbíteros estão ao volante. Apesar disso, um freio de emergência raras vezes é utilizado em um veículo saudável. Na verdade, trata-se de uma séria deficiência espiritual quando uma igreja dispõe de “líderes indignos de confiança ou membros incapazes de se confiar”.⁹

3. Caráter obrigatório

De acordo com o versículo 3, os candidatos ao diaconato devem ser:

“de boa reputação”. Em outras palavras, eles devem ser respeitáveis, conhecidos pelo caráter e pela conduta. O apóstolo Paulo “reforçará” essa virtude em 1Timóteo 3.8-12, texto em que ele exige que os diáconos sejam “dignos”, ou “merecedores de respeito” (NIV). Observe o debate mais extenso dessa passagem no capítulo seguinte.

“cheios do Espírito Santo”. Como cristãos, eles serão habitados pelo Espírito Santo; como cristãos maduros, eles devem ser conhecidos pela submissão à liderança do Espírito em sua vida. Esses não são cristãos que se imaginam como tendo obtido sucesso em sentido espiritual; ao contrário, eles reconhecem as próprias fraquezas e estão decididos a depender do Espírito de Deus onipotente todos os dias.

“[cheios] de sabedoria”. Ser cheio do Espírito significa ser cheio cada vez mais de sabedoria. Afinal, ele é o “espírito de sabedoria” (Ef 1.17), que promete essa dádiva com generosidade aos cristãos que a pedem (Tg 1.17; cf. 1Co 2.13; Cl 1.9). Essa sabedoria não é tampouco um tipo de virtude imaginária. Os principais servos da igreja devem ser conhecidos pelo exercício da sabedoria prática.

É desnecessário dizer que os sete não eram mandriões espirituais, e sim servos do mais alto padrão. Nas palavras de Alexander Strauch: “A congregação escolheu os melhores dentre eles a fim de cuidar dos menores”.¹⁰

4. Divisão do trabalho

Como vimos, os apóstolos não minimizaram a queixa dos judeus de cultura grega. De fato, consertar o equívoco não era considerado algo opcional, mas um “dever” (At 6.3). Mesmo assim, eles creem que os interesses da igreja toda — incluindo-se as viúvas — serão mais bem servidos por meio da divisão estratégica do trabalho. Em vez de se arriscarem a distrair-se do ministério da palavra e da oração, os apóstolos delegaram a um grupo separado a coordenação e resolução do problema.

Isso não significa uma separação em duas equipes espirituais, isto é, um time titular e um time reserva. A observação de Thabiti Anyabwile aqui é sensacional:

Para as sensibilidades modernas, o “servir às mesas” conota às vezes uma posição de nível inferior, degradante. Uma pessoa trabalha como garçom quando está na faculdade ou quando está passando tempo até a carreira decolar. As pessoas consideram essa condição um sacrifício necessário para cobrir as despesas.

Contudo, a situação é muito diferente na igreja do Senhor! Os apóstolos, sob inspiração do Espírito de Deus, parecem ter criado um ofício totalmente novo na

igreja com o propósito específico de servir às mesas. E a grandeza do ofício é percebida: a) no caráter requerido dos indivíduos a fim de ocupá-lo (“cheios do Espírito Santo e de sabedoria”, v. 3); b) no fato de esse procedimento facilitar o ministério da Palavra e a oração; e c) no efeito de unir e fortalecer a igreja toda. O diaconato é importante!¹¹

A divisão estratégica do trabalho, modelada em Atos 6, era um sinal de força na primeira igreja, e ela sinaliza força nas igrejas atuais. Quanto a isso, os pastores (ou diáconos) que tentam realizar todas as tarefas acabam atrapalhando a todos.

Diáconos são AMORTECEDORES DE choque

Das várias lições para os diáconos extraídas de Atos 6, talvez a mais negligenciada seja seu papel estratégico na preservação da unidade da congregação. Os sete não foram usados apenas na solução de uma dificuldade que envolvia a alimentação. Sem dúvida, o alimento gerou a ocasião, mas ele não era o problema mais profundo. O problema mais profundo era a ameaça repentina à unidade da igreja.

Atos 6 é um modelo notável para avaliar o conflito na igreja local, especialmente em razão das partes envolvidas: judeus de cultura grega e judeus de cultura hebraica. Os judeus de cultura grega (v. 1) haviam se dirigido a Jerusalém de outras partes do Império Romano. Vários deles estavam presentes para celebrar o Pentecostes e planejavam voltar para casa após a festa religiosa. Eles não esperavam ouvir uma mensagem que alteraria para sempre a trajetória de sua vida. Lucas nos conta que, em virtude da pregação de Pedro, três mil pessoas foram convertidas, batizadas e unidas à igreja de Jerusalém (At 2.41) — sem dúvida, muitos judeus de cultura grega devem ter sido agregados e escolheram permanecer em Jerusalém. (Não se trata de uma situação em que havia outras igrejas em sua terra natal, pois essa era a primeira igreja.)

Já os judeus de cultura hebraica não eram “forasteiros”; eles haviam crescido no solo da Palestina. Portanto, consideravam-se mais autenticamente judeus que os

recém-chegados de cultura grega, mais fluentes na língua dos pagãos que na língua de Jesus.¹² Contudo, as diferenças não se limitavam ao idioma; elas também compreendiam a etnicidade e a cultura.¹³ Até os historiadores seculares da época escreveram sobre a animosidade existente entre esses grupos, apesar da religião judaica em comum.¹⁴

Por isso o texto de Atos 6 é muito mais que uma trivialidade culinária. Os apóstolos se depararam com uma rachadura que ameaçava dividir a unidade que Cristo morreu para conquistar. Afinal, o evangelho insiste em que nossa unidade em Cristo supere qualquer diferença mundana. Assim, não se engane: os apóstolos não delegaram esse problema a outros irmãos por ele não ser importante, e sim pelo fato de sê-lo. Eles poderiam ter imposto uma solução rápida e superficial e seguir em frente. Em vez disso, estabeleceram a base para uma solução contínua e um ofício permanente na igreja.

Então, como a congregação reagiu? Não passe os olhos correndo pelo versículo 5:

E o que [os apóstolos] disseram agradou a todos, e eles escolheram Estêvão, um homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, um prosélito de Antioquia.

Qual é o significado da lista? Por que Lucas se preocupou em registrar esses nomes? Provavelmente porque todos os nomes são gregos!

Isso é notável. Quase dá para imaginar a manchete: “Congregação de maioria hebraica escolhe sete líderes de cultura grega”. As próprias minorias que sentiam a picada da distribuição injusta de alimentos são as que têm voz e recebem a tarefa e o poder de tomar decisões em nome da igreja toda.¹⁵

Essa lista de nomes é a moral da história que estava escondida. Ao que parece, os judeus de cultura hebraica na igreja valorizavam tanto a unidade que se curvaram para cuidar de suas irmãs de cultura grega — até o ponto de confiarem as suas viúvas a esses irmãos da cultura grega desconhecida.

A seleção dos sete não teve relação com o politicamente correto nem com o

preenchimento de uma cota arbitrária; ela se deveu à solidariedade na aliança e ao ato de “preferir o próximo” ao tratá-lo com honra (Rm 12.10).

Dada a raiz do problema enfrentado pelos sete, pode-se concluir que os diáconos devem ser os que amortecem ondas de choque, não os que as reverberam.

Pessoas briguentas se tornam diáconos medíocres, pois elas apenas agravam o tipo de dor de cabeça que os diáconos pretendem aliviar. Os melhores diáconos, portanto, são muito mais que gerentes de negócios ou trabalhadores manuais. São pessoas com “radares de conflito” bem ajustados. Amam soluções, não dramas, e se levantam para reagir, de modo criativo e construtivo, a fim de promover a harmonia do todo.

Ao traçar as implicações de Atos 6, Mark Dever e Paul Alexander apresentam um ótimo resumo:

Assim, os diáconos servem com o objetivo de cuidar das necessidades físicas e financeiras da igreja, e eles o fazem de modo a sanar divisões, fomentar a unidade sob a Palavra e apoiar a liderança dos presbíteros. Sem esse serviço prático dos diáconos, os presbíteros não estarão livres para se dedicar à oração e à ministração da Palavra ao povo. Os presbíteros precisam de diáconos que sirvam de forma prática, e os diáconos precisam de presbíteros que os guiem em sentido espiritual.¹⁶

Diáconos são solucionadores de problemas

A lição final para os diáconos emerge desse relato. Já destacamos a delegação dos apóstolos e o envolvimento da congregação, até mesmo a autoridade dela, no processo de tomada de decisão. Contudo, não só os apóstolos não dizem à igreja quem escolher, mas também não dizem aos escolhidos o que fazer. Os sete são designados para a solução do problema de distribuição de alimentos, mas não lhes são fornecidas instruções detalhadas sobre como proceder. Não causa espanto que eles precisem ser “cheios de sabedoria” (v. 3)!

Diáconos não devem desejar apenas salvaguardar a unidade. Eles devem ter também um talento especial para solucionar problemas; de modo específico, solucionar problemas a fim de salvaguardar a unidade. Além dos requisitos de caráter para o ofício (1Tm 3.8-12), um candidato ideal ao diaconato deve dispor de um histórico de incorporação e incentivo desse ciclo:

vê um problema

- deseja salvaguardar a unidade
- pensa de modo criativo
- soluciona o problema

Foi concedida aos sete considerável liberdade para lidar com o problema enfrentado pela igreja de Jerusalém. O mesmo deve valer para os diáconos de hoje. Todavia, o arranjo funciona apenas se esses servos forem reconhecidos por solucionar problemas, em vez de perpetuá-los.

Obra silenciosa, efeito profundo

A obra dos diáconos muitas vezes é silenciosa, mas seu efeito é profundo. Lucas não quer que percamos isso de vista. Como já vimos, o que aconteceu após a crise e a constituição do diaconato?

E a palavra de Deus continuou a crescer, e o número dos discípulos se multiplicou muito em Jerusalém, e um grande grupo de sacerdotes se tornou obediente à fé (v. 7).

O texto de Atos 6.1-7 não consiste apenas em um paradigma para o serviço dos diáconos. Trata-se também de um lembrete de que o trabalho dos diáconos, embora muitas vezes se concentre nas necessidades físicas e administrativas, carrega enormes implicações espirituais. Há uma ligação indissociável entre o labor diaconal e o florescimento da Palavra. O ministério público é impossível sem o serviço particular. Se os sete não liberassem os apóstolos para se dedicarem ao ensino e à oração (v. 4), o evangelho não teria se espalhado (v. 7).

Assim, o trabalho dos diáconos é muito significativo. Seus efeitos reverberarão pela eternidade. Tome cuidado para não ter uma visão limitada da função dos diáconos a trabalhos manuais e a planilhas do Excel. Estêvão foi um dos sete, e no capítulo seguinte ele se tornou o primeiro mártir da igreja. Filipe foi um dos sete, e dois capítulos depois ele anuncia o evangelho aos samaritanos (8.4-8) e aos oficiais da corte africana (8.26-40). Ele até surge de passagem no diário de viagem de Paulo: “No dia seguinte partimos e viemos para Cesareia, e entramos na casa de Filipe, o evangelista, um dos sete, e permanecemos com ele” (At 21.8). Ser parte dos sete não confinou Filipe a servir às mesas. Apesar de não ser apóstolo, o irmão era uma máquina tão eficiente de partilhar o evangelho que não se tornou conhecido apenas como “Filipe, o diácono”, mas como “Filipe, o evangelista”.

O conceito bíblico a respeito dos diáconos é glorioso. Que não nos contentemos com menos.

1“Com a consideração de todos os fatores, parece melhor que se entenda a ordenação em Atos 6 como um ofício que mais tarde seria chamado de ‘diácono’. Embora eles não sejam chamados diáconos aqui, os primeiros leitores de Atos podem ter considerado os sete dessa forma. A identificação dos sete como os primeiros diáconos ordenados representa a posição principal da igreja cristã desde o segundo século” (Cornelis Van Dam, *The deacon: biblical foundations for today’s ministry of mercy* [Grand Rapids: Reformation Heritage, 2016], p. 51).

2Van Dam explica: “Negligenciar as viúvas era algo sério. Assim que uma viúva se tornava cristã e era expulsa da sinagoga (v. Jo 9.22; 12.42), ela renunciava à segurança material fornecida pela sinagoga e não podia mais se beneficiar da ajuda aos necessitados. Assim, a viúva cristã precisava de ajuda imediata. A negligência era inadmissível [...] A igreja deveria ser um lugar no mundo onde as viúvas deveriam se sentir completamente em casa” (Van Dam, *The deacon*,

p. 49, 50).

3Van Dam, *The deacon*, p. 49.

4John Stott, *The message of Acts: the Spirit, the Church, and the world* (1990; reimpr., Downers Grove: IVP Academic, 1994), p. 120, grifo do autor [edição em português: *A mensagem de Atos: até os confins da terra, Série A Bíblia Fala Hoje* (São Paulo: ABU, 1994)].

5“Não há qualquer indício de que os apóstolos considerassem o trabalho social inferior ao pastoral ou abaixo de sua dignidade. Era apenas uma questão de chamado. Eles não contavam com a possibilidade de se afastarem da própria tarefa prioritária” (Stott, *The message of Acts*, p. 121).

6Creio que, diferentemente do ofício do presbítero, o ofício dos apóstolos cessou com a morte dos apóstolos. O Novo Testamento usa algumas vezes o termo “apóstolo” de maneira informal para descrever o status de pessoa “enviada” de todos os cristãos (e.g., Fp 2.25); contudo, de modo geral, ele funciona como termo técnico para designar o ofício formal — creio eu — e temporário. Os apóstolos eram identificados por pelos menos dois critérios: 1) eram testemunhas oculares de Jesus ou companheiros muito próximos de uma testemunha ocular; e 2) foram pessoalmente comissionados por Jesus. Considere, por exemplo, a lógica operacional em passagens como At 1.21-26, 1Co 9.1; 15.7 e 2Pe 1.16.

7Para mais informações sobre o papel dos presbíteros, considere o excelente livro de Jeramie Rinne desta série intitulado: *Presbíteros: pastoreando o povo de Deus como Jesus* (São Paulo: Vida Nova, 2016).

8Van Dam, *The deacon*, p. 53.

9Mark Dever, *Understanding church leadership*, Jonathan Leeman, org., *Church Basics* (Nashville: B&H, 2016), p. 37.

10Alexander Strauch, *Paul’s vision for the deacons* (Colorado Springs: Lewis & Roth, 2017), p. 82, n. 1.

11Thabiti Anyabwile, *Finding faithful elders and deacons* (Wheaton: Crossway, 2012), p. 20-1 [edição em português: *Encontrando presbíteros e diáconos fiéis* (São José dos Campos: Fiel, 2015)].

12Isto é, fluente em grego em vez de aramaico. Veja I. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles: an introduction and commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 125-6.

13Stott escreve: “Os [judeus de cultura grega] não apenas falavam grego, também pensavam e se comportavam como gregos, enquanto os [judeus de cultura hebraica] não apenas falavam aramaico, mas estavam profundamente imersos na cultura hebraica. [...] Claro, sempre houve rivalidade entre esses grupos na cultura judaica; a tragédia é a perpetuação disso na nova comunidade de Jesus — que com sua morte aboliu essas distinções” (Stott, *The message of Acts*, p. 120-1).

14K. C. Hanson; Douglas E. Oakman, *Palestine in the time of Jesus: social structures and social conflicts* (Minneapolis: Augsburg Fortress, 1998), p. 149.

15Marshall escreve: “Parece provável que os homens designados tenham procedido da parte da igreja de língua grega que fizera a reclamação original [...] Os sete nomes são todos gregos, o que sugere que seus portadores não eram judeus palestinos” (Marshall, *The Acts of the Apostles*, p. 125, 127).

16Mark Dever; Paul Alexander, *The deliberate church: building your ministry on the gospel* (Wheaton: Crossway, 2005), p. 132 [edição em português: *Igreja intencional: edificando seu ministério sobre o evangelho*, 2. ed. (São José dos Campos, Fiel, 2016)].

Os parâmetros: o que os diáconos devem ser

Imagine uma igreja comum. Vamos chamá-la de Comunidade Middletown. Várias pessoas na congregação são conhecidas e respeitadas por razões diversas. Leroy é o homem de negócios mais bem-sucedido. Shelby é o maior doador. Keith é capaz de consertar qualquer coisa. Alex integra o grupo há quarenta anos. Juan espera se tornar presbítero um dia.

Qualquer um deles tem qualificações para ser diácono?

Uma das tragédias na vida da igreja atual é a falta de atenção ao que são — e ao que não são — os diáconos de acordo com a Bíblia. Várias igrejas parecem contentar-se em continuar a agir com base em seus costumes e tradições sobre o assunto, com as Bíblias fechadas.

Sendo justo, entendo a hesitação:

“Eu não tenho energia para agir. Não me saí muito bem da última vez.”

“O líder sábio precisa escolher suas batalhas. Sem dúvida, isso não é tão urgente.”

“Se não está quebrado, por que consertar?”

Tal modo de pensar pode aparentar certa sabedoria. A paisagem eclesiástica está repleta de destroços de igrejas cujos líderes agiram rápido demais em relação a um problema importante ou deram a um problema pequeno a proporção que ele não merecia. Portanto, não questiono os motivos ou os impulsos de pastores que amam o evangelho e se encontram hesitantes ao guiar seu rebanho em direção a uma compreensão diferente do papel dos diáconos. Com certeza é mais fácil

falar que fazer.

Entretanto, todos nós devemos enfrentar o fato desconfortável de que Jesus não mediu palavras ao se dirigir a líderes apegados à tradição em relação a assuntos sobre os quais Deus já falara (e.g., Mt 15.1-9). E o caráter do diácono é algo sobre o qual Deus já se pronunciou.

Ademais, ignorar as afirmações bíblicas sobre os diáconos não é apenas falta de visão ou erro. Também é algo estranho. Por quê? Porque a Bíblia não fala muito a respeito dos diáconos. Mais uma vez, isso não deveria consistir em mais uma razão para levar a sério a revelação de que dispomos?

Não algo particular nem opcional

A carta que chamamos de 1Timóteo não consiste em uma nota particular a um amigo. Paulo escreve a Timóteo em tom pessoal, sim, mas não de modo particular. O apóstolo faz de sua carta um documento público para orientar todas as igrejas, não apenas o rebanho confiado a Timóteo em Éfeso. Ter raízes culturais não significa ser culturalmente dependente.

A primeira indicação de aplicabilidade universal é vista na forma com que Paulo prefacia suas instruções para a adoração em conjunto: “Desejo que em todo lugar...” (1Tm 2.8). Em outras palavras: “O que eu lhe escrevo, Timóteo, é aplicável em todos os lugares, não só em Éfeso”.¹ Mas a declaração mais inequívoca de Paulo surge no capítulo seguinte:

Espero vê-los em breve, mas lhes escrevo estas coisas para que, caso eu me atrase, vocês saibam como devem se comportar na casa de Deus, a igreja do Deus vivo, pilar e sustentáculo da verdade (1Tm 3.14,15).

Se 1Timóteo conta com uma declaração de propósito, sem dúvida é essa.

Observe três coisas:

As instruções de Paulo nessa carta dirigem-se a Timóteo, mas elas são aplicáveis para todos. Repare em sua preocupação sobre como “alguém” — ou seja, qualquer pessoa (“pessoas”, NIV), não apenas Timóteo — deve liderar a igreja de Deus.

Paulo não apresenta sugestões, conceitos estratégicos ou as “melhores práticas”. Timóteo tem em mãos uma carta com ordens inspiradas por Deus. Repare que Paulo não afirma revelar apenas como uma pessoa poderia se comportar na igreja. Ele afirma como alguém deve se comportar, uma palavra repleta de força moral.

O que são “estas coisas” que objetivam reger a prática eclesiástica? Creio que Paulo se refira ao conteúdo de toda a sua carta, mas qual é o contexto imediato? Quais são as “coisas” moralmente obrigatórias com que ele acaba de lidar? São elas as qualificações dos diáconos.

Depois de colocar em uma lista as características para a elegibilidade ao ofício de bispo² nos versículos 1 a 7, Paulo volta a atenção para o ofício de diácono nos versículos 8 a 13:

Da mesma forma, os diáconos devem ser dignos de respeito, não de língua dobre, não apegados a muito vinho, não cobiçosos por ganhos desonestos. Eles devem manter o mistério da fé com a consciência limpa. E que também sejam testados primeiro; então, sirvam como diáconos, caso se mostrem livres de culpa. Suas esposas [ou “as mulheres”]³ também devem ser dignas, não caluniadoras, mas moderadas, fiéis em todas as coisas. Que cada diácono seja marido de uma só esposa, cuidando bem de seus filhos e da própria casa. Pois os que servem bem como diáconos obtêm boa reputação e também grande confiança na fé que há em Cristo Jesus.

Assim, Leroy, Shelby, Keith, Alex ou Juan devem ser instalados como diáconos da igreja da Middletown Community? Talvez. Mas a resposta não se encontra na lista de seus atributos prévios, e sim no fato de sua vida incluir todo esse importante parágrafo.

A medida da vida de um diácono

Talvez o ponto mais surpreendente aqui consista no desinteresse relativo de Paulo sobre o que os diáconos em potencial são capazes de fazer. Esse parágrafo não versa sobre um conjunto de habilidades. Seu foco jaz diretamente em quem devem ser os diáconos. (Não perca essa lição fácil de esquecer: Deus se preocupa mais com o caráter que com as habilidades.)⁴

Os requisitos para ser um diácono estão divididos em três afirmações “negativas” e três “positivas” — mas, em primeiro lugar, um requisito se sobressai aos outros como uma bandeira no mastro: os diáconos devem ser “dignos de respeito”. Isso não significa que devem ser perfeitos, e sim que devem ser humildes, piedosos e exemplares para o rebanho. Assim, na prática, qual o significado de serem dignos de respeito? A passagem destaca seis coisas.

Paulo lista as qualidades “negativas” em primeiro lugar — o que o diácono não deve ser. As três se relacionam especificamente com um fruto do Espírito: o autocontrole.

1. Não de língua dobre

Os diáconos qualificados se esforçam para controlar a língua. Pelo fato de o ministério dos diáconos consistir em servir, eles manterão incontáveis interações com as pessoas. E essas interações não ocorrerão sempre com os santos mais radiantes. Os diáconos serão confrontados muitas vezes com pessoas que sofrem e passam por lutas — algumas delas se encontrarão descontentes e propensas a

reclamar.

Em todas essas interações, o diácono deve ser compassivo, permanecendo ao mesmo tempo vigilante e em guarda. Os diáconos que cumprem o papel bíblico guardarão:

A língua, a fim de não revelar informações que as pessoas por eles servidas não devem saber ou apenas não precisam saber: “Sim, o pastor Mike se comporta desse jeito às vezes. Que fique entre nós: é uma grande luta até para alguns de nós, diáconos”.

Os ouvidos, para não fazerem parte de alguma fofoca ou calúnia contra líderes da igreja ou outros membros: “É mesmo? Ela disse isso? Eu já suspeitava, mas agora mantereí distância de uma vez por todas!”.

A língua (mais uma vez), a fim de não incorrerem em uma fofoca ou calúnia quando relatam conversas ou informações a outras pessoas. É difícil, depois de ouvir algo mais embaraçoso ou “picante”, não repassar a informação — talvez ocultando-a sob a forma de um “pedido de oração”: “Precisamos muito orar pelo Earl — que Deus o abençoe! — ele ainda não parece ter se encontrado”.

Ter a língua dobre não consiste em uma pequena falha ou peculiaridade do caráter; trata-se de um sintoma de orgulho hipócrita. Significa afirmar em sua consciência uma coisa para um grupo e, então, dizer ou insinuar outra coisa para um grupo diferente. A falsidade aponta para o temor dos homens, e o diácono movido pelo temor dos homens pode destruir uma igreja toda.

Adulação, como se pode perceber, é dizer na presença da pessoa o que não se diria pelas costas dela, ao passo que a fofoca consiste em dizer pelas costas da pessoa o que não se diria diante dela.⁵ Alguém qualificado para ser diácono evita as duas coisas. Mas, tendo em mente que um diácono vive para agradar as pessoas, isso será impossível, pois apenas o temor a Deus pode afastar o temor dos homens.

Satanás fará qualquer coisa para conseguir ganhar uma posição na casa do Inimigo (Ef 4.27). Um diácono maduro não usará suas palavras para criar uma

fenda na porta.

2. Não apegados a muito vinho

Os diáconos não devem ter apenas autocontrole em relação ao que falam; também devem fazer uso do autocontrole em relação a seus desejos. Esse padrão proíbe a embriaguez (cf. Ef 5.18) e desafia qualquer coisa que possa escravizar o coração do diácono ou prejudicar seu julgamento.

É possível que Paulo tenha incluído essa qualificação pelo fato de a natureza do trabalho diaconal incluir às vezes o ato de levar vinho aos doentes por razões medicinais (1Tm 5.23). Mas, seja qual for o propósito, o princípio é claro: as pessoas qualificadas para serem diáconos não devem ceder aos desejos ou abusar de substâncias que impediriam seu trabalho ou testemunho.

3. Não cobiçosos por ganhos desonestos

Os diáconos que cumprem seu papel bíblico controlarão sua fala, seus desejos e também seu bolso (de modo específico, o que entra no bolso deles). Apesar de essas virtudes marcarem todo cristão maduro, a especificidade do trabalho diaconal às vezes colocará os diáconos em contato com o dinheiro da igreja. Assim, Paulo adverte contra a instalação de alguém conhecido por ser enganador, usar atalhos morais ou ser obcecado por dinheiro. A pessoa mundana e materialista lutará contra a ganância, que, por sua vez, alimentará a tentação para obter ganhos desonestos. Então, essa deve ser uma área em que o diácono demonstre autocontrole incontestável.

Depois de listar essas exigências “negativas”, Paulo volta sua atenção para as três “positivas”.

4. Devem manter o mistério da fé com a consciência limpa

Pode ser fácil supor que os diáconos — dado o foco prático de seu trabalho — não precisam saber muito sobre doutrinas. Alguém pode pensar que a obra dos diáconos é braçal, não intelectual. Eles não podem cuidar da sua área e deixar a teologia com os pastores? Não de acordo com a Escritura. É verdade que a responsabilidade primária do ensino e governo recai sobre os presbíteros da igreja — e o papel de presbíteros e diáconos não deve ser confundido —, mas os diáconos não estão dispensados do conhecimento bíblico. Na verdade, eles se encontrarão muitas vezes em situações em que terão a oportunidade de anunciar a verdade bíblica. Assim, a questão não é se os diáconos serão teólogos, e sim se eles serão bons teólogos.

Quando Paulo usa a palavra “mistério”, como faz muitas vezes, ele não está mencionando um gênero de romances romanos. Refere-se à verdade divina antes oculta e agora revelada. Paulo está se referindo ao conteúdo do evangelho e da doutrina cristã. Repare que essa breve qualificação de fato demanda três coisas dos diáconos em potencial. Eles devem:

Conhecer a fé. Isso é implícito e óbvio, pois não se pode reter o que não se sabe. O diácono qualificado se sente disposto a crescer no entendimento claro a respeito de Deus, da humanidade, de Cristo, da salvação, e assim por diante. Isso não significa que o diácono deva ser o maior leitor da igreja, mas significa que terá fome de aprender as coisas de Deus.

Manter a fé. Toda verdade que o diácono absorve com a mente deve ser retida pelo coração. Quem se envergonha das verdades bíblicas que se chocam com as tendências culturais atuais ainda não está qualificado para servir como diácono. A Palavra de Deus é preciosa; procure por quem a recebe com alegria humilde.

Viver a fé. Não é suficiente conhecer e se apegar ao que é verdadeiro; Paulo também insiste em que a consciência do diácono deve estar limpa.⁶ Isso faz referência às qualificações prévias, claro, pois a hipocrisia — expressa pela deslealdade, pelos vícios secretos ou pelo lucro desonesto — pouco a pouco eliminará a consciência limpa. Contudo, o diácono com a consciência limpa

será uma pessoa de integridade moral e coragem. Recordo-me das palavras de Atticus Finch na obra de Harper Lee, To kill a mockingbird [Matar a inocência]: “A consciência pessoal é a única coisa que não obedece à decisão da maioria”.⁷ A clareza da consciência não é o padrão absoluto, pois a consciência também caiu, mas ela é bem importante. O diácono com a consciência sadia terá pouco a prestar contas a Deus em virtude da confissão e do arrependimento genuínos e contínuos (cf. 1Jo 1.9).

5. Testados e aprovados

Quantas vezes a igreja foi prejudicada por alguém que não deveria ser um diácono? E quantas dessas vezes o desastre poderia ter sido evitado ao se atender à qualificação quanto aos candidatos serem “testados” e terem se mostrado “livres de culpa”?

Imagino que uma razão para esse padrão ser posto de lado decorra do fato de Paulo não ser explícito sobre a duração ou a natureza do teste. O que o processo deve implicar e quanto tempo deve durar? As próprias igrejas devem usar sua sabedoria e discernimento com oração. Inegociável, entretanto, é a necessidade de ocorrer um período de testes.

Em minha própria igreja, como mencionei antes, pelo menos três passos devem ocorrer antes de alguém se tornar diácono. Para começar, os presbíteros debaterão se a pessoa seria uma boa opção para o cargo. Se houver acordo, presumindo que ele deseja servir, então o convidaremos a preencher um questionário (v. apêndice 2). Esse valioso documento dá aos presbíteros uma melhor percepção das convicções e práticas, dos pontos fortes e fracos do candidato. Por fim, designa-se a pessoa na reunião com os membros, incentivando a igreja a reservar um mês para considerar a aptidão dessa pessoa para o ofício e apresentar suas impressões particulares aos presbíteros. Tudo isso ocorre antes de a congregação votar formalmente sobre a instalação da pessoa no diaconato.

Igrejas diferentes testarão os candidatos a diácono de modos diversos. E isso é bom. O processo que descrevi tem funcionado bem na política congregacional

regida pelo consenso dos presbíteros de nossa igreja; contudo, o mais importante é que sua igreja conte com alguns meios de examinar o caráter e a competência dos diáconos em potencial — antes que seja tarde demais. Paulo inclui essa qualificação a fim de proteger o precioso corpo de Cristo.

6. Vida familiar com fidelidade

A exigência final de Paulo consiste na extensão da piedade do diácono aos seus relacionamentos mais íntimos. Não, isso está errado: a piedade deve começar pelos relacionamentos mais íntimos.

Se um homem for casado, ele deverá amar sua mulher e ser totalmente fiel a ela — marido de uma só esposa.⁸ A igreja pode sempre contar com outro diácono, mas a esposa de um diácono não pode ter outro marido. Servir ao cônjuge é o melhor campo de treinamento para servir aos santos.

Se o diácono tiver filhos, deverá criá-los em um ambiente de firmeza gentil e amor alegre, estabelecendo não apenas as crenças, mas também a moral do lar. Ou seja, ele deve administrar sua família com ponderação e diligência, treinando assim o próprio coração para servir à igreja da mesma forma.

O apóstolo não poderia ser mais claro: não existe bom diácono que seja péssimo marido ou pai. Ser um “bom pai de família” não é um bônus quando se considera alguém para o diaconato; trata-se de um pré-requisito.

A promessa

Antes de sair do tema dos diáconos, Paulo enfatiza mais um ponto crítico. Ele sabe que “diaconar” não é para os fracos de coração. Grande parte do serviço prestado é ingrato: trabalho pesado, sem chamar a atenção. Então, o que sustentará o diácono em meio à exaustão e ao desânimo? Uma promessa:

Pois os que servem bem como diáconos obterão uma boa posição para si mesmos e também grande confiança na fé em Cristo Jesus (1Tm 3.13).

O diácono fiel receberá dois dons em medida crescente: respeito e ousadia. O primeiro vem horizontalmente da igreja; o outro desce verticalmente de Deus. Tendo em vista a forma “descendente” do trabalho diaconal, a promessa de respeito conta com uma beleza particular, não é? Embora o chamado para o serviço diaconal não seja glamoroso, a recompensa é gloriosa. Nesse ínterim, a comissão de Paulo em Gálatas 6.9 aplica-se a todo diácono: “Que não cansemos de fazer o bem, pois no tempo certo colheremos, se não tivermos desistido”.

Os diáconos em sua igreja se sentem respeitados? Eles sabem o quanto você aprecia seu serviço? Antes de passar para o próximo capítulo, reserve um momento para incentivar os diáconos de sua igreja. Ligue para eles. Compre-lhes um cartão-presente. Ofereça-se para cuidar dos filhos deles. Envie-lhes um e-mail. Basta fazer algo para estimulá-los: “uma palavra no tempo certo, quão boa ela é!” (Pv 15.23; cf. 25.11; 16.24). Tais encorajamentos servem para o bem do rebanho e para a glória de Deus.

Já não ouvimos isso antes?

Acho interessante que os padrões de Paulo para os diáconos não representam a primeira vez que a igreja de Éfeso (onde Timóteo servia) ouviu falar desses temas. Os paralelos temáticos entre sua carta mais geral aos membros da igreja de Éfeso, escrita por volta de 60 d.C., e a lista das qualificações para os diáconos em 1Timóteo 3.8-13, escrita por volta de 62-64 d.C., são impressionantes.

O diácono deve...
Não ter a língua dobre

Efésios
4.29

Não ser apegado a muito vinho	5.18
Não ser cobiçoso por ganhos desonestos	4.28; 5.5
Manter o mistério da fé	3.1-10
Ser fiel no casamento	5.22-33
Cuidar bem de seus filhos	6.1-4
O diácono irá...	
Obter confiança na fé	6.19

Qual a importância disso? Considere apenas o que tal fato revela. Isso mostra que, acima de tudo, o diácono deve ser simplesmente um cristão fiel. O teólogo D. A. Carson observou que o aspecto mais extraordinário sobre as qualificações dos presbíteros (1Tm 3.1-7; Tt 1.6-9) consiste em seu caráter ordinário. Pode-se fazer a mesma observação às qualificações dos diáconos — menos uma, pois o diácono não precisa ser “capaz de ensinar” como o presbítero (1Tm 3.2).

Os padrões encontrados em 1Timóteo 3.8-13 soam com um tom inegociável: os diáconos devem se revestir do caráter esperado de todos os cristãos. Entretanto, eles devem ser exemplares no que é ordinário. Os diáconos são as pessoas de sua igreja sobre as quais você deveria poder dizer: “Irmão, você deseja promover a unidade? Irmã, você deseja crescer como serva? Olhe para eles”.

Não há sistema melhor

Os santos da igreja Middletown Community agradecem com razão a perspicácia de Leroy para os negócios, a generosidade de Shelby, o talento de Keith para consertar as coisas, a longevidade do cargo de Alex e o desejo de Juan de servir como presbítero.

Todos esses elementos descritores são coisas boas na vida de uma igreja. Todavia, como já vimos, nenhum deles, considerado isoladamente, qualifica alguém para servir como diácono. Para determinar a aptidão para o ofício de diácono, a congregação precisará contrastar a vida de cada candidato com o padrão exclusivo do sistema inspirado por Deus: 1Timóteo 3.8-13.

1Também não perca de vista como Paulo finaliza a carta: “A graça esteja com vocês” (1Tm 6.21). O termo plural “vocês” indica que ele não está se dirigindo apenas a Timóteo.

2Ou “presbítero” ou “pastor”. A despeito de ênfases ligeiramente diferentes, os três termos são intercambiáveis no Novo Testamento e se referem ao mesmo ofício na igreja local (cp. At 20.17,28; Tt 1.5,7; 1Pe 5.1,2).

3Veja o debate sobre esse versículo no apêndice 1, “Mulheres podem ser diaconisas?”.

4Gregg Allison e Ryan Welsh estão certos: “Muitas vezes, infelizmente, os termos das qualificações [...] são substituídos pelo pragmatismo impulsionado pela urgência: atraídos pela limitação do tempo e pelas capacidades humanas, os pastores podem causar dano ao instalar líderes com habilidades, mas desprovidos das qualificações” (Gregg Allison; Ryan Welsh, *Raising the dust: “how-to” equip deacons to serve the church* [Louisville: Sojourn Network, 2019], p. 11).

5R. Kent Hughes, *Disciplines of a godly man*, ed. de 10º aniversário (Wheaton: Crossway, 2006), p. 139.

6Um livro útil sobre a consciência é Andrew David Naselli; J. D. Crowley, *Conscience: what it is, how to train it, and loving those who differ* (Wheaton: Crossway, 2016). Para uma análise mais breve, veja Kevin DeYoung, *The art of turning: from sin to Christ for a joyfully clear conscience* (LaGrange: 10Publishing, 2017).

7Harper Lee, *To kill a mockingbird* (New York: Grand Central, 1960), p. 140 [edição em português: *O sol é para todos*, tradução de Beatriz Horta (Rio de Janeiro: José Olympio, 2006)].

8O divórcio no passado de alguém desqualifica a pessoa de maneira automática e permanente para o ofício diaconal? Não estou convencido disso. A qualificação “marido de uma só esposa” se aplica à fidelidade ao cônjuge atual. Qual é a reputação dessa pessoa agora? Ela pode ser considerada um modelo por seguir fielmente a Cristo? Também não acredito que os cristãos que se encontram sozinhos — quem nunca se casou ou está viúvo — sejam inerentemente desqualificados. A expressão “marido de uma só esposa” se refere à castidade inquestionável em todos os relacionamentos da pessoa.

A análise: o que os diáconos devem fazer

Nick se tornou diácono três anos atrás, e ele usa esse fato como uma medalha de honra. Sim, ele é rápido para dar um “glória a Deus” baixinho por cada reconhecimento que recebe, mas parece que sua identidade de membro da igreja — talvez até mesmo sua identidade cristã — está atrelada à sua posição de diácono. Por esse motivo, ele não é muito flexível. Tão logo Nick concebe uma ideia, as hostes celestiais devem se preparar para bater em retirada. Afinal, ele não é um leigo qualquer, e sim um diácono.

Bill foi instalado como diácono quando o pastor titular, Chase, estava no jardim de infância. Com 27 anos de serviços prestados, Bill não vai permitir que um frangote bem intencionado se intrometa em seu papel e o “reinvente”. “Não duvido de que ele tenha aprendido algo interessante no seminário”, Bill pensa, “mas este é o mundo real. Sirvo a esta igreja como diácono há mais tempo do que o que Chase gastou estudando no seminário. Se ele não gosta de como fazemos as coisas por aqui, ele pode se sentir à vontade para encontrar outra igreja”.

Craig serviu de líder dos diáconos durante dez anos e é amado por todos. No início de seu mandato, ele contornou com habilidade os déficits orçamentários consecutivos que quase afundaram a igreja. Craig conta com seriedade e influência. Sempre que ele fala, duas coisas acontecem: as pessoas ouvem e as coisas são feitas. Nos últimos meses, o pastor Ryan começou a ensinar sobre o tema da liderança da igreja, e isso desagradou algumas pessoas. Ao que parece, ele participou de um congresso de fim de semana, leu alguns livros, e agora quer rebaixar os diáconos. Ou pelo menos é o que parece. O que mais poderia significar a conversa sobre “instalar presbíteros”? Craig, porém, não sente a angústia dos demais diáconos. “Irmãos”, ele diz, “temos servido a esta igreja há muito tempo, e o fizemos com fidelidade, mas isso não significa que não temos nada a aprender. Quando foi a última vez que nós estudamos de fato o que as Escrituras ensinam acerca dos diáconos? Penso que deveríamos ouvir o que o pastor Ryan tem a dizer”.

Descrição do trabalho

Nos dois capítulos anteriores nós nos concentramos no que o diácono deve ser. Vimos que o caráter é fundamental, não um conjunto de habilidades obtidas ao longo da vida. Todavia, o caráter não é tudo. Afinal, os diáconos não foram instalados para ter tempos de sossego; eles são encarregados da realização de tarefas.

Vamos explorar em mais detalhes o que o diácono deve fazer. No nível mais amplo, acredito que o trabalho diaconal englobe três aspectos da vida da igreja.

1. Descobrir necessidades tangíveis e supri-las

Uma igreja em que os diáconos não atuam de acordo com a Bíblia será constantemente desviada de sua missão principal, que é fazer discípulos (Mt 28.18-20). Essa era a intenção aparente por trás da decisão dos apóstolos de estabelecer os sete em Atos 6: a distribuição injusta de alimentos provocou uma reclamação séria e expôs uma falha inquietante na igreja. A resolução da tensão era importante, e mais: urgente. No entanto, os apóstolos tinham a convicção e os meios necessários para detectar uma ameaça ainda maior: enfrentar todos os problemas de curto prazo de uma vez só abriria o caminho para um desastre de longo prazo. A negligência do ministério de ensino e oração acabaria por destruir o próprio cerne da igreja.

Assim, os apóstolos orientaram a congregação para a separação de sete homens, conhecidos por sua piedade e sabedoria, que coordenariam uma solução. De acordo com esse precedente, o trabalho diaconal ao longo dos séculos se concentrou principalmente nas necessidades tangíveis, em particular no cuidado de pobres e vulneráveis. Na verdade, o trabalho diaconal nunca deve envolver menos que o ministério de misericórdia ou a benevolência. O princípio mais amplo da função do diácono, no entanto, inclui qualquer coisa na vida da igreja

que ameace distrair e desviar os presbíteros de suas responsabilidades primárias.

Tudo isso sugere que o diácono deve ser hábil na detecção de necessidades práticas e, então, deve tomar a iniciativa de supri-las com eficiência. Contudo, os melhores diáconos não reagem apenas aos problemas presentes; eles também antecipam os problemas futuros.¹ Eles amam pensar em soluções criativas para qualquer problema capaz de atrapalhar o trabalho dos presbíteros e o florescimento da Palavra.

Assim, os diáconos bíblicos são como a linha ofensiva da congregação, cujo trabalho é proteger o quarterback.² Os que integram essa linha ofensiva raras vezes recebem atenção, muito menos crédito, mas seu trabalho é imprescindível para a guarda e o avanço do ministério da Palavra. Sem diáconos efetivos, os presbíteros sofrerão incessantes distrações e serão excluídos do jogo em consequência de uma onda de demandas práticas.

Pastor, quando avaliar futuros candidatos ao diaconato, procure santos piedosos que enxerguem e atendam às necessidades com discrição (eles não precisam de crédito nem o querem), às suas próprias custas (eles se sacrificam) e sem serem solicitados (eles tomam a iniciativa para resolver os problemas).³ Os sinais de alerta no candidato a diácono, então, incluirão não só a tendência a ser briguento, mas também a tendência a ser desorganizado ou não confiável. Por isso já afirmei que o caráter, ainda que seja o principal, não é tudo. Um membro piedoso que sempre se cansa com facilidade, ou nunca responde aos e-mails, ou precisa de que lhe digam muitas vezes o que fazer, não é uma boa opção para o cargo. O diácono deve ser confiável, não cobiçoso de autoridade e sem necessidade de tutela de babás. Em essência, o diácono deve ser “um par de mãos seguras”.

Mostre-me uma igreja com pastores distraídos e a missão fora dos eixos, e eu lhe mostrarei uma igreja sem diáconos eficientes.

2. Proteger e promover a unidade da igreja

O diaconato foi projetado para salvaguardar a harmonia da igreja. Assim como

os sete foram incumbidos de manter a unidade da igreja de Jerusalém, os diáconos hoje (como vimos) devem desempenhar um papel fundamental como “amortecedores de choques” na vida congregacional.

O cristão briguento, portanto, será um diácono ruim. Então, o que deve caracterizar o diácono? Uma humildade evidente. Um espírito de gentileza. Uma vontade de ser flexível. A capacidade de ser veemente sem ser combativo.

Uma forma de discernir se um candidato a diácono está “pronto” para o papel é simplesmente considerar se seu reflexo é facilmente visto em versículos como os seguintes:

“Benditos são os pacificadores, pois eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9). Observe que Jesus elogia os pacificadores, não os meros mantenedores da paz. Não é suficiente se abster de contendas; na verdade, isso pode até mesmo indicar certo temor debilitante de homens. Em vez disso, Provérbios nos ensina que “quem planeja a paz terá alegria” (Pv 12.20). Diácono, você apenas afirma a beleza da paz ou você a planeja? As outras pessoas o descreveriam como alguém que “busca a paz e a persegue” (Sl 34.14)?

“O bom senso do homem o torna tardio à irae é a sua glória ignorar uma ofensa” (Pv 19.11). Diácono, você é capaz de deixar as coisas seguirem seu curso? O autocontrole é a marca de suas respostas às inevitáveis divergências com outras pessoas? Não falo sobre a autoridade da Escritura ou a divindade de Cristo. Refiro-me às questões menores, coisas sobre as quais pessoas razoáveis podem divergir. Ou você está inclinado a tratar cada questão como se fosse uma emergência eclesial?

“Apelo a vocês, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que todos estejam de acordo, e que não haja divisões entre vocês, mas que estejam unidos na mesmamente e no mesmo parecer. Pois fui informado por pessoas da parte de Cloe de que há disputas entre vocês, meus irmãos” (1Co 1.10,11). Como exemplos para o rebanho, os diáconos devem ser especialmente tardios em perpetuar qualquer tipo de espírito partidário. Satanás adora ver o facciosismo expandir seus tentáculos e sufocar uma igreja pouco a pouco. Diácono, você está atento aos esquemas dele (2Co 2.11)? Evitar divisões é algo bom; antecipar-se e frustrar tal tendência em outras pessoas é ainda melhor.

“Suplico a Evódia e à Síntique que concordem no Senhor” (Fp 4.2). Esse versículo, como os outros, certamente não se dirige apenas a diáconos. Mas os diáconos de uma congregação devem estar entre os primeiros a dar forma a esse tipo de reação “vamos entrar em acordo”. Para esclarecer: o apelo ao acordo não equivale à homogeneidade. A questão não é suprimir quem Deus o fez ser, jamais expressar sua opinião, evitar todo desacordo ou estimular uma congregação de clones. Isso se chama uniformidade e consiste na essência das seitas. A marca das igrejas saudáveis é a unidade — que é algo mais bagunçado e mais belo que a mera homogeneidade. Os diáconos devem se encontrar nas linhas de frente a fim de estimular esse tipo de acordo obtido à custa de muito esforço no Senhor.

A última passagem para ponderar é 1Coríntios 13. O famoso “capítulo do amor” não existe porque Paulo colocou um antigo sermão de casamento no lugar errado. Essa passagem não objetiva estimular o afeto de um casal apaixonado, com brilho nos olhos, e sim fazer uma igreja dividida sentir vergonha. Se você for um diácono, aqui está um desafio: releia logo 1Coríntios 13. Leia o texto devagar e considere com honestidade como você avalia sua vida atual — incluindo seu comportamento como diácono. Mas não pare por aí. Encontre alguém que o conheça bem — de preferência um líder de sua igreja — e lhe peça para fazer uma avaliação honesta. Como é possível enxergar sua conduta e atitude como reflexos do amor descrito em 1Coríntios 13? Onde é difícil perceber esse reflexo?

O tipo de amor de valor absoluto, Paulo diz, “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Co 13.7). Diácono, você está na linha de frente para estimular os demais membros da igreja a esperar o melhor das outras pessoas, a conceder o benefício da dúvida, a se tornar fácil de agradar e difícil de ofender?

Considere a descoberta de Mark Dever aqui:

Não deseje que pessoas infelizes com sua igreja sirvam como diáconos. Os diáconos nunca devem ser quem mais reclama ou conflita com a igreja por meio de suas ações ou atitudes. Ao contrário! [...] Não nomeie diáconos que não reconheçam a importância do ministério da pregação e do ensino, e sim pessoas

que se preocupam em protegê-lo. Em sentido mais amplo, faça com que as pessoas que mais apoiam a igreja sirvam como diáconos. Assim, quando você estiver considerando quem deve servir como diácono, procure pessoas com dons de encorajamento.⁴

O diácono qualificado fomentará de modo considerável o tipo de amor que une e que é ordenado pela Bíblia com tanta clareza.

3. Servir ao ministério dos presbíteros e apoiá-lo

Uma de minhas séries prediletas de televisão é *The West Wing* (Nos bastidores do poder), um drama político do início dos anos 2000 que retrata a vida na Casa Branca. Ao longo das sete temporadas da série, vários personagens usam uma expressão que soa quase como um mantra: “Estou às ordens do presidente”.

Da mesma forma, os diáconos piedosos de uma igreja saudável sempre dirão: “Estamos às ordens dos presbíteros”. Essa linguagem não é autoritária, pois, do mesmo modo como o presidente americano presta contas ao povo americano, assim os presbíteros da igreja prestam contas, em última instância, aos membros da igreja. (E, claro, em sentido mais fundamental, os presbíteros estão às ordens do Rei Jesus.) Não obstante, Jesus incorporou diferentes camadas de autoridade vivificante à sua igreja. Os diáconos estão às ordens dos presbíteros não porque os presbíteros sejam as autoridades máximas, mas, sim, porque Jesus é a autoridade final. Em sua sabedoria imensurável, ele projetou sua igreja para funcionar dessa maneira.

Acredito que Alexander Strauch argumentou de forma persuasiva nessa mesma linha, dizendo que os diáconos são melhor compreendidos como “assistentes formais dos presbíteros”.⁵

Antes de prosseguir, devo reconhecer que nem todas as igrejas têm presbíteros. Em muitos casos, o conselho diaconal pode funcionar como se fosse um presbitério. Caso sua igreja seja estruturada assim, posso desafiá-lo de duas maneiras? Primeira, considere novamente o argumento bíblico dos presbíteros

como um ofício separado, dedicado a supervisão e ensino. Os presbíteros não são, como alguns podem supor, apenas “algo presbiteriano”. Eles são algo bíblico. E considero convincente o argumento sobre esse ofício distinto.⁶

Segunda, independentemente de seu posicionamento atual sobre a questão dos presbíteros, não desista deste livro. Não permita que o termo “presbíteros” distraia você do ensino bíblico a respeito dos diáconos. Quando afirmo que os diáconos devem servir como assistentes dos presbíteros, em algumas igrejas isso será exemplificado, pelo menos por enquanto, como assistentes da equipe pastoral. Tudo bem. Contudo, à medida que seus diáconos agem como pseudopresbíteros, a necessidade de repensar seu modelo à luz da Escritura é ainda mais urgente, por uma simples razão: quando diáconos agem como presbíteros, quem desempenha o papel dos diáconos? Nessas circunstâncias, a congregação é privada da bênção dos dois ofícios delineados pela Palavra de Deus.

Tudo bem, parênteses fechados. De volta à premissa dos diáconos como “assistentes formais dos presbíteros”. O livro mais recente de Strauch sobre o diaconato, *Paul’s vision for the deacons* [O conceito de Paulo sobre os diáconos], é um recurso fundamental na defesa desse ponto de vista. Ele reúne diversos pontos proeminentes; vou mencionar três.

O primeiro é um pouco técnico, mas veja: o grupo de palavras diakon- [“diácono”] nem sempre está relacionado com a ideia de servir à mesa. Ele pode expressar atuação sob a ordem de um superior. De fato, é assim que o primeiro verbete do principal léxico grego-inglês (mais conhecido como BDAG) o apresenta. Ao se concentrar no trabalho inovador de Clarence D. Agan III,⁷ Strauch destaca: “Nos últimos anos, os estudiosos mostraram a existência de uma gama linguística mais ampla de significado do grupo de palavras diakon- que a reconhecida antes”. Em outras palavras, ela não se limita à conotação de servir, ou trabalhar, à mesa. “Em vários contextos”, Strauch escreve, “a ideia é a de um subordinado cumprindo uma atribuição em nome de alguém superior com plena autoridade para executar a tarefa delegada pelo superior”.⁸

Segundo, nessa mesma esteira, não existe nada no contexto de 1Timóteo 3 que sugira — e muito menos demande — a função dos diáconos apenas como oficiais que servem às mesas e cuidam dos pobres. Mesmo em Atos 6, texto em que a ideia se encontra plenamente presente, os sete servem sob a ordem dos apóstolos. Assim, com certeza, a implicação mais natural não é que o foco

diaconal se limite ao ministério de misericórdia, mas que ele não pode excluir em hipótese alguma o ministério de misericórdia. Muitas outras necessidades podem surgir como empecilhos ao ministério da Palavra e da oração por parte dos presbíteros e, portanto, demandar a atenção dos diáconos.

Terceiro, é notável, e não acidental, que Paulo volte a atenção para os diáconos (1Tm 3.8-12) logo após o debate sobre os presbíteros (1Tm 3.1-7). É como se ele não quisesse que nós recuperássemos o fôlego a fim de não perdermos a conexão inseparável — nem mesmo a ordem lógica — entre os dois ofícios. A estrutura da passagem sugere que os diáconos estão emparelhados com os presbíteros que apoiam e também são subordinados a eles. “Os diáconos não constituem um grupo separado e autônomo de oficiais desligados do conjunto de bispos”, Strauch observa. “Como o contexto e os próprios termos indicam, os diakonoi [diáconos] agem sob a liderança dos episkopoi [bispos]. Os diakonoi assistem os episkopoi ao representar em caráter oficial os bispos e mantendo-se prontos para realizar as tarefas delegadas pelos bispos.”⁹ Esse relacionamento entre os ofícios também está subentendido em outra passagem em que são mencionados os diáconos (no plural):

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que se encontram em Filipos, com os bispos e diáconos (Fp 1.1).

O propósito dos diáconos está ligado de forma inseparável à prioridade dos presbíteros.

O saudoso teólogo presbiteriano Edmund Clowney observa: “Assim, o relato de Atos 6 e o uso amplo de diakonos nas epístolas conduziram à conclusão de que os diáconos são assistentes dos ministros da Palavra, em vez de oficiais encarregados especificamente do ministério de misericórdia”.¹⁰

Por esse motivo, a propósito, declara-se que os diáconos estão mal orientados quando agem como um poder independente ou como a segunda casa legislativa por meio da qual uma lei deve passar. Mark Dever apresenta uma ilustração útil:

Se os presbíteros disserem: “Vamos de carro até Pittsburgh”, não cabe aos diáconos voltar e dizer: “Não, vamos para a Filadélfia”. Eles podem voltar legitimamente e dizer: “Nosso motor não nos levará a Pittsburgh. Talvez devêssemos reconsiderar”. Isso é muito útil. Mas, em geral, seu trabalho é apoiar o destino traçado pelos presbíteros.¹¹

Os presbíteros da igreja não são infalíveis — longe disso. No entanto, uma vez que buscamos a Bíblia como guia para o governo da igreja, os diáconos jamais são apresentados como fiscais dos presbíteros que impõem um potencial “controle” sobre cada decisão. Na igreja saudável, os diáconos piedosos executam a visão e a supervisão que partem de presbíteros piedosos, não o contrário.

Duas diferenças fundamentais

Como destacamos no capítulo anterior, as qualificações para presbíteros e diáconos em 1Timóteo 3 são muito semelhantes. Tão semelhantes, de fato, que parece que Paulo quer chamar nossa atenção para a diferença fundamental: os presbíteros devem ser “capazes de ensinar” (1Tm 3.2; cf. Tt 1.9). Isso não significa que os diáconos não possam ensinar, muito menos que sejam incapazes de ensinar. (Lembre-se de Estêvão e Filipe!) Isso implica apenas que o dom e a responsabilidade de ensinar não são pré-requisitos para o ofício de diácono.

Também relevante é o fato de os diáconos não serem descritos como bispos ou governantes em nenhuma parte do Novo Testamento. Inevitavelmente eles exercerão influência e uma medida de liderança natural no âmbito da congregação, de modo particular em suas áreas de responsabilidade. Sem dúvida, os sete em Jerusalém tinham que organizar, tomar decisões, delegar e “liderar” os indivíduos relevantes para a distribuição dos alimentos. Se os presbíteros servem ao liderar, os diáconos lideram ao servir.¹² Apesar disso, os diáconos nunca são apresentados como líderes detentores de autoridade espiritual sobre toda a congregação. Apenas os presbíteros são identificados pelo chamado para exercer a supervisão (At 20.28; 1Tm 3.1,2; 5.17; 1Pe 5.2;

Hb 13.17). Da mesma forma, os membros da igreja são chamados a imitar o exemplo dos diáconos; não lhes é dito que obedeçam a eles.

Devemos dizer de modo categórico que isso não significa que os presbíteros ministram e os diáconos não. Ao contrário, a tarefa dos presbíteros é “preparar os santos” — a congregação toda! — “para a obra do ministério” (Ef 4.12). Os membros são responsáveis pela missão. Em termos de prioridades, porém, a estrutura apresentada por Jamie Dunlop é útil:

Os presbíteros lideram o ministério.

Os diáconos viabilizam o ministério.

A congregação realiza o ministério.¹³

Satisfação de necessidades tangíveis, promoção da unidade da igreja e assistência aos presbíteros são os três parâmetros amplos do serviço diaconal e há muito espaço para a flexibilidade na aplicação de cada um deles.

Modelos saudáveis hoje

Já estabelecemos que os diáconos assistem os presbíteros na coordenação de atos de serviço, ao suprir necessidades tangíveis e na salvaguarda da unidade da igreja. Contudo, agora é o momento de aprofundamento no caráter prático. Como devem agir os diáconos da igreja? Como pode ser organizado o corpo diaconal de modo que os diáconos sejam utilizados da melhor maneira possível?

Não existe um modelo único e saudável de organização diaconal, mas vou destacar três formas. Observe a sobreposição significativa entre elas.

1. Ministros de misericórdia

Como vimos no capítulo 1 e com base no precedente de Atos 6, o principal propósito dos diáconos ao longo da história da igreja tem sido cuidar dos pobres e necessitados, principalmente dos membros da igreja. Esse foco sempre foi primordial, por exemplo, na tradição presbiteriana e reformada. Tim Keller, que serviu como diretor do ministério de misericórdia da denominação Presbyterian Church in America (PCA) antes de se tornar pastor em Manhattan, pergunta: “O que faz o diácono? Ele ministra em nome de Jesus aos solitários, enfermos, idosos, órfãos, viúvos, moribundos, pobres e necessitados”.¹⁴

Da mesma forma, em uma obra recente, Cornelis Van Dam afirma que os diáconos estão “encarregados do ministério de misericórdia a fim de demonstrar o amor de Cristo ao fazer provisões para os pobres e aflitos”.¹⁵ Ao cuidar das necessidades dos pobres, os diáconos removem as barreiras que bloqueiam a alegria da congregação. No centro do dever do diácono, explica Van Dam, encontra-se “a responsabilidade de garantir que a alegria da redenção seja partilhada por todos”, o que implica “assegurar que os pobres e necessitados sejam ajudados e ninguém viva sem algum consolo na comunhão dos santos”.¹⁶

O ministério bíblico de misericórdia deve se dirigir primeiramente aos que sofrem no interior da família da igreja, ainda que não de forma exclusiva (Gl 6.10). Cuidar dos desfavorecidos e angustiados de fora da igreja pode consistir em um catalisador poderoso para anunciar a graça de Cristo e demonstrar seu amor. Na verdade, grande parte do debate nos últimos anos se centrou em torno do papel da “ação social” na missão da igreja: faz parte da missão da igreja pregar o evangelho, cuidar dos pobres, a combinação das duas coisas, ou algo totalmente diferente? Esses diálogos são importantes, e eles dependem de distinções importantes: por exemplo, se por “igreja” faz-se referência à instituição ou às pessoas.

Contudo, em minha avaliação seria possível eliminar grande parte da confusão ao se prestar mais atenção a essa característica milenar do ministério diaconal. A Escritura é clara: a missão central da igreja não consiste em solucionar a pobreza do mundo, mas pregar a graça do evangelho; também não é transformar o mundo, mas fazer discípulos ao anunciar Aquele que o fez (Mt 28.18-20; cf. At 1.8). Contudo, isso não sugere de nenhuma forma que a obra de uma igreja

seja exclusivamente espiritual. Todo este livro trata do ofício formal que Deus estabeleceu em sua igreja com o objetivo de conceder uma ajuda prática a quem mais precisa dela. Repito: o trabalho dos diáconos é mais que o ministério de misericórdia, e não menos.

Percebo às vezes uma similaridade irônica entre igrejas que desejam “apenas pregar o evangelho” e as interessadas em “transformar a cultura”. Uma tende a antagonizar o ministério social a fim de proclamar o evangelho; a outra prefere defender o ministério social em lugar do anúncio do evangelho. Entretanto, as duas são suscetíveis a um conceito empobrecido do diaconato. Nas igrejas em que “apenas se prega o evangelho”, o ministério diaconal de misericórdia pode ser considerado sem importância; nas igrejas que buscam “transformar a cultura”, o ministério diaconal de misericórdia pode ser considerado supérfluo e desnecessário — pois a congregação toda já existe para fazê-lo. No primeiro caso, a missão da igreja tenta minimizar a importância desse papel diaconal; no outro, o chamado dos diáconos se torna a missão da igreja.

Portanto, é crucial que as igrejas saudáveis e comprometidas corretamente em anunciar Cristo e fazer discípulos não diminuam a importância do diaconato — o ofício “social” de Deus para incentivar a missão espiritual. Sim, é verdade que o evangelho não teria se expandido em Atos 6 se os apóstolos houvessem negligenciado seu chamado principal de pregar e orar. Mas também é verdade que provavelmente o evangelho não teria se expandido se os sete não houvessem agido para suprir as necessidades das viúvas.

Talvez os debates muito carregados de hoje sobre a missão da igreja progrediriam se algumas dessas categorias eclesiais históricas estivessem mais firmemente estabelecidas. Como vimos, o ministério holístico que une essas preocupações — anúncio do evangelho e demonstração do evangelho — não é a última moda; tem sido uma constante ao longo da história da igreja. O ministério dos atos (diaconal) sempre serviu ao ministério da Palavra (pastoral). O que Deus uniu, que nenhuma igreja separe.

2. Um grupo de servos que lideram

Em algumas igrejas, os diáconos se reúnem como órgão deliberativo, a serviço dos presbíteros, a fim de gerar ideias e coordenar planos para tratar de questões administrativas. Reunir-se como grupo pode prover uma medida saudável de sinergia, camaradagem e prestação de contas.

Brian Croft, diretor de um ministério chamado Practical Shepherding (Pastorado Prático), utilizou esse modelo quando era pastor. Os diáconos em sua igreja se reuniam enquanto Croft e seus companheiros presbíteros se reuniam também — ao mesmo tempo, mas separadamente. Croft então fazia uma reunião de acompanhamento com o líder dos diáconos, e eles trocavam informações relevantes. Isso abrangia qualquer assunto que os diáconos julgavam necessário ser do conhecimento dos presbíteros, e vice-versa. Muitas vezes esses diálogos concentravam-se em áreas de sobreposição: coisas pelas quais os dois grupos eram, em certa medida, responsáveis.

Imagine, por exemplo, um diácono que está na casa de uma cristã idosa a serviço dela. Não importa quantos eletrodomésticos ele conserte, se ele sair sem perguntar como ela está espiritualmente e orar com ela, ele ficou aquém do esperado. Da mesma forma, se um presbítero estiver na casa dela para cuidar de sua alma, mas não se oferecer para mover a mesa pesada, ele terá falhado. Ainda que a divisão de trabalho entre os ofícios seja importante, as ações de cada um não são mutuamente excludentes. Os presbíteros, apesar do foco espiritual, devem permanecer conscientes dos elementos práticos. Os diáconos, mesmo com o enfoque prático, devem permanecer espiritualmente atentos.

Se você for diácono, espero estar claro que seu chamado consiste em muito mais que uma reunião mensal. Ser diácono não consiste em uma atividade extracurricular de seu currículo espiritual. É o meio pelo qual seu Salvador escolheu usá-lo, nesse período de sua vida, para servir à igreja comprada com o sangue dele. À luz da misericórdia dele, peço a você que se entregue novamente à obra diaconal.

3. Mobilizadores de um ministério de papel específico

Em minha igreja, contamos com funções diaconais específicas. Em vez de se

reunirem como órgão deliberativo, os diáconos são eleitos para diaconatos específicos e são estimulados a coordenar grupos de voluntários quando surgem as necessidades. Hoje contamos com 14 diaconatos diferentes, apesar de o número oscilar dependendo das necessidades da congregação. No mês passado, por exemplo, dissolvemos nosso diaconato para o cuidado missionário após a conclusão de que uma de nossas equipes pastorais poderia gerenciar as responsabilidades de modo mais homogêneo e sem muita tensão. Estão listadas aqui algumas tarefas diaconais comuns da constituição de nossa igreja:

Cuidar para que enfermos, aflitos, idosos e enfermos recebam conforto espiritual e físico;

Liderar os ministérios de hospitalidade da igreja;

Manter os cuidados normais e a preservação das propriedades da igreja;

Receber, manter e distribuir fundos para benevolência e reportar de tempos em tempos o uso desses fundos aos presbíteros e à igreja;

Cuidar das acomodações para o culto público;

Auxiliar na distribuição dos elementos na ceia do Senhor; e

Servir em outras áreas específicas de acordo com as necessidades da igreja.¹⁷

Repare na especificidade da lista e na medida extraordinária de liberdade provida pela última linha.

Alguns podem rejeitar o modelo. Talvez, digamos, um “diácono responsável pelo estacionamento” pareça bastante ridículo. Eu posso entender a lógica: Se o estacionamento demanda uma posição de diácono, o que não a demandaria? Mas pense nisso por um momento. O estacionamento é uma das questões logísticas mais cruciais na vida da igreja por afetar diretamente a coisa mais básica que a igreja faz: reunir-se. Se as pessoas lutam para encontrar uma vaga, isso se torna um impedimento para a reunião; e, se a reunião for atrapalhada, a essência da igreja — os santos de Deus unidos por suas ordenanças e reunidos sob sua

Palavra — pode ser ameaçada. Conheço uma igreja em uma área movimentada do centro da cidade com apenas algumas vagas de estacionamento para suas centenas de membros. Os presbíteros perceberam que os membros às vezes discutiam por causa dessas vagas nas manhãs de domingo. Assim, eles recomendaram que a igreja estabelecesse um diácono responsável pelo estacionamento para lidar com a necessidade tangível e para tratar de um ponto de desunião na vida do corpo.

Trabalho conjunto

No artigo “Deacons: shock absorbers and servants” (“Diáconos: amortecedores de choques e servos”), Jamie Dunlop suscita um dilema legítimo: Como incentivamos os diáconos a serem unidades construtoras e empreendedoras sem usurpar a liderança eclesial dos presbíteros e, assim, causar desunião? A igreja de Dunlop também conta com funções diaconais específicas, e vale a pena citar de modo mais extenso seu conselho:

Reuniões diaconais: Se o objetivo dos diáconos consiste em apoiar as diretrizes traçadas pelos presbíteros, eles não precisam se reunir como órgão deliberativo — principalmente se cada diácono atuar em uma área específica, como a creche ou a hospitalidade (como procedem em minha igreja). Com certeza não existe um modelo bíblico em que os diáconos “compartilham o poder” com os presbíteros, como fazem a Câmara dos Deputados e o Senado ao legislar nos EUA.

Juntas: Quando as juntas diaconais existentes começam a sentir que algumas áreas específicas do ministério da igreja lhes “pertencem”, torna-se muito difícil para elas evitar a tomada de diretrizes que deveriam ser exclusivas dos presbíteros. Afinal, mesmo coisas tão “mundanas” como o edifício ou o orçamento contam com dimensões muito espirituais em sua administração. Desse modo, as igrejas devem considerar tornar todas as juntas focadas em suas

tarefas com limitação de tempo e autorização para concluir uma tarefa atribuída pelos presbíteros.

Comunicação: A maior parte dos ministérios diaconais, pelos menos às vezes, vai se chocar contra as decisões diretivas que precisam ser tomadas pelos presbíteros. Em nossa igreja achamos útil designar cada diácono a um presbítero que comunica regularmente as decisões dos presbíteros em suas reuniões. Os presbíteros podem então, conforme a necessidade, levar de volta as questões diretivas do trabalho diaconal ao conjunto dos presbíteros.¹⁸

Qualquer que seja o modelo prático preferido por sua igreja, o mais importante é que o papel dos diáconos seja entendido de acordo com a Bíblia. Essa clareza fornece a base essencial do ministério diaconal.¹⁹

Por fim, é fundamental enfatizar que os diáconos mais eficientes não fazem tudo sozinhos. Eles são mobilizadores. Observe como Van Dam conclui suas reflexões sobre Atos 6: “Pode-se, portanto, supor que os sete não fizeram pessoalmente a distribuição; eles teriam desempenhado o papel de coordenação, ajuda e supervisão para garantir que nada fosse deixado de lado”.²⁰ Já mencionei que os bons diáconos não precisam de babás. Eles podem ser fidedignos e confiáveis para executar e expandir suas esferas de serviço sem supervisão ou correção constantes. Portanto, ao esquadrihar diáconos qualificados na igreja, não procure apenas pessoas que trabalham muito. Procure quem vai organizar o serviço com fidelidade, e não quem fará tudo sozinho.

Que diz o livro?

Lembra-se de Craig, o líder que incentivou os diáconos descontentes a ouvir o que o jovem pastor Ryan tem a dizer sobre o tema de liderança da igreja? Foi a decisão correta, mas por quê? Bem, não porque o pastor Ryan necessariamente tivesse tudo planejado (ele poderia não ter). Nem pelo fato de os diáconos terem

de esquecer a cabeça em casa (eles não têm de esquecê-la) por serem meros trabalhadores manuais (eles não são). Nem porque os diáconos não têm o direito de registrar seu desacordo com o pastor ou os presbíteros (eles têm o direito). A razão de ter sido a decisão correta se deve ao fato de o povo de Deus — do líder mais idoso ao recém-convertido — estar sempre aberto a revisitar pressupostos e práticas à luz da Palavra de Deus.

Em Atos 17, Paulo e Silas fogem da perseguição em Tessalônica e param em Bereia, onde entram em uma sinagoga e começam a anunciar que Jesus é o Messias. Como o público reage?

Ora, os judeus de Bereia eram de caráter mais nobre que os de Tessalônica, pois recebiam a mensagem com grande avidez e examinavam as Escrituras todos os dias para ver se o que Paulo dizia era verdadeiro (At 17.11, NIV).

Os bereanos não ouviam sem pensar; eles contrastavam o ensino de Paulo com as Escrituras hebraicas. Lucas não os repreende por não aceitarem a palavra de um apóstolo; ele os elogia. Isso é extraordinário.

Mais uma vez, o mais importante não é como preferimos pensar sobre os diáconos, nem como nossa igreja sempre os “constituiu”, nem o que este livro diz a respeito deles. O que importa de fato é o que Deus revelou. A tradição da igreja mantém seu lugar de importância na vida da congregação, mas, quando se trata da descrição do trabalho dos diáconos, certifique-se de extraí-la das páginas inerrantes.

1Como afirma William Godfrey: “O diaconato não deve se contentar em se preocupar apenas com as necessidades óbvias que caem em seu colo. [...] Os diáconos que não utilizam seu tempo para conhecer os membros da congregação não terão esperança de descobrir as necessidades que requerem sua atenção e intervenção. Assim, o ministério dos diáconos [...] deve ser proativo” (William Godfrey, “Getting acquainted with the congregation’s needs”, in: William Boekestein; Steven Swets, orgs., Faithful and fruitful: essays for elders and deacons [Middleville: Reformed Fellowship, 2019], p. 138-9).

2No futebol americano, quarterback é o jogador considerado o cérebro da

equipe, cuja responsabilidade é orientar todo o sistema ofensivo. A linha ofensiva é formada por cinco jogadores, cuja responsabilidade é proteger o quarterback para que ele tenha tempo de formular a jogada. (N. do E.)

3Sou devedor a Jeff Wiesner por esta formulação.

4Mark Dever, *Understanding church leadership*, Jonathan Leeman, org., *Church Basics* (Nashville: B&H, 2016), p. 13-4.

5Alexander Strauch, *Paul's vision for the deacons* (Colorado Springs: Lewis & Roth, 2017). Veja em especial o cap. 3 ("Deacons, assistants to the elders").

6Mais uma vez, veja Jeramie Rinne, *Church elders: how to shepherd God's people like Jesus* (Wheaton: Crossway, 2014) [edição em português: *Presbíteros: pastoreando o povo de Deus como Jesus*, tradução de Rogério Portella (São Paulo: Vida Nova, 2016)]. Para quem se encontra em uma igreja com um único pastor/conselho diaconal e deseja saber por que e como evoluir para uma pluralidade de presbíteros, veja Phil Newton; Matt Schmucker, *Elders in the life of the church: rediscovering the biblical model for church leadership*, ed. rev. (Grand Rapids: Kregel, 2014).

7Clarence D. Agan III, "Like the one who serves: Jesus, servant-likeness, and self-humiliation in the Gospel of Luke" (dissertação de PhD, University of Aberdeen, 1999).

8Strauch, *Paul's vision for the deacons*, p. 53-4. Strauch acrescenta um detalhe digno de nota: "Seguindo as pesquisas mais recentes sobre o grupo de palavras diakon-, a terceira edição de *A greek-english lexicon of the New Testament and other early Christian literature* (BDAG) apresenta da seguinte forma um verbete para o vocábulo grego diakonos: 'aquele que realiza uma tarefa, sob a ordem de alguém superior, assistente de alguém'. Os verbetes relativos a diakonos que surgem em Filipenses 1.1 e 1Timóteo 3.8,12 são 'atendente, assistente, auxiliar'" (p. 54). Certo número de acadêmicos afirma agora esse ponto de vista; Strauch lista vinte exemplos (p. 64-5, n. 1).

9Strauch, *Paul's vision for the deacons*, p. 57. Ele conclui: "O ponto de vista que entende os diáconos como 'assistentes dos bispos' é a melhor interpretação, pois fornece a evidência mais objetiva em sentido lexical e contextual, com o mínimo de suposições envolvidas. Além disso, estou convencido de que o ponto de vista que entende os diáconos como 'assistentes dos bispos' é a melhor opção, porque

os conceitos alternativos são insatisfatórios, exigem muitas suposições e não podem ser comprovados em sentido lexical e contextual. Grande parte do que ouço e leio sobre os diáconos se baseia apenas em mera asserção, e não em evidência ou argumentação” (p. 63).

10Edmund P. Clowney, *The Church, contours of Christian theology* (Downers Grove: IVP Academic, 1995), p. 213 [edição em português: *A Igreja, Série Teologia Cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007)].

11Mark Dever, *Understanding church leadership*, p. 33.

12Essa expressão encontra-se em H. B. Charles Jr., *On pastoring: a short guide to living, leading, and ministering as a pastor* (Chicago: Moody, 2015), p. 88; também em Curtis C. Thomas, *Words of encouragement and counsel for a lifetime of ministry* (Wheaton: Crossway, 2001), p. 106.

13Jamie Dunlop, “Deacons: shock absorbers and servants”, *9Marks Journal*, Spring 2010. Pelo fato de minha igreja aderir ao congregacionalismo liderado por presbíteros, às vezes resumimos nosso governo eclesiástico com a seguinte descrição: “liderada pelos presbíteros, servida pelos diáconos e governada pela congregação”.

14Timothy J. Keller, *Resources for deacons: love expressed through mercy ministries* (Lawrenceville: Presbyterian Church in America Committee on Discipleship Ministries, 1985), p. 11. É importante notar que a tradição presbiteriana e reformada não limita o trabalho diaconal ao ministério de misericórdia. No mesmo texto, Keller lista quatro categorias de trabalho diaconal: misericórdia, mordomia, propriedade e auxílios (p. 30).

15Cornelis Van Dam, *The deacon: biblical foundations for today’s ministry of mercy* (Grand Rapids: Reformation Heritage, 2016), p. xi.

16Van Dam, *The deacon*, p. 76.

17Third Avenue Baptist Church Constitution, artigo 3 (“Government”), seção 5, parágrafos 7-13, disponível em: www.thirdavenue.org.

18Dunlop, “Deacons: shock absorbers and servants”, grifo do autor da citação.

19Os documentos de uma igreja (especificamente sua constituição e regimento

interno) podem desempenhar um papel fundamental no esclarecimento dos parâmetros sobre a ação de presbíteros/pastores e diáconos — e como se espera que eles se relacionem em se tratando de responsabilidade. Revigorar os dois ofícios de acordo com as Escrituras requer, sem dúvida, mais que documentos bem definidos, mas raras vezes envolve menos. Como exemplo prático, não acredito que o estatuto de uma igreja deva especificar quantos diáconos ela deve ter, uma vez que isso pode resultar em pressionar pessoas não qualificadas para o serviço a fim de alcançar o número necessário. Considero mais sensato deixar o número em aberto.

20Van Dam, *The deacon*, p. 59.

Os benefícios: o que os diáconos proveem

Quando os diáconos atuam da maneira que procurei delinear neste livro, o que ocorre de fato?

Para ajudar a responder à pergunta, consultei dezenas de amigos, pastores e diáconos, em busca de histórias simples que captassem o propósito e a beleza do trabalho diaconal. Os debates a respeito dos diáconos — sim, incluindo-se aqui os livros — às vezes podem parecer um pouco confusos, como assistir a uma fita VHS antiga. Portanto, espero que essa série de vinhetas cristalize ainda mais os princípios e as práticas da Bíblia que examinamos. Espero que você consiga ver esses princípios e essas práticas ganharem corpo, com cores mais ricas e linhas mais nítidas. Espero que você tenha a sensação de que está lendo em alta definição.

Contudo, como você notará, o serviço diaconal fiel não costuma ser algo épico ou extraordinário. Pelo menos não parece assim aos olhos humanos caídos. Mas não se engane: o poder do Deus Todo-Poderoso percorre o ministério dos diáconos. Ainda que seu trabalho seja silencioso, até mesmo sutil, eles são instrumentos indispensáveis para o avanço do reino de Jesus Cristo.¹

Os relatos

Uma das melhores coisas que já fizemos como igreja foi enfatizar a importância da membresia. Mesmo sabendo que ninguém conhecerá todas as pessoas da mesma forma, queremos que todos sejam igualmente conhecidos. Esse é o nosso objetivo. Até começamos a ver algum sucesso.

Contudo, à medida que as pessoas se tornam mais conhecidas, suas necessidades

vêm à tona. Essas necessidades — espirituais ou materiais — podem rapidamente se acumular e ocupar totalmente os presbíteros. Assim como em Atos 6, é extraordinariamente difícil dedicar tempo à oração, à preparação de mensagens e à capacitação de líderes enquanto se cuida de detalhes táticos e minuciosos, como ajudar uma jovem mãe que enfrenta um divórcio ou um membro da igreja em luta com a administração das finanças.

O diácono da nossa igreja que cuida dos membros foi realmente um presente de Deus. Ele e sua esposa se esforçam muito e passam horas incontáveis com pessoas necessitadas. Se um membro da igreja precisa de um pouco de dinheiro para sobreviver ao mês, esse diácono fará mais que enviar um pedido à equipe que cuida das benevolências; ele se encontrará com a pessoa e tentará chegar à raiz do problema. Existem padrões de gastos que precisam ser resolvidos? A pessoa está suficientemente conectada aos irmãos para obter ajuda orgânica dos membros sem uma intervenção especial? A pessoa simplesmente precisa de alguém para fornecer aconselhamento sobre orçamento ou procurar emprego?

Com o passar do tempo, percebi que várias pessoas — das quais eu nem tinha conhecimento — foram assistidas por esse diácono e sua esposa. Em resumo, sem nosso diácono para cuidar dos membros da igreja, horas e horas poderiam ser gastas pelos presbíteros em reuniões ou em esforços para tentar resolver esses problemas. Todavia, esse diácono e seu grupo são incríveis; eles estão ligados profundamente à vida da igreja, e isso me libertou, como presbítero, para me concentrar em minhas responsabilidades relativas ao ensino e à oração. Para finalizar, dificilmente um mês se passa sem que esse casal gentilmente me diga como eles são gratos por tudo que eu faço. É algo que nos torna humildes e nos revigora.

Eu ainda era um novato: 32 anos de idade e apenas alguns anos no primeiro pastorado. Havia um homem na igreja — um membro de longa data que, apesar de simpático, constantemente lançava sementes de discórdia — que estava tentando restaurar as coisas a como elas ocorriam no “passado”, quando as juntas dirigiam a igreja. Ele também conversara com outros membros,

perguntando se eles achavam que eu precisava crescer como pregador.

As coisas pioraram quando ele transformou essas conversas em uma “lista” de opositores que pensavam de modo semelhante. Ele planejava apresentá-la em uma reunião de finanças, quase como uma petição. Senti que eu me encontrava em uma situação difícil: por um lado, sempre desejo melhorar na pregação; por outro, eu sabia que não poderia de fato travar essa batalha.

Nosso diácono principal na época tomou conhecimento da lista e resolveu entrar em ação. Ele me garantiu seu apoio, pegou a lista e começou a ligar para as primeiras cinco pessoas. Ele perguntou quais eram as preocupações delas e se elas tinham problemas comigo; então perguntou por que elas não dirigiram suas críticas a mim em pessoa, em vez de se juntar a um grupo de queixosos. Esses membros ficaram horrorizados por se encontrarem em uma “lista”: eles nem sabiam da existência dela. Esse diácono ligou então para o homem e lhe disse que prejudicar o pastor equivalia a prejudicar a igreja, que ele precisava parar e encontrar uma forma mais bíblica e saudável de expressar suas opiniões. Acontece que a maioria dos presentes na lista acabou me comunicando sua confiança e apoio, em vez de algo desanimador. A situação foi totalmente neutralizada porque um diácono teve os meios — e a coragem — para se levantar e enfrentar uma situação que eu não poderia resolver. Ele protegeu a unidade da igreja em um momento crucial. Estou agora no décimo terceiro ano e honestamente acho que sobreviver ao segundo e terceiro anos teria sido quase impossível sem o apoio do diácono.

Nossa igreja no Iraque conta com membros de todo o mundo. Quando Freddie voltou para casa, na Índia, para assistir ao funeral de seu pai, ficou surpreso com o número de pessoas que afirmavam ter sido servidas de algum modo por seu pai que fora presbítero na sua igreja local. Isso não apenas encorajou Freddie, mas o levou a reexaminar a própria vida. De volta ao Iraque, apesar de trabalhar para uma organização de ajuda humanitária, Freddie se sentia insatisfeito por não servir melhor aos membros de sua igreja. “Se eu morrer”, ele pensou, “ninguém virá ao meu funeral e contará o tipo de relatos que ouvi no de meu pai”.

Nesse momento, eclodiu uma crise humanitária regional, e nossa igreja passou a receber com regularidade visitantes atingidos pela pobreza — refugiados internacionais ou mesmo iraquianos nativos cujos lares haviam sido destruídos pelo Estado Islâmico. Precisávamos desesperadamente de um diácono com o dom da benevolência semelhante aos de Atos 6.

Freddie, que atendia às qualificações bíblicas e desejava servir, logo foi nomeado pela igreja e instalado na função. Ele imediatamente começou a trabalhar com os presbíteros para traçar uma política de beneficência. Antes disso, os presbíteros vinham tomando todas as decisões beneficentes — que envolviam encontrar as pessoas e iniciar as conversas para discernir a credibilidade delas, definir parâmetros, distribuir recursos, oferecer prestação de contas e apoio contínuo, entre outras atividades. Esse trabalho era importante, claro, mas estava consumindo o tempo dos presbíteros. Não é exagero dizer que o serviço diaconal de Freddie retirou um enorme fardo dos presbíteros, atendeu a uma necessidade premente na igreja e, no processo, transformou a vida dele.

Quando me tornei pastor aqui, mais de dez anos atrás, tínhamos um morador de rua em nossa congregação. Ele comparecia fielmente ao culto e ao grupo de apoio de pessoas com deficiência durante a semana. Dependendo da época do ano, ele podia ficar no abrigo do Exército de Salvação, ou ficar vagando e dormindo em diversos pontos da cidade. Então eu o encontrei dormindo em uma de nossas salas de escola dominical, ao lado de uma caixa com alguns de seus pertences.

Isso ocasionou algumas conversas; nelas aprendi que ele lutava contra o consumo abusivo de álcool, drogas, sofria com depressão, transtorno bipolar e que havia sido abusado física e sexualmente quando criança. Deus o salvou e lhe deu um coração terno para servir aos oprimidos e rejeitados de nossa comunidade. Pela graça de Deus, ele acabou conseguindo residência fixa, veículo e trabalho em regime de meio período. Embora às vezes ele tenha passado por crises de tentativa de suicídio, sendo admitido no centro de apoio local, em todas as suas lutas ele se sacrificou para servir às demais pessoas em

nossa congregação.

Por causa do amor dele à Escritura e pela vontade de servir às pessoas com deficiência, os presbíteros o recomendaram como diácono para cuidar de pessoas com deficiências e também de necessidades em geral. Ele assumiu a tarefa de cortar a grama, de recolher lixo da propriedade da igreja e jogá-lo fora. Mas, acima de tudo, ele busca servir a quem vive com algumas das lutas pelas quais passou. Ele tem convidado várias pessoas para assistir ao culto e ouvir o evangelho. E, durante o culto, podemos encontrá-lo ajudando ou encorajando alguém que luta com mais deficiências que ele. Que bênção ele é para o povo de Deus!

Eu era um jovem pastor e o único presbítero, servindo com um conselho diaconal de oito pessoas. Cerca de um ano após o início do meu pastorado, um diácono questionou algumas decisões do comitê de finanças, o que irritou algumas senhoras. Quase imediatamente o marido de cada uma delas começou a exigir a renúncia desse diácono — e a me pressionar para fazer isso acontecer.

Earl, um patriarca respeitado com mais de setenta anos, servia como líder dos diáconos. Ele me levou para almoçar e me olhou nos olhos: “Pastor, não sei por que as pessoas estão dizendo o que estão dizendo, mas quero que saiba que estou do seu lado. Nós vamos superar isso. Oremos”. Ele então se dirigiu àqueles homens e se postou na linha de frente, assumindo o conflito por mim. Ele lhes disse: “Vamos deixar nosso pastor liderar”.

Se o diácono Earl não tivesse se prontificado para acabar com o conflito, duvido que eu teria sobrevivido. Realmente acredito que Deus o usou para salvar meu pastorado.

Mas essa não foi a única forma de serviço estratégico prestado pelo diácono Earl. Não é nenhum segredo que a mudança pode ser difícil para quem está na mesma igreja há décadas. Quando nossa igreja começou a atrair os mais jovens e o pacote todo que os acompanha — bonés invertidos, ambientes barulhentos etc. —, ele não cruzou os braços; ele os recebeu de braços abertos. Com seu bigode

enorme e sorriso ainda maior, ele fazia os recém-chegados sentirem seu carinho e amor. O diácono Earl ajudou a dar um novo rumo à nossa igreja como um todo.

A morte do diácono Earl, alguns anos atrás, foi um dos momentos maisagridoces da vida de nossa igreja, simplesmente porque ele era muito amado. Sendo um homem que amava Jesus, Earl mal podia esperar para vê-lo. E, por amar Jesus, ele amava as pessoas. Do mais jovem ao mais velho, todos foram marcados por esse diácono que resolvia conflitos, abraçava as mudanças e amava as pessoas.

Nossa igreja mudou de uma configuração de um único pastor/conselho diaconal para uma pluralidade de presbíteros e diáconos, e o primeiro ano de transição foi desafiador.² Ainda que a congregação e os diáconos estivessem de acordo, não é fácil substituir o tipo de mentalidade que dá primazia às tomadas de decisões pela mentalidade que dá primazia aos atos de serviço. Nessa época um diácono chamado Dave se mostrava um líder nato e respeitado, então ele se tornou o líder dos diáconos.

Sob a liderança gentil e firme de Dave, a atitude fundamental dos diáconos passou de “precisamos responsabilizar nosso pastor” para “precisamos servir aos nossos presbíteros e apoiá-los”. O objetivo não era: “Como podemos influenciar todas as decisões?”, mas: “Como podemos tornar o ministério de nossos presbíteros mais fácil?”. Alguns dos diáconos demoraram mais para render-se a esse conceito aparentemente novo; eles estavam acostumados a apontar o dedo para o pastor quando se tratava de decisões de finanças, equipe, e assim por diante. Mas um diácono conseguiu mudar a dinâmica que era aplicada pelo conselho.

Direi apenas o seguinte: durante o período de transição, é indispensável contar com a orientação de um diácono respeitado para auxiliar na mudança a partir do interior do grupo. O desejo de Dave de orientar os diáconos e de se submeter aos presbíteros mudou o rumo tomado por todo o corpo diaconal, que, por sua vez, tem produzido todos os tipos de bons frutos em nossa igreja. Quando faço visitas

pastorais agora, é raro que um diácono ainda não tenha estado lá, servindo de formas estratégicas.

Era um culto de oração no domingo à noite, e o pastor titular destacava o ministério de um centro local de apoio à gravidez. Alguém desse ministério entrou em contato com nossa igreja perguntando se algum membro poderia se encontrar com um casal que decidiu ficar com seu filho ainda não nascido. Minha esposa e eu nos oferecemos e nós nos encontramos com Karla e seu namorado várias vezes; minha esposa e Karla tornaram-se bastante próximas, na verdade. (O namorado acabou saindo de cena.) Uma das maiores necessidades de Karla consistia em receber conselhos sensatos sobre como criar um filho enquanto trabalhava, conseguir vaga em uma creche e tentar permanecer sã. Surpreendentemente, ao longo de vários meses, o coração de Karla se voltou para Jesus Cristo; ela se tornou cristã, foi batizada e tornou-se membro de nossa igreja. Claro, isso permitiu que minha esposa e eu a conectássemos com mais irmãos e irmãs na igreja. Conseguimos um lugar na primeira fila para vê-la crescer na fé. Sem dúvida, nada disso aconteceu de imediato: o processo todo provavelmente durou um ano inteiro — desde que conhecemos Karla até ela se entregar a Cristo.

Sendo um dos diáconos de nossa igreja, responsável pelo cuidado prático com os membros, às vezes apelo a toda a igreja: “Se alguém deseja servir conosco ou tem recursos extras que gostaria de dar aos membros em necessidade, entre em contato e nos informe”. Bem, um membro nos contatou para dizer que estava se livrando de um carro e, em vez de trocá-lo, queria doá-lo para alguém da igreja. Pude, então, colocar Karla em contato com esse membro generoso da igreja, que ainda não a conhecia, e ela conseguiu um veículo em boas condições e de graça.

Foi um privilégio caminhar com Karla ao longo de alguns dos momentos mais difíceis de sua vida, principalmente no início. Com certeza, não se tratou de uma restauração rápida, nem estivemos sozinhos no processo. Por ser diácono, assumi a linha de frente, mas o belo esforço que tive de liderar envolveu toda a igreja.

Quando o marido de Betty começou a perder as faculdades mentais em razão do mal de Parkinson, ela naturalmente se sentiu entristecida, embora nunca reclamasse. Como diácono, procurei recrutar membros para ajudá-la a passar por essa fase angustiante da vida. Uma grande quantidade de pessoas passou a servi-la, ajudando-a a mover os móveis, arrumar os objetos acumulados no porão e até mesmo fazer dois bazares de objetos usados. Felizmente, meu trabalho me deu flexibilidade para visitar Betty em várias oportunidades, às vezes apenas para conversar. (Os diáconos não precisam receber o dom do ensino, mas devem estar preparados para falar!) Também tive o privilégio de conhecer suas duas filhas e falar sobre Jesus com uma delas. Betty enfrentou uma série de decisões financeiras complicadas — desde cuidar do marido nos últimos meses de vida dele até fazer arranjos para o funeral, calcular os custos de saúde pessoal e, mais tarde, colocar a casa à venda. Tiago 1.27 é claro: “A religião pura e impoluta diante de Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições, e manter-se incontaminado pelo mundo”. Pela graça de Deus, conseguimos mobilizar um ministério do tipo Tiago 1.27 para Betty, lembrando-a muitas vezes de que ela não fora esquecida e que era profundamente amada.

A propósito, tudo isso ocorreu durante um período particularmente tenso de agitação racial nos Estados Unidos. Betty é uma senhora branca e eu sou um jovem negro; uma amizade como a nossa pode parecer estranha, até mesmo escandalosa, para o mundo que nos observa.

Mas o sangue que nos une é mais profundo que qualquer coisa que nos divida. Na verdade, tudo é possível em Cristo.

Aqui em Sevilha, Espanha, um de nossos diáconos organizou e supervisionou um ministério nos bairros mais pobres de nossa cidade. Ele recrutava grupos de

membros da igreja para visitar a área duas noites por mês e procurar pessoas sem-teto ou famílias mais pobres. A esperança fervorosa era iniciar conversas sobre o evangelho e, ao mesmo tempo, suprir as necessidades práticas como cobertores, meias e comida.

Um bairro em particular tornou-se profundamente receptivo ao evangelho por meio dos esforços desse diácono. As pessoas não só pediram para receber um estudo bíblico em seus barracos de papelão; algumas famílias começaram a frequentar nossos cultos. No início pensamos que elas poderiam estar vindo apenas pelo que recebiam; em pouco tempo, contudo, as pessoas da comunidade estavam sendo salvas e batizadas. Na verdade, há alguns meses Deus nos permitiu plantar uma igreja que prega o evangelho nesse bairro — uma impossibilidade sem a visão e a iniciativa de um diácono fiel!



Certo domingo, na igreja, vimos uma jovem mãe com seus filhos sentados algumas fileiras atrás de nós. Depois do culto, minha mulher apresentou-se e soube que Trina viera encontrar-se com um dos meus companheiros diáconos que supervisiona o cuidado da comunidade (o ministério que provê as necessidades práticas e o testemunho do evangelho a não membros). Minha esposa conseguiu as informações de contato de Trina e enviou uma mensagem no final da semana para convidar sua família para jantar. Nesse ínterim, ouvimos do outro diácono que Trina enfrentava várias lutas sérias: na verdade, fomos jantar sem nenhuma expectativa sobre aonde a noite nos levaria. Em certo momento, minha esposa perguntou a Trina em particular: “Você tem aonde ir com seus filhos esta noite?”. Ela admitiu que não, então a incentivamos a ficar conosco e com nossos filhos. A família de Trina acabou morando conosco por vários meses, e agora eles moram com outro casal da igreja. Ainda não a consideramos cristã, embora sejamos gratos por ela estar em uma situação de vida muito mais estável em relação à primeira vez em que entrou pelas portas de nossa igreja.

Claro, nem todo diácono está em posição de hospedar espontaneamente uma família em dificuldades durante muitos meses. Isso pode não ser razoável.

Contudo, sentíamos que, com a força de Deus, nossa família poderia lidar com isso. A ministração de nossa igreja à família de Trina tem consistido em um esforço coordenado, não em uma atuação solitária. Vários membros se apresentaram quando tiveram a oportunidade de servir.

Eis o que aprendi como diácono: para perseverar com fidelidade, é necessário fazer tudo para o Senhor, não para os homens (Cl 3.23). Afinal, servir às pessoas pode ser frustrante. A primeira tarefa diaconal da história foi entrar em uma situação de contenda e tentar extrair algum sentido dela (At 6). Os diáconos existem em razão dessas situações desafiadoras! Você ocupa essa posição para trazer paz em meio à tensão e clareza em meio à complexidade. Claro, isso não é fácil! Nunca foi. Mas o trabalho vale a pena. Portanto, não nos cansemos de fazer o bem, companheiros diáconos. Nosso Pai celestial nos vê, e o serviço feito para ele nunca é vão (Gl 6.9,10; 1Co 15.58).

Uma mulher piedosa de nossa igreja percebeu uma falha no ministério e desejou coordenar um “ministério de socorros”, muito semelhante ao de Atos 6. As pessoas começaram a aparecer de todos os cantos para atender às necessidades tangíveis e integrar o grupo. Foi elaborada uma lista de membros que não podem sair de casa, e famílias foram direcionadas a eles para realizarem ligações telefônicas semanais e visitas regulares. Quem carecia de serviço de jardinagem, pintura, entre outras coisas, passou a estar conectado com as pessoas que poderiam suprir suas necessidades.

Quando um presbítero jubilado morreu, sua filha adulta, não crente, ficou maravilhada pela condição da propriedade do pai. O grupo diaconal de “socorros” havia encabeçado uma limpeza de grande escala no local, oferecendo um testemunho do evangelho impressionante no processo.

Esse ministério também serve de quartel-general da igreja para a organização de refeições para os membros que passam por períodos desafiadores. E, em meio à pandemia de covid-19, ele também serviu de centro para promover o encontro entre todos aqueles que necessitavam de ajuda e aqueles que desejavam satisfazer-lhes as necessidades físicas. O ministério permanece sendo um meio

valioso para os presbíteros manterem um melhor controle dos batimentos cardíacos da igreja.

É difícil ignorá-lo em nossa congregação: careca, brinco e calças de couro preto. Hank foi salvo do mundo das drogas, possui um diploma do ensino secundário e realizou trabalhos braçais durante toda a sua vida. Ele é também um dos diáconos mais eficientes que já conheci.

Hank e sua esposa chegaram à igreja que pastoreio cerca de seis meses depois de minha esposa e eu. Ocorreram três tentativas de me demitir nos primeiros cinco anos. Basta dizer que esses dias são difíceis de recordar e impossíveis de esquecer. Esse casal foi um dos primeiros a me dizer, de forma clara e direta: “Estamos aqui, vamos ficar, e vamos trabalhar duro com vocês”.

Quando cheguei à igreja, os diáconos atuavam na prática como presbíteros. Não muito tempo depois, alguns deles estavam inflexíveis e queriam se livrar de mim. Enquanto isso acontecia, na surdina, Hank servia à igreja e estabelecia amizades, inclusive com alguns desses diáconos. Na verdade, ele provou ser um servo e desenvolveu uma relação tão boa com os diáconos que eles decidiram incluí-lo no grupo. Assim, por mais irônico que isso soe, Hank foi o primeiro diácono de verdade, conforme a definição bíblica, a se unir ao conselho.

Sendo agora diácono, ele navegou por entre o conflito turbulento com habilidade. Quando se tratava de minha liderança, ele escolhia suas lutas, mas se mantinha firme. Mais tarde Hank foi eleito líder do conselho diaconal, em parte por ser jovem (os demais beiravam os noventa anos) e por ter ele conquistado a confiança dos diáconos. Isso ainda me impressiona: o fato de os patriarcas terem confiado em Hank o suficiente para torná-lo líder diz muito sobre como ele lidou com as coisas.

Como era de se esperar, assim que a fumaça se dissipou após os cinco anos, foi revelada não apenas uma igreja diferente, mas um conselho diaconal diferente. Hank nunca frequentou um seminário ou participou de um ministério vocacional, mas ele intuitivamente aprendeu a praticar a revitalização. Assim,

quando chegou a hora, no sexto ano, de fazer a transição para os presbíteros, Hank foi um dos mais influentes defensores da ideia em razão da sua influência como líder dos diáconos. Ele me ajudou imensamente, orientando o entendimento dos diáconos sobre seu papel bíblico à luz da liderança presbiteral. A mudança da igreja para a pluralidade de presbíteros não teria acontecido sem a influência desse diácono improvável e exemplar.³

Tim Ellis era um membro exemplar da igreja e um servo exemplar; respeitado por todos, parecia ser capaz de fazer qualquer coisa por qualquer um. Certamente parecia fácil instalá-lo como diácono. Havia apenas um ponto crítico: sua esposa já havia se divorciado. Ainda que muitos considerassem o divórcio dela bíblico (o marido anterior adulterara), pairava uma nuvem sobre os dois, pois os membros mais idosos estavam indispostos a considerá-lo para o ofício em consequência de sua interpretação de “marido de uma só esposa” (1Tm 3.12).

Vários líderes se sentiam frustrados por essa minoria barulhenta, mas não Tim. Na verdade, sua atitude era incrível. Ele basicamente nos disse: “Tudo bem; eu entendo. Às vezes precisamos ser sensíveis ao contexto das outras pessoas. De qualquer modo, servirei como todo diácono; apenas não me deem o título”. E essa não foi apenas a expressão de um sentimento gentil; Tim prestou serviços durante vários anos sem nenhum título oficial. Por fim, ele foi ordenado diácono, uma grande vitória para a congregação e uma excelente oportunidade de ensino.

Dois anos depois, Tim morreu em um acidente de carro, deixando para trás sua esposa e dois filhos pequenos. Ele era meu vizinho e um dos meus amigos mais próximos; sua morte e subsequente ausência permanece sendo uma das coisas mais difíceis por que já passei. Que tipo de legado esse diácono deixou? Até hoje, uma expressão marca nossa igreja: “o princípio de Tim Ellis”. Ou seja: sirva ao Senhor como puder, sem levar em consideração se alguém o reconhece. Ou, em outras palavras, viva como Tim, o homem que “diaconou” muito antes de a igreja lhe conceder o título.

Pastoreio uma igreja “clandestina” na China, e no dia do Senhor nos reunimos para o culto em um salão de festas alugado de um hotel. Por um tempo, de forma rotativa, nossos grupos domésticos foram designados para chegar mais cedo e ficar até tarde — a fim de realizar os preparativos do culto e limpar o local depois. As responsabilidades também incluíam preparar os elementos da ceia do Senhor e dar as boas-vindas aos visitantes.

Entretanto, surgiram algumas queixas por motivos compreensíveis. Em primeiro lugar, nem todos os membros pertencem a um grupo doméstico, ou seja: alguns membros nunca foram designados para servir. Em segundo lugar, não é fácil para famílias com crianças pequenas chegar cedo ou sair tarde. (Além disso, as crianças muitas vezes bagunçavam as coisas enquanto todos limpavam.) Tudo isso fazia com que alguns membros solteiros se sentissem frustrados por acabarem fazendo a maior parte do trabalho. Devo mencionar ainda que não tínhamos dinheiro para contratar alguém para fazer a limpeza, nem seria sensato fazê-lo, por motivos de segurança. Mais tarde ficou clara a inviabilidade da continuação desse sistema de rodízio de grupos domésticos.

Então decidimos estabelecer uma posição de diácono para resolver esse problema. Colocamos um irmão qualificado na função de “instalações da igreja e hospitalidade” e pedimos que ele desenvolvesse um plano para resolver o problema. Ele logo apresentou seu plano aos líderes de nossa igreja, e nós o aprovamos.

O novo sistema de liderança diaconal é um grande avanço. Todos os membros conhecem suas responsabilidades e são incentivados a se amarem mais e a cuidarem melhor das famílias com filhos pequenos. Tem sido uma excelente oportunidade para os presbíteros ensinarem à congregação sobre sacrifício, amor e fidelidade.

Portanto, muitas vezes, o trabalho do diácono consiste em diminuir os conflitos na igreja. Os melhores, acredito, realizam um trabalho crucial sem chamar a atenção. Sou muito grato por Deus ter usado os diáconos de nossa igreja para ajudar o povo a crescer.

Há alguns anos, tivemos que pedir a renúncia de um pastor auxiliar por motivo de uma prolongada divergência e tensão relacional. Vinte ou trinta membros ficaram feridos e confusos; eles amavam esse homem e não entendiam por que não conseguíamos resolver a questão. Nós nos sentimos incapazes de pastoreá-los tendo em vista que a confiança que o grupo tinha nos presbíteros fora quebrada. Precisávamos de um mediador, alguém para ser uma ponte. Um de nossos diáconos, Jeff, mostrou-se à altura da ocasião. Ele entrou nessa situação delicada, cheia de tensão, e amorteceu o choque. Surpreendentemente, nosso relacionamento com o pastor auxiliar foi restaurado; ele acabou permanecendo na igreja por mais alguns meses, até encontrar outro lugar para servir. E nem uma única pessoa deixou a igreja em razão desse problema.

Tenho a convicção de que nada disso teria sido possível sem a sabedoria e a tenacidade de Jeff em procurar a paz. É muito provável que o pastor auxiliar e alguns membros teriam saído da igreja. Contudo, pelo fato de os presbíteros e esses membros confiarem no diácono Jeff, ele foi o mediador correto para esse momento. E, ao longo de tudo, graças à sua iniciativa e liderança como servo, nossa congregação pôde testemunhar a beleza da reconciliação de acordo com a Bíblia.

Toda vez que celebramos a ceia do Senhor, o diácono responsável pelas ordenanças chega mais cedo a fim de preparar o pão e arrumar e encher os cálices. Ele também chega cedo para se preparar para os batismos e põe tudo em ordem após o culto. Ele realiza tudo isso com alegria.

Esse trabalho silencioso possibilita algo de valor: todos os outros, incluindo os pastores, podem comparecer e participar desses dois lembretes do evangelho sem quaisquer entraves logísticos. O fato de eu conseguir me concentrar na ministração das ordenanças e usufruir de fato desses eventos — sem ter que pensar em sua preparação e remoção — enriquece minha experiência como

pastor e a experiência da igreja como família.

Aqui em Los Angeles, meu marido e eu administramos uma pequena organização sem fins lucrativos que fabrica mochilas de lona para uso em instituições de acolhimento familiar emergencial.⁴ Também servimos em nossa igreja como diáconos. No ano passado, um diácono nos colocou em contato com uma advogada que representa adolescentes em lares temporários que também estejam grávidas. Na época, explicou a advogada, havia trezentas meninas grávidas no sistema de lares temporários de Los Angeles. Entristecidos com isso, o Senhor deu-nos uma ideia: e se pudéssemos fazer um chá de bebê para todas elas?

Nossa igreja herdara, pouco tempo atrás, uma bela construção na cidade, onde nossos pastores estavam dispostos a nos deixar realizar o chá. Assim, teve início um notável esforço de colaboração entre nossa pequena organização sem fins lucrativos e nossa igreja. A advogada selecionou onze moças em circunstâncias particularmente vulneráveis e cada uma delas seria acompanhada por uma senhora de nossa igreja. Queríamos muito que parecesse um chá de bebê, não apenas um evento de acolhimento familiar temporário. Oramos para que essas meninas sentissem o mesmo nível de amor e expectativa que muitas de nós sentimos em nossos chás. Embora eu tenha coordenado o esforço, toda a nossa igreja apareceu para a ocasião, doando a quantidade incrível de 3 mil dólares em itens.

O chá estava com tudo em ordem: flores, comida requintada, carrinho de café, jogos de tabuleiro, cabine fotográfica, e muito mais — tudo doado e organizado pelas irmãs da igreja. Na época, nossa organização sem fins lucrativos contava com uma estagiária descrente que jamais colocara os pés na igreja; ela ficou espantada e maravilhada ao ver, pela primeira vez, o amor cristão. No dia do chá, as meninas receberam berço, cadeirão, bolsa bordada, leite em pó, fraldas, bichinhos de pelúcia e roupas de bebê suficientes para um ano. Um fotógrafo veio e fez retratos profissionais de cada menina; as fotos ficaram deslumbrantes e enobrecedoras. Nosso objetivo era modesto: queríamos apenas encontrar

formas de homenagear essas meninas pela decisão de escolher a vida diante de desafios terríveis, para enaltece-las, pois, ainda que tivessem pouco, caminhavam para essa escolha corajosa. Que privilégio poder oferecer aos desfavorecidos um pequeno vislumbre do coração de Deus. Nosso trabalho como diáconos simplesmente coordenou um esforço que possibilitou o serviço conjunto de muitas pessoas. Eu nunca me esquecerei disso.

Éramos uma jovem igreja plantada na Austrália. Não tínhamos prédio e alugávamos um espaço para o culto semanal. Tim era o diácono que coordenava a logística dominical; na verdade, ele serviu nesse papel antes mesmo de começarmos a reconhecer oficialmente os diáconos da igreja.

Não me lembro de Tim fazendo nada sob os holofotes, mas nos bastidores ele fazia uma diferença fundamental. Organizava todas as listas de voluntários da igreja — o ministério infantil, o grupo de som, o grupo musical, o grupo de boas-vindas e o grupo para arrumar tudo antes e depois das atividades. Semana após semana, entrávamos em uma sala totalmente preparada para o culto a Deus e a edificação de seu povo graças ao humilde serviço desse irmão.

Tim não servia de modo a atrair a atenção do mundo; em muitos casos, ele servia de forma a não ser visto por ninguém, exceto Jesus. Seu trabalho permitia que os presbíteros se concentrassem no ministério da Palavra e da oração. Tenho certeza de que ele poupou a igreja de vários tipos de complicações e potenciais conflitos. Ficamos imensamente gratos pelo serviço prestado por Tim, semana após semana, durante esse período.

No ano passado, um membro de nossa igreja — na casa dos quarenta anos, casado e com três filhos — passou por um problema neurológico debilitante. Ele

conseguiu voltar para casa depois de estar perto da morte, mas não estava claro se voltaria a andar — e, se o fizesse, apenas com a ajuda de um andador. Nesse meio-tempo, a cadeira de rodas seria uma nova companhia em sua vida — mas sua casa não era acessível para cadeiras de rodas. Nossos diáconos entraram em ação! Em menos de uma semana, eles conseguiram projetar e construir uma rampa para o interior da casa e colocaram um novo piso em um cômodo de nível principal que serviria de quarto. Foi realmente notável.

Uma história adicional ocorreu durante a paralisação gerada pela covid-19, quando descobrimos “desertos alimentares” em nossa cidade — bolsões de residentes de baixa renda com pouco acesso aos alimentos em razão da perda de renda. Então nossos diáconos organizaram uma campanha de alimentos; por dois dias, eles usaram luvas e máscaras e receberam entregas de enlatados e alimentos desidratados dos membros da igreja. Conseguimos coletar dois caminhões de alimentos! Os diáconos entregaram tudo em um centro de entrega de alimentos, onde as igrejas locais da área sem alimentos distribuíam tudo aos necessitados.

Pastoreio uma pequena igreja rural no Texas Oriental. Cerca de um ano atrás, James — um idoso com poucos recursos e saúde precária — completou o processo de filiação e tornou-se parte, com alegria, da família de nossa igreja. Quando jovem, James serviu nas forças armadas americanas e pastoreou algumas pequenas igrejas; agora ele é viúvo e um aposentado bastante isolado. Não demorei muito para perceber que esse homem passava por muitas necessidades práticas e que eu simplesmente não conseguiria cuidar bem dele sozinho.

David é um diácono alegre e bondoso, sempre à procura de maneiras de servir aos outros, e ele ficou feliz em se conectar com James. Todas as sextas-feiras de manhã, David dirige cerca de trinta minutos para buscar James para o estudo bíblico dos homens. David dá caronas regulares a James, levando-o à cidade e até ao supermercado para fazer algumas compras. James foi hospitalizado recentemente por causa de algumas complicações pulmonares; David foi o

primeiro a ter conhecimento disso e o primeiro a tranquilizá-lo em meio ao momento estressante.

David assumiu várias tarefas simples, mas que consomem bastante tempo, na vida ministerial de nossa igreja, e atendeu a inúmeras necessidades práticas dos membros da igreja. Um dos principais motivos pelos quais sou capaz de dedicar tempo adequado ao ministério da Palavra e da oração decorre do serviço zeloso e amoroso de David. Louvo a Deus por ele.

O denominador comum

Você consegue perceber o impacto tremendo exercido por diáconos eficientes? Eles ajudam os pastores e enriquecem a vida da igreja de diversas formas: organizam o atendimento, suprem necessidades tangíveis, blindam o ministério da Palavra, zelam pela harmonia do rebanho, cuidam dos necessitados, e muito mais.

Sem dúvida, os locais e as circunstâncias variam muito, mas o denominador comum — a pulsação — do trabalho diaconal permanece o mesmo: serviço abnegado pelo bem de igreja de Cristo e a glória de seu nome.

1Os nomes foram alterados ou omitidos para manter a privacidade das pessoas; fora isso, todos os detalhes ocorreram exatamente como se encontram nos relatos.

2Gregg Allison era o líder do conselho diaconal da Hinson Memorial Baptist Church, em Portland (Oregon), enquanto a igreja fazia a transição para a pluralidade de presbíteros. Ele relata brevemente essa história em Gregg Allison; Ryan Welsh, *Raising the dust: “how-to” equip deacons to serve the church* (Louisville: Sojourn Network, 2019), p. 34-8.

3Hank também criou uma forma curta e útil de descrever três categorias amplas de deveres diaconais: 1) construção: cuidar do terreno e dos reparos; 2) corpos: cuidar das necessidades físicas das pessoas; e 3) fronteiras: assumir a responsabilidade pela segurança das pessoas enquanto se encontram na

propriedade da igreja.

4No original, “emergency foster-care”. Foster-care é um sistema muito comum nos Estados Unidos de acolhimento familiar de crianças em situação de risco. (N. do E.)

A beleza: quem os diáconos refletem

Isaac está desanimado. Já se passaram 12 anos desde sua instalação como diácono na igreja de Riverside, e em certos dias ele se pergunta por que consentiu nisso. “Eu já me esforcei tanto por essa igreja, e ninguém repara nem se importa”, Isaac pensa. “Não estou procurando por nenhum elogio efusivo, mas um ‘obrigado’ seria bom de vez em quando.”

Isaac coordena o ministério da igreja que cuida das pessoas que não podem sair de casa, daqueles cuja saúde não lhes permite participar dos cultos dominicais. Ele passou horas incontáveis nas casas dos cristãos mais idosos de Riverside, substituindo lâmpadas queimadas e instalando corrimãos e rampas de acesso. Isaac não faz de má vontade o trabalho manual e conta com um talento especial para isso; contudo, fica irritado quando os membros da igreja são sarcásticos ao afirmarem que sua “linguagem do amor” consiste em atos de serviço. (Ele não se lembra de ter feito essa escolha.)

Um dos meus objetivos no livro é resgatar um pouco da dignidade, e até mesmo a glória, do serviço diaconal. Mas seria isso apenas um sentimento agradável, fácil de defender no papel, porém uma utopia em meio às coisas reais da vida? Afinal, diáconos como Isaac em igrejas como Riverside são provavelmente mais comuns do que imaginamos. Muitos diáconos se sentem com pouca energia e sem incentivo, esvaziados completamente de motivação e alegria. Talvez isso descreva um diácono de sua igreja. Talvez descreva você.

À medida que nos aproximamos da linha de chegada do livro, quero reiterar que o trabalho dos diáconos não é glorioso por ser sempre notado (muitas vezes ele não é). Nem é glorioso por ser sempre gratificante (muitas vezes isso não ocorre). Em última instância, o trabalho é glorioso em virtude do que ele espelha.

A previsão de Isaías

Quando Jesus andou pela terra, o ofício de diácono não existia. Ainda assim, a vida de Jesus teve ligação direta com tal ofício. No entanto, para compreender o significado do impacto da diaconia de Jesus, devemos voltar na história para ver como o Antigo Testamento enche a narrativa diaconal de significado.

O tema de Israel como servo eleito de Deus ganha destaque particular no livro de Isaías, escrito setecentos anos antes da chegada de Jesus à terra:

Mas você, Israel, meu servo,

Jacó, a quem escolhi,

a descendência de Abraão, meu amigo;

você, a quem tirei dos confins da terra,

e chamei dos cantos mais longínquos,

dizendo: “Você é meu servo,

eu o escolhi e não o rejeitei” (Is 41.8,9; cf. 43.10; 44.1,2).

No entanto, mesmo o status elevado da nação como servo escolhido por Deus foi insuficiente para salvá-la da pena de seus pecados. Deus, todavia, sempre rico em misericórdia, prometeu perdão:

Lembre-se destas coisas, ó Jacó,

e Israel, pois você é meu servo;

eu o formei; você é meu servo;

Ó Israel, você não será esquecido por mim.

Apaguei suas transgressões como uma nuvem

e seus pecados como a névoa;

volte para mim, pois eu o remi (Is 44.21,22; cf. 48.20).

Além disso, a bênção do perdão nunca foi concedida apenas a Israel. O objetivo de Deus, desde o chamado de Abrão (Gn 12.3), consistia na mediação dessa bênção a todo o mundo por meio do povo que o servia:

[O

Senhor

] diz:

“É muito pouco para você ser meu servo

e levantar as tribos de Jacó

e trazer de volta as pessoas que preservei de Israel;

farei de você uma luz para as nações,

para que minha salvação alcance o fim da terra” (Is 49.6).

Mesmo levando em consideração toda essa atenção “nacional”, a câmera de Isaías fecha a imagem em um único indivíduo, o representante de toda a nação. Vamos voltar para ouvir como o primeiro “cântico do servo” se inicia:

Vejam meu servo, a que sustento,
meu escolhido, em quem minha alma se deleita;
colocarei meu Espírito sobre ele;
ele trará a justiça às nações (Is 42.1).

Quando se chega ao último cântico do servo de Isaías, as lentes da câmera estão no lugar: mostra-se com detalhes o servo emblemático. É uma das passagens mais impregnadas de sentido profético de todas as Escrituras hebraicas. Em apenas quinze versículos, de Isaías 52.13 a 53.12, Deus deixa claro que a exaltação de seu servo não virá sem a humilhação da morte para carregar o pecado:

Vejam: meu servo agirá com sabedoria;
ele será sublime e elevado,
e será exaltado...

Contudo, o
Senhor

desejou esmagá-lo;
ele o fez sofrer;
quando sua alma fizer uma oferta pela culpa,
ele verá a sua descendência; prolongará seus dias;
a vontade do
Senhor
prosperará na sua mão.

Da angústia de sua alma, ele observará e ficará satisfeito;
o justo, meu servo, pelo seu conhecimento
fará muitos serem considerados justos,
e assumirá as iniquidades deles (Is 52.13; 53.10,11).

E o que resulta da morte e ressurreição do servo sofredor? Os gentios ingressam na família como servos do Deus vivo:

E os estrangeiros que se unem ao
Senhor
,
para servi-lo, para amar o nome do
Senhor
,

e para serem seus servos,
todos os que guardam o sábado e não o profanam,
e mantêm firme a minha aliança —
eu os levarei ao meu monte santo,
e os alegrarei na minha casa de oração;
seus holocaustos e seus sacrifícios
serão aceitos no meu altar; pois a minha casa será
chamada casa de oração
para todos os povos (Is 56.6,7).

Ao afastar a lente, uma foto de cima de todo o pergaminho de Isaías revela algo surpreendente: o rei (caps. 1—37) é o servo (38—55) e é o vencedor (56—66). Eles são a mesma pessoa. E, ao afastar a lente ainda mais, ocorre uma nova conexão no desdobramento da história da Bíblia: o servo sofredor de Deus não é ninguém menos que o santo rei de Deus (2Sm 7.12,13) por meio de quem a bênção de Deus se expande (Gn 12.3) e o inimigo de Deus perece (Gn 3.15).

Rei dos reis, diácono dos diáconos

Assim, por fim, quando Jesus entra em cena, ele não surge em um vácuo. Dezenas de promessas e séculos de espera reprimida — “as esperanças e temores de todos os anos”, como afirma um conhecido cântico de Natal — começam a tomar forma, de maneira interessante, em torno de um trabalhador galileu de uma cidade pouco conhecida no império mais poderoso da terra. E, quando ele inicia seu ministério público, não perde tempo e logo identifica a si mesmo como o objeto do cântico antigo de Isaías. Pois todas as canções lhe diziam respeito:

E chegou a Nazaré, onde foi criado. E, como era seu costume, foi à sinagoga no dia de sábado, e levantou-se para ler. E lhe foi entregue o pergaminho do profeta Isaías. Ele desenrolou o pergaminho e encontrou o lugar onde estava escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para proclamar as boas-novas aos pobres.
Ele me enviou para proclamar a liberdade aos cativos
e recuperar a visão dos cegos,
libertar os oprimidos,
proclamar o ano do favor do Senhor”.

Ele enrolou o pergaminho e o devolveu ao encarregado e se sentou. Os olhos de todos na sinagoga estavam fixos nele. E ele começou a lhes dizer: “Hoje esta Escritura se cumpriu na presença de vocês” (Lc 4.16-21).

Jesus veio para incorporar o escopo do propósito de Israel, para triunfar onde a nação falhou e, em última instância, para ser banido em uma cruz pagã. Nesse ínterim, ele ensinará a seus seguidores o surpreendente segredo da verdadeira grandeza e da mobilidade descendente da verdadeira vida no reino:

Jesus os chamou até ele e lhes disse: “Vocês sabem que os considerados governantes dos gentios lhes dão ordens, e os grandes dentre eles exercem autoridade sobre eles. Contudo, isso não deve ocorrer entre vocês. Quem desejar ser o maior entre vocês deve ser seu servo [diakonos], e quem desejar ser o

primeiro entre vocês deve ser escravo de todos. Pois até mesmo o Filho do Homem não veio para ser servido [diakonēthēnai], mas para servir [diakonēsai] e dar sua vida em resgate de muitos” (Mc 10.42-45; cf. 9.34,35).

O mundo sempre mediu a grandeza pelo padrão de serviço que alguém recebe, não pelo que oferece. Mas Jesus reverte radicalmente nossa lógica decaída. “Ele não faz mudanças ou ajustes sutis em um sistema bem consolidado”, observa certo teólogo. “Ele [vira] a coisa toda de cabeça para baixo ao transformar [...] o primeiro em último e o último em primeiro”.¹ E como ele faz isso? Como ele inaugura os padrões que subvertem o modo de o mundo agir? “Ele o faz mediante uma demonstração. Ele ‘diacona’. Dê grande valor a essa palavra; ela procede do cerne do evangelho.”²

Em antecipação à sua última refeição com os discípulos, Jesus fez arranjos para deixar a sala e a refeição prontas. Ao entrar pela porta naquele fim de tarde, os discípulos não se surpreendem com o cheiro de comida que procedia da mesa. Nem ficam surpresos ao ver uma toalha e uma bacia com água no chão. Havia apenas uma omissão gritante: Onde estava o servo? A última coisa que eles esperariam ver no mundo seria seu grande mestre se ajoelhar, assumir a postura e o papel de um insignificante — um escravo! — a fim de lhes limpar os pés imundos. Mas ele o fez. Então, de maneira bastante previsível, aparentemente antes de os pés deles se secarem por completo, irrompe uma discussão sobre quem seria o maior discípulo. Jesus interrompe a discussão patética: “Pois quem é maior: quem está à mesa ou o que serve [diakonōn]? Não é o que está à mesa? Mas eu estou entre vocês como o que serve [diakonōn]” (Lc 22.27, CSB).

Tim Keller extrai duas implicações acerca do trabalho diaconal a partir desse relato. Suas palavras são contundentes:

Primeiro, Jesus lavou os pés dos discípulos apesar de sua morte ser iminente. A ira de Deus estava para ser derramada sobre Jesus, e ele sentia o tremendo peso disso mesmo durante a ceia. Quando estamos sofrendo, curvados sob um fardo de preocupações, será que olhamos ao redor e notamos que há pessoas cujos pés precisam ser lavados? Tentamos descobrir pequenas maneiras de servir ao próximo? Não! Em geral, mergulhamos em nossas tribulações e esperamos que

os outros cuidem de nós. [...] O servo de verdade não arruma desculpas: "Quando minha vida entrar nos eixos, quando a depressão passar, quando minha agenda ficar mais livre, então vou servir aos outros". Talvez você esteja sofrendo e até sinta raiva porque ninguém percebe. Mas qual seria a sua situação se Jesus agisse como você?

Segundo, Jesus serviu aos discípulos apesar de eles não merecerem. Observe que João deixa claro que Jesus sabia que o traidor estava presente (13.2,10). Jesus conhecia bem todos os discípulos — um iria traí-lo, outro iria negá-lo e todos fugiriam! Quando Jesus mais precisasse deles, os discípulos o abandonariam. Um daqueles pares de pés ficara sujo e cansado depois de ter andado atrás da tortura e morte de Jesus. E Jesus, o que fez? Lavou aqueles pés.³

Na sociedade grega antiga, esse tipo de comportamento não era inspirador, e sim um absurdo. Não era lindo; consideravam-no repugnante. “Como”, Platão perguntara quatro séculos antes, “pode ser feliz o homem que é um servo de qualquer natureza?”.⁴ Entretanto, eis o Filho eterno de Deus, no chão, a conceder dignidade ao trabalho considerado mais inferior do mundo.

O ministério diaconal contínuo de Cristo

O ministério terreno de Jesus era poderoso em palavras e atos (cf. Lc 24.19), e ele continua essa dupla abordagem hoje em grande parte por meio dos ofícios de presbítero e diácono. Como os presbíteros servem com palavras e os diáconos servem com ações, o ministério holístico de Cristo continua. “Cristo cuida de sua igreja por meio dos oficiais que ele escolhe”, observam William Boekestein e Daniel Hyde. E os diáconos, eles afirmam, constituem o meio pelo qual ele continua parte de sua obra sacerdotal.⁵ Como Inácio de Antioquia — que pode ter nascido já no ano 35 d.C. — afirma com simplicidade, aos diáconos foi “confiado o serviço de Jesus Cristo”.⁶

Ao cuidar dos feridos, os diáconos funcionam como as mãos e os pés de Cristo para o mundo carente de seu toque. À medida que eles discernem e atendem às necessidades práticas, os diáconos refletem o Salvador que tomou a iniciativa absoluta de atender às nossas necessidades mais profundas. E, ao agir como “amortecedores de choques”, que protegem a igreja e fomentam sua unidade, os diáconos satisfazem Àquele que orou por ela (Jo 17.21,22) e verteu seu sangue a fim de salvaguardá-la (Ef 2.11-22).

Não admira que Paulo possa resumir a encarnação mediante a simples declaração: “Cristo se tornou servo [diakonos]” (Rm 15.8). Em outro texto ele elabora o argumento, uma das passagens mais espantosas da Escritura:

Não façam nada por ambição egoísta ou presunção, mas com humildade considerem os outros mais importantes que vocês mesmos. Que cada um de vocês não procure apenas os próprios interesses, mas também os interesses dos outros. Tenham essa mentalidade entre vocês, que é a mesma de Cristo Jesus, que, apesar de estar na forma de Deus, não considerava a igualdade com Deus algo a que devia se agarrar; antes, ele esvaziou a si mesmo, tomando a forma de servo, nascendo à semelhança dos homens. E, sendo encontrado sob a forma humana, humilhou-se, tornando-se obediente até à morte, até mesmo à morte na cruz. Por isso, Deus o exaltou e lhe concedeu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre no céu, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.3-11).

Várias religiões na história reconheceram o valor da humildade; nenhuma ousou mencionar um Deus humilde. A noção de humildade aplicada à divindade é considerada apenas uma confusão de categorias. Daí a afirmação de que o Deus da Bíblia — não o membro de um panteão, não uma opção em um menu de divindades, mas o Criador único de todas as coisas — se rebaixaria a fim de servir às suas criaturas, até descer a uma cruz torturante, não é só algo surpreendente: é escandaloso.

Contudo, foi exatamente isso que ocorreu. O texto de Filipenses 2 ressoa com a notícia de que, embora Deus, o Filho, tivesse tudo — a adoração dos anjos, o

amor infinito do Pai e do Espírito —, ainda assim ele veio. Do esplendor do céu à miséria de um estábulo. E, em uma noite solitária na pequena cidade chamada Belém, ele iniciou a jornada de obediência ao Pai — jornada que culminaria 33 anos depois em uma colina fora de Jerusalém, onde ele sofreu na cruz romana por seres rebeldes como nós. E o que o compeliu? Um amor indescritível. Na verdade: “ninguém tem amor maior que este: alguém abrir mão da vida por seus amigos” (Jo 15.13). Não há exemplo mais perfeito de serviço abnegado do que o Daquela que deixou o céu quando poderia ter ficado, e permaneceu na cruz quando poderia ter partido.

Portanto, diácono, levante seus olhos do trabalho ordinário e direcione-os ao Messias. Veja-o a tocar mãos sujas, lavar pés imundos, servir a pecadores ingratos e renunciar, por fim, à sua vida em favor de quem ele ama. O formato do serviço diaconal como um todo encontra o modelo e a missão na vida de seu Salvador.

Diácono, seu ofício tem data de validade, mas sua condição de servo do rei jamais findará. Por que deveria? A vida a serviço dele consiste na liberdade perfeita. Seu papel atual de diácono é apenas um estágio para o futuro eterno em que você o verá a face, com todos os seus servos, para todo o sempre:

Não haverá mais nada maldito, e o trono de Deus e do Cordeiro estará nela, e seus servos o adorarão (Ap 22.3; cf. v. 6).

Que Jesus, o diakonos absoluto, regresse com sua glória em breve. Os cânticos de Isaías já se cumpriram, mas ainda ocorrerá um bis.

1George C. Fuller, “The high calling of deacon”, in: Timothy J. Keller, *Resources for deacons: love expressed through mercy ministries* (Lawrenceville: Presbyterian Church in America Committee on Discipleship Ministries, 1985), p. 7.

2Fuller, “High Calling of Deacon”, p. 7.

3Timothy J. Keller, *Ministries of mercy: the call of the Jericho road*, 2. ed. (Phillipsburg: P&R, 1997), p. 138 [edição em português: *Ministérios de*

misericórdia: o chamado para a estrada de Jericó, tradução de Eulália Pacheco Kregness (São Paulo: Vida Nova, 2016)].

4Plato [Platão], *Dialogues of Plato: translated into English, with analyses and introduction*, tradução de Benjamin Jowett (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), vol. 3, p. 86.

5William Boekestein; Daniel R. Hyde, *A well-ordered church: laying a foundation for a vibrant church* (Darlington: Evangelical Press, 2015), p. 49, 45, grifo do autor da citação removido. Sobre as similaridades entre o ofício sacerdotal do Antigo Testamento e o ofício diaconal no Novo Testamento, veja Daniel R. Hyde, “Rulers and servants: the nature of and qualifications for the offices of elder and deacon”, in: Michael Brown, org., *Called to serve: essays for elders and deacons* (Middleville: Reformed Fellowship, 2006), p. 6-10.

6Ignatius of Antioch [Inácio de Antioquia], *Epistle to the Magnesians* 6.1.

Conclusão

Diáconos são pessoas que fazem diferença

A cultura ocidental atual é, em vários pontos, um experimento sobre a inversão da virtude. As antigas virtudes estão sendo cada vez mais vistas como vícios, e os antigos vícios como virtudes. Claro, algumas mudanças foram muito benéficas, já que grupos de pessoas oprimidas e desfavorecidas ao longo da história — mulheres e afro-americanos, por exemplo — conquistaram direitos que há muito tempo lhes eram devidos. Louvado seja Deus.

Mas nem toda mudança cultural foi positiva. Tomemos, por exemplo, a negação de si mesmo. Em muitas culturas tradicionais, ela era considerada virtude: subjagam-se os próprios desejos pelo bem maior da família, nação ou classe (os que se encontram “abaixo” de si, como vimos com Platão, são uma outra história). Entretanto, agora, no Ocidente, a ideia de suprimir os próprios desejos por qualquer pessoa — até mesmo família ou amigos — é muitas vezes considerada ingênua ou retrógrada, até mesmo uma heresia cultural. A expressão: “Seja você mesmo” não aponta mais para o egoísmo, mas para o bem-estar. Não é fácil, ao que parece, negar-se e ser verdadeiro consigo ao mesmo tempo.

Qual é a relação entre essa minianálise de nosso momento cultural e os diáconos? Tudo — já que o trabalho diaconal é, em sua essência, um serviço abnegado para o bem do outro. Enquanto o mundo grita: “Afirme-se”, os diáconos piedosos procuram maneiras de negar a si mesmos. Enquanto o mundo incentiva: “Sirva-se”, os diáconos estão ocupados traçando estratégias para servir aos outros. Enquanto o mundo das redes sociais se infiltra mais e mais e brada: “Promova-se”, os diáconos discretamente preparam outras pessoas para vencer. Não que as culturas tradicionais fossem moralmente puras até o individualismo expressivo aparecer e arruinar tudo. No entanto, nenhuma cultura na história fez mais que a nossa para difundir mantras e implantar uma mentalidade tão contrária ao cerne do trabalho diaconal.

O serviço abnegado sempre foi mais desafiador. Será que isso já foi tão contracultural?

Seth, o Servo

No capítulo 1, deparamo-nos com diáconos estereotipados: Peter, o pastor em treinamento; Terrance, o faz-tudo; Sam, o homem das planilhas; Cliff, o empresário; Vinnie, do veto; e Steve, o pseudopresbítero.

É hora de conhecermos mais um.

Na verdade, você já o conheceu, pois Seth, o servo, é a pessoa a quem nós nos referimos na maior parte do livro. Ele não quer um ofício, um título ou um holofote. Na verdade, ele sabe que realizar ações “para ser visto pelos outros” é a marca dos opositores do Salvador (Mt 23.5). Seth internalizou a natureza invertida da verdadeira grandeza, descrita pelo próprio Jesus:

O maior entre vocês será o seu servo [diakonos]. Quem exaltar a si mesmo será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (Mt 23.11,12).

Em resumo, Seth entende, como um líder ministerial observou, que o diácono que se encontra acima do povo está abaixo do ofício.¹

Não me entenda mal. Seth não é perfeito, mas é alguém que ora e cresce em humildade. Ele não é a pessoa mais inteligente, mas pode ser ensinado. Ele não é a pessoa com mais experiência, mas é respeitado pelo modo que trata as pessoas. Seth não é o “homem que diz sim para tudo”, mas ele também não é um crítico pastoral automeado. Ele não crê ser sua tarefa — nem a de nenhum cristão, aliás — olhar com desconfiança para os líderes piedosos. Seth adora ficar em segundo plano, não porque ele seja falsamente modesto, mas por se preocupar com o que está em primeiro plano na igreja: a glória de Jesus Cristo. E sabe que o brilho da glória de Cristo será eclipsado se os pastores estiverem perpetuamente distraídos por problemas administrativos. Seth gosta do ministério da facilitação e de lidar com a logística a fim de que os presbíteros

possam concentrar suas energias em liderar e pastorear a congregação pelo ministério da Palavra e oração. E, além do mais, ele é motivado pelo amor! Ele incorpora as palavras de Paulo: “Pois o amor de Cristo nos compele [...] para que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Co 5.14,15, NIV).

Seth não seria o diácono ideal? Sim, pois ele é um cristão maduro, sempre em crescimento. Ele é conhecido entre os membros da igreja por seu caráter, sua humildade, sua disposição de servir de maneira criativa e silenciosa? Sim, sim e sim.

Diáconos estiveram aqui

Os diáconos fiéis devem ser capazes de ver suas impressões digitais em cada sermão pregado. Nosso pastor não seria capaz de fazer isso, ou não com tanta eficiência, se eu não agisse assim.

Os diáconos fiéis devem ver suas impressões digitais na unidade de sua congregação, pela qual Jesus orou (Jo 17.22). Hoje há irmãos e irmãs nesta igreja vivendo juntos em amor e harmonia, que de outra forma não se encontrariam assim.

Os diáconos fiéis devem ver suas impressões digitais no bem-estar de todo o rebanho e no testemunho mundial da igreja. Pelo fato de eu ter observado a necessidade e me levantado para atendê-la, os presbíteros foram liberados para se dedicarem ao pastoreio de almas eternas. Pelo fato de eu ter recrutado os voluntários, nosso pastor não precisou passar o sábado realizando essa tarefa. Pelo fato de eu ter me submetido à sabedoria coletiva dos presbíteros sobre um assunto complexo, um diácono mais jovem aprendeu o valor do respeito humilde. Pelo fato de eu ter amado uma cristã mais idosa em sua angústia, ela foi tirada de seu desespero e se tornou mais disposta a contemplar o rosto de Cristo. Pelo fato de eu ter debelado o conflito, o evangelho foi capaz de prosseguir com poder.

Não sei por que você escolheu este livro, mas sei o seguinte: os diáconos foram

ideia de Deus. Ele ama os diáconos, e deseja que nós os amemos também. Entretanto, para amarmos o ofício da forma correta, devemos entender a visão gloriosa da Bíblia para ele. Não, não devemos considerar os diáconos um conselho executivo de pseudopresbíteros. Trata-se de um ofício de serviço, não de supervisão. Mas não vamos reduzir o papel deles a empresários experientes ou trabalhadores braçais qualificados. Os diáconos são muito mais que isso. Eles consistem na cavalaria influente de servos chamados pelo rei e delegados por sua igreja para o atendimento de necessidades tangíveis, a fim de proteger e promover a unidade da igreja e fortalecer o ministério dos presbíteros. E, ao agirem assim, eles aceleram a missão da igreja.

Os diáconos realizam o trabalho físico com efeitos espirituais e o trabalho invisível com efeitos palpáveis. Seu chamado é nobre. Seu serviço é necessário. E sua recompensa está próxima (1Tm 3.13).

1Tony Wolfe, correspondência pessoal, em 2/4/2020. Tony é o diretor de relações pastor/igreja da Southern Baptists of Texas Convention (SBCTX) e o autor do livro *A deacon on purpose: four biblical essentials*, um livro e um programa de estudos em vídeo produzidos pela convenção SBCTX em 2018.

Apêndice 1

Mulheres podem ser diaconisas?

Se você pulou o texto até aqui antes de ler o restante do livro, que vergonha! Retorne ao sumário e tente novamente. É claro que estou brincando!

Não é apenas compreensível, é inevitável que a questão prenda nossa atenção. Toda igreja que tem diáconos deve, de uma forma ou de outra, chegar à própria conclusão sobre o fato de Cristo chamar mulheres para esse ofício. Às vezes, essa decisão é formal, codificada na constituição da igreja ou em um documento da denominação; outras vezes, é menos formal, impulsionada em grande parte pelo costume. Seja como for, a escolha deve ser feita: o ofício de diácono em sua igreja será aberto às mulheres ou não?

Meu objetivo neste apêndice é oferecer o que creio serem os argumentos mais fortes dos dois pontos de vista, cabendo a você decidir o mais convincente. (Sou bem franco: em minha opinião considero bíblico ter mulheres no ofício de diácono. Confira meus comentários nos dois parágrafos finais do apêndice.)

Argumentos contra as DIACONISAS

Às vezes, as pessoas convictas de que a Escritura limita o diaconato a homens qualificados são acusadas de não valorizar o ministério feminino. Contudo, a conclusão não se segue necessariamente à premissa. As mulheres podem definitivamente florescer em igrejas em que não servem no ofício de diácono. Seu valor pode ser avaliado, seus dons celebrados, suas contribuições incentivadas e seu ministério defendido.

Agora, com certeza algumas igrejas restringem o ofício aos homens por causa de uma visão limitada acerca do ministério feminino. Mantenham-se à distância e

deixem o ministério de verdade para nós! Contudo, a existência de “chauvinismo ministerial” em algumas igrejas que contam apenas com homens no ofício diaconal não implica na infestação das demais igrejas. Sim, uma igreja pode apresentar razões patéticas para limitar o ofício diaconal aos homens, mas o que dizer se as razões de outra igreja forem diferentes? E se as razões dela tiverem sido pensadas com cuidado? Sem dúvida, muitas igrejas sem diaconisas estimulam e preparam as mulheres melhor que outras igrejas que tecnicamente as têm, mas que, quando se trata do “verdadeiro trabalho” de teologia e ministério, continuam a manter as mulheres à distância.

Dito isto, eis os argumentos para a limitação do ofício diaconal a homens qualificados.

1. A igreja de Jerusalém escolheu apenas homens

Como vimos no capítulo 2, Lucas é claro a respeito das qualificações dos sete designados para servir à igreja de Jerusalém:

E os doze convocaram o número total dos discípulos e disseram: “Não é correto que nós deixemos a palavra de Deus para servir às mesas. Portanto, irmãos, escolham entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, a quem encarregaremos desse dever” (At 6.2,3).

Não “sete mulheres”, nem “um pouco de cada gênero”. Sete homens.

Ora, é verdade que Atos 6 não apresenta tecnicamente o ofício de diácono, mas com certeza a passagem inicia o padrão que logo se tornará a posição (cf. Fp 1.1). Além disso, não é como se hesitássemos em extrair da história princípios relacionados ao diaconato. Propus vários no capítulo 2: a priorização do “ministério da palavra”, o envolvimento da congregação, a valorização do caráter em primeiro lugar, que os sete solucionassem um problema e, em consequência disso, a unidade da igreja fosse preservada, entre outras coisas.

Então, parece arbitrário omitir de nossas aplicações apenas esse princípio: os diáconos hoje, como os sete que os precederam, devem ser exclusivamente homens.

2. Paulo se referiu às esposas dos diáconos, não a mulheres no ofício diaconal

Em sua lista de qualificações dos diáconos, Paulo inclui quatro qualificações para as esposas deles:

Da mesma forma, os diáconos devem ser dignos de respeito, não ter língua dobre, não apegados a muito vinho, não cobiçosos por ganhos desonestos. Eles devem manter o mistério da fé com a consciência limpa. E que também sejam testados primeiro; então, sirvam como diáconos, caso se mostrem livres de culpa. Suas esposas [gynaikas] também devem ser dignas, não caluniadoras, mas moderadas, fiéis em todas as coisas. Que cada diácono seja marido de uma só esposa, cuidando bem de seus filhos e da própria casa. Pois os que servem bem como diáconos obtêm boa reputação e também grande confiança na fé que há em Cristo Jesus (1Tm 3.8-13).

É verdade que a palavra grega no início do versículo 11, traduzida por “esposas” (gynaikas), também pode ser vertida por “mulheres”. Contudo, no fluxo da seção a referência às esposas dos diáconos é mais provável por várias razões.

Primeira, no contexto imediato do capítulo 3, a palavra é traduzida duas vezes por “esposa”, não por “mulher” (v. 2,12). Desse modo, a forma natural de ler sua única outra ocorrência no capítulo, no versículo 11, também é como “esposas”.

Segunda, se Paulo se refere a mulheres no ofício de diácono, então por que ele não lhes confere o título, como ele procedera antes no caso de presbíteros (v. 1) e diáconos (v. 8)? Por que usar uma palavra ambígua (gynaikas, “esposas” ou “mulheres”) em vez de uma designação mais específica como diakonous, com o artigo feminino — seja tas diakonous (“diaconisas”), seja gynaikas diakonous

(“mulheres diáconos”)?

Terceira, Paulo estipula o padrão do casamento para presbíteros (v. 2) e diáconos (v. 12); por que não para essas mulheres, se elas também são diaconisas? Ele também omite qualquer exigência de teste, de modo diferente de presbíteros (v. 6; cf. 5.22) e diáconos (v. 10).

Quarta, é difícil imaginar o motivo de Paulo falar a respeito de diáconos (v. 8-10), na sequência de diaconisas (v. 11), e então de diáconos novamente (v. 12). Se ele estivesse realmente voltando sua atenção dos diáconos para as diaconisas, por que voltar a falar de forma repentina para diáconos no versículo seguinte? É melhor concluir que Paulo esteja falando de diáconos o tempo todo, e aqui examina a vida familiar de uma pessoa sob dois ângulos: o caráter de sua esposa (v. 11) e o próprio caráter do diácono como marido e pai (v. 12).

Por fim, dada a natureza da responsabilidade diaconal, faz sentido que Paulo incluísse algumas qualificações para as esposas deles. Como Guy Waters explica: “À luz das sensibilidades que cercam o trabalho dos diáconos, e à luz do fato de que as esposas podem ser chamadas para ajudar o marido — em particular no atendimento às necessidades das mulheres da igreja —, pode-se perceber por que Paulo desejava que a igreja ficasse satisfeita com o caráter do candidato e de sua esposa quando avaliavam a adequação dele ao diaconato”.¹

3. Febe era uma serva, não uma diaconisa

Em Romanos 16, os cumprimentos pessoais de Paulo se iniciam com a recomendação de Febe:

Recomendo a vocês nossa irmã Febe, uma serva [diakonos] da igreja de Cencreia, para que a recebam no Senhor de forma digna dos santos e a ajudem em tudo que ela precisar de vocês, pois ela tem sido benfeitora de muitos e de mim também (Rm 16.1,2)

Apesar de a palavra aqui ser de fato diakonos, sabe-se a partir do restante do Novo Testamento que o termo é usado quase sempre de modo informal, em referência à pessoa que hoje se pode descrever como alguém com “a mente voltada para o ministério” ou com “o coração de servo”. Não estamos diante de uma exceção. E, se o uso da palavra aqui tiver algum significado técnico, é mais provável que seja o de “mensageira” ou de “enviada” que “diaconisa”.² Ou seja, Febe pode ter sido a mensageira designada em nome da igreja de Cencreia, algo muito diferente do ofício formal de diaconisa. Além disso, é errôneo extrair algum significado da desinência masculina da palavra, uma vez que a forma feminina (diakonissa) ainda não havia sido criada.

Em resumo, nada no contexto de Romanos 16 exige que se considere Febe algo mais que uma serva dedicada e louvável, enviada, talvez em alguma missão oficial, pela igreja de Cencreia.

4. O trabalho diaconal implica certa medida de autoridade

As qualificações dos diáconos em 1Timóteo 3 seguem de perto as proibições específicas de gênero:

Que a mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine ou exerça autoridade sobre o homem; em vez disso, ela deve permanecer silenciosa. Pois Adão foi formado primeiro, depois Eva; e Adão não foi enganado, mas a mulher foi enganada e tornou-se transgressora. No entanto, ela será salva por meio do parto — se continuarem na fé, no amor e na santidade com autocontrole (1Tm 2.11-15).

Sem dúvida, apesar de os cristãos debaterem as candidaturas diaconais sob a perspectiva complementarista, isto é claro: as mulheres não podem exercer autoridade espiritual formal sobre os homens na igreja; portanto, não podem servir como presbíteras. Como o restante da carta deixa claro, os presbíteros se distinguem dos diáconos pela vocação única de ensinar e governar toda a igreja

(3.2; 5.17), tarefas que correspondem precisamente a essas duas proibições específicas relativas às mulheres: “ensinar” e “exercer autoridade” (2.12).

Em resumo, as proibições (1Tm 2.12) devem esclarecer nossa leitura das qualificações (3.11), de modo que, ao aplicarmos a passagem anterior, na prática não se mine, no entanto, a primeira. Contudo, é difícil evitar essa dificuldade, se não impossível, pelo fato da influência, liderança e alguma medida de autoridade provirem com naturalidade do diácono habilitado. Talvez seja importante mencionar também que o diácono deve “administrar” (proistamenoí) bem sua casa (v. 12). Isso pode sugerir que, como no caso dos presbíteros (v. 4,5), o diaconato envolva funções que devam reverberar sua liderança no lar? Abrir o diaconato para as mulheres, portanto, não é apenas antibíblico, mas também imprudente, pois elas assumiriam um nível de autoridade prática proibida pela Escritura.³

Argumentos a favor das diaconisas

Ao apresentar agora os argumentos favoráveis à instalação de mulheres na função de diaconisas, faz-se necessária uma advertência importante: essa discussão pressupõe que os diáconos de sua igreja atuem como diáconos, não como presbíteros. De modo geral, se os diáconos agirem como um conselho de presbíteros regentes, talvez seja melhor, então, continuar, por ora, a limitar o ofício diaconal a homens. Seu primeiro dever é estudar e implementar o que a Palavra de Deus diz não a respeito das diaconisas, mas dos diáconos em geral. (E, se você tiver chegado até este ponto do livro e não fizer a mínima ideia a respeito desse assunto, terei falhado de forma absoluta!)

Bem, feita a ressalva, vejamos alguns argumentos para a abertura do diaconato a mulheres qualificadas.

1. Nenhuma passagem da Escritura proíbe que mulheres sejam diaconisas

Já constatamos a proibição de Paulo a respeito do ofício e da função de presbítero: “Não permito que a mulher ensine ou exerça autoridade sobre o homem” (1Tm 2.12). Somente os presbíteros estão incumbidos do ensino e da supervisão espiritual da igreja toda. Sem dúvida, os diáconos precisarão tomar decisões a respeito de recursos, da convocação de outros irmãos para ajudar e, de modo geral, administrar áreas de necessidades tangíveis — como claramente implicou a distribuição de alimentos administrada pelos sete (At 6.1-7).

Entretanto, de forma diferente dos presbíteros, os diáconos não foram incumbidos de pastorear o rebanho todo (At 20.28; 1Pe 5.2). Diferentemente dos presbíteros, os diáconos não precisam estar prontos a fim de “dar instrução na sã doutrina e [...] refutar os que a contradizem” (Tt 1.9). De modo diverso dos presbíteros, os diáconos não terão de prestar contas a Deus pelo bem-estar espiritual de almas individuais (Hb 13.17). Nem mesmo uma vez se lê um versículo semelhante a: “Sujeitem-se aos diáconos” (cf. 1Pe 5.5), ou: “Obedeçam a seus diáconos e se submetam a eles” (cf. Hb 13.17), pois essa linguagem é aplicada exclusivamente ao ofício de presbítero.

Para resumir, não há texto “equivalente a 1Timóteo 2.12” em relação aos diáconos, pois o ofício deles não é de autoridade espiritual, estando, portanto, naturalmente aberto a mulheres qualificadas. Assim, a Bíblia não proíbe diaconisas. Por que proibir o que a Bíblia não proíbe?

2. Paulo se referiu a diaconisas, não às esposas dos diáconos

De volta às qualificações de 1Timóteo 3:

Da mesma forma, os diáconos devem ser dignos de respeito, não ter língua dobre, não apegados a muito vinho, não cobiçosos por ganhos desonestos. Eles devem manter o mistério da fé com a consciência limpa. E que também sejam testados primeiro; então, sirvam como diáconos, caso se mostrem livres de culpa. Suas esposas [gynaikas] também devem ser dignas, não caluniadoras, mas moderadas, fiéis em todas as coisas. Que cada diácono seja marido de uma só

esposa, cuidando bem de seus filhos e da própria casa. Pois os que servem bem como diáconos obtêm boa reputação e também grande confiança na fé que há em Cristo Jesus (1Tm 3.8-13).

Mais uma vez, *gynaikas* (v. 11) pode significar “esposas” ou “mulheres” (e.g., “suas esposas”, ESV; “as mulheres”, NIV; “mulheres”, NASB): a tradução correta depende do contexto. E o versículo 11 é mais bem traduzido por “mulheres” — como “diaconisas” — por várias razões.

Primeira, Paulo usa *gynaikas* outras oito vezes em 1Timóteo — provavelmente a melhor tradução para todas elas seja “mulheres”, não “esposas”. As primeiras cinco ocorrências (2.9,10,11,12,14) são indiscutíveis. Mas o que dizer das duas no contexto imediato de 3.11?

3.2: “marido de uma só esposa” (*mias gynaikos andra*)

3.12: “marido[s] de uma só esposa” (*mias gynaikos andres*)

À primeira vista, essa tradução (“esposa”) pode parecer a única opção razoável. Mas, traduzida literalmente, a expressão significa apenas “homem de uma mulher” (3.2) e “homens de uma mulher” (3.12). Nada na qualificação exige a tradução “esposa”; na verdade, o enfoque um pouco mais amplo de “mulher” abrange, de forma útil, mais candidatos ao diaconato, como os homens solteiros e viúvos. A questão é que a fidelidade do homem — nas relações com outras mulheres que não sua esposa — é amplamente conhecida e incontroversa.⁴

Também vale observar sobre o ponto que apenas um dos nove usos de *gynaikas* por Paulo, em 1Timóteo, apresenta estrutura idêntica à de 3.11:

“Da mesma forma também [...] mulheres...” (2.9)

“Mulheres da mesma forma...” (3.11, NASB, ESV mg, cf. NIV)

E, pelo fato de o primeiro uso (2.9) se referir com clareza a mulheres, não a esposas, devemos usar o padrão de ouvir o eco posterior (3.11) da mesma maneira.

Segunda, o pronome possessivo “suas” — como em “suas esposas” (v. 11) — não está no texto. Ele é inserido às vezes para dar apoio à tradução de “esposas”, mas sua presença não é originária. Paulo poderia ter incluído um qualificativo com facilidade — digamos, “suas” (autōn) ou “suas próprias” (idiōn) — para especificar com nitidez o foco nas esposas dos diáconos, mas ele não o fez.⁵ Isso indica que o simples uso de gynaikas, sem nenhum pronome, significa que ele tem em mente diaconisas.

Terceira, considere a estrutura gramatical do parágrafo:

v. 8: “Da mesma forma, os diáconos devem ser dignos...” (seguidas por três qualificações)

v. 11: “As esposas/mulheres também devem ser dignas...” (seguidas por três qualificações)

Esses versículos são paralelos exatos, cada um apresentando a expressão “da mesma forma”, seguida de “digno” e de três qualificações adicionais. Esse uso de “da mesma forma” ecoa o versículo 8 e sugere que Paulo ainda trata dos diáconos. As mulheres servem do mesmo modo que os homens.

Quarta, ainda mais significativo é como esses versículos funcionam de modo idêntico — e, portanto, juntos — em relação ao anterior:

v. 2: “O bispo deve ser...”

v. 8: “Os diáconos da mesma forma [devem ser]...”

v. 11: “As esposas/mulheres da mesma forma [devem ser]...”

Essa visão “ampliada” da passagem toda sugere que as mulheres do versículo 11 não são distinguidas em sentido básico dos diáconos, e sim dos presbíteros. Paulo trata as mulheres e os diáconos juntos, como um ofício, em relação paralela com os presbíteros, o outro ofício.

Quinta, o que dizer da objeção comum de que ver diaconisas no versículo 11 equivale a uma mudança abrupta de linguagem? É uma boa pergunta: Por que Paulo versaria sobre os diáconos (v. 8-10), depois pularia para diaconisas (v. 11) e depois voltaria para os diáconos (claramente masculinos) (v. 12)? Fico confuso só de escrever!

A resposta, na verdade, é bastante simples: Paulo “encerra” o parágrafo com enunciados gerais relativos a todos os diáconos (v. 8-10 e v. 13), nos quais ele se dirige, com breve especificidade, a diáconos do sexo feminino (v. 11) e diáconos do sexo masculino (v. 12). Rastrear essas pistas estruturais ajuda a cristalizar o fluxo do pensamento:

qualificações dos presbíteros (v. 1-7)

qualificações gerais dos diáconos (v. 8-10)

qualificações específicas para diaconisas (v. 11)⁶

qualificações específicas para diáconos homens (v. 12)

resumo para todos os diáconos (v. 13)

Sexta, os traços de caráter exigidos dessas mulheres também são demandados de presbíteros e diáconos — o que faz sentido caso se pretenda lidar com uma área oficial. As mulheres devem ser “sensatas” do mesmo modo que os presbíteros (v. 2) e “dignas” como os diáconos (v. 8). Essas qualificações, no contexto, apontam para uma responsabilidade oficial.

Por último, por que Paulo listaria qualificações para as esposas dos diáconos, mas não para as esposas dos presbíteros? Essas duas listas — uma para presbíteros, outra para diáconos — não se encontram em livros bíblicos separados, onde a discrepância pode ser natural. As listas de qualificações nem mesmo são encontradas em capítulos bíblicos separados; elas estão unidas de forma inseparável. Não faz muito sentido concluir que Paulo pensasse que as esposas dos servos da igreja deveriam ser escrutinadas, mas não as esposas dos líderes eclesiásticos. Como Thomas Schreiner escreve:

Parece que o caráter das esposas de presbíteros deveria ser ainda mais importante que o das esposas dos diáconos. Assim, concentrar-se nas esposas dos diáconos, mas não nas dos presbíteros, é algo estranho. No entanto, se a referência for às diaconisas, tem-se uma explicação coerente para a ausência da menção às esposas dos presbíteros, pois as esposas dos diáconos também não estão incluídas. Em outras palavras, Paulo não se refere a nenhuma esposa, mas às diaconisas.⁷

Por essas razões é mais sensato concluir, a partir de 1Timóteo 3, que as mulheres podem ser diaconisas.

3. Febe era uma diaconisa, não só uma serva

Como já vimos, Paulo inicia os cumprimentos à igreja de Roma com uma recomendação específica:

Recomendo a vocês nossa irmã Febe, uma serva [diakonos] da igreja de Cencreia, para que a recebam no Senhor de forma digna dos santos e a ajudem em tudo que ela precisar de vocês, pois ela tem sido uma benfeitora de muitos e de mim também (Rm 16.1,2).

Apesar de muito interpretarem diakonos informalmente (e.g., uma pessoa com o coração de servo), existem razões melhores para crer que a palavra sinalize a posição formal de diácono.

Primeira, a terminação da palavra é masculina, não feminina. Essa teria sido uma forma estranha de Paulo se referir a uma mulher — a menos, é claro, que ele não esteja descrevendo seu caráter, mas designando seu ofício.⁸

Segunda, é significativo que Febe seja chamada diakonos de uma igreja específica. Em todo o Novo Testamento o termo é usado muitas vezes em sentido genérico — e traduzido corretamente por “servo” ou “ministro” — pelo fato de o trabalho da pessoa não estar ligado a um local específico, muito menos a uma igreja específica. Assim, Paulo é um diakonos “do evangelho” (Ef 3.7), Epafras “de Cristo” (Cl 1.7), Tíquico “no Senhor” (Ef 6.21) e Timóteo “de Cristo Jesus” (1Tm 4.6). À primeira vista, pode parecer que Paulo coloca Febe na mesma categoria de “serva geral”, mas isso ignora o fato de que ele a descreve como a diakonos “da igreja de Cenchrea”, especificando sua função como diakonos dessa igreja específica.

Essa designação da igreja é ainda mais notável quando se considera a expansividade do ministério de Febe: ela pertence à igreja de Cenchrea e serve a Paulo em Corinto. É provável que ela tenha levado a carta a Roma. Contudo, a despeito desse serviço às igrejas ao longo do Império Romano, Paulo liga seu status de diakonos a uma única congregação. Então, a conclusão mais natural é que “diakonos da igreja de Cenchrea” não consista em uma descrição geral, e sim em um título oficial. Existem incontáveis servos da igreja em sentido geral, mas Febe também é uma diaconisa formal de uma igreja específica.

Por último, Febe é chamada “protetora” (ESV) ou “benfeitora” (NIV) no versículo 2, indicação de que ela apoiava com regularidade, talvez em sentido financeiro, as pessoas necessitadas. Essa tarefa, bem como a de servir de mensageira ou enviada a Roma, combinaria de modo natural com a posição diaconal.

Diaconisas na história da igreja

A presença de mulheres no ofício de diácono, ou diaconisas, ao longo da história cristã não é uniforme, e nem sempre comum. Mesmo assim, elas sempre existiram na igreja, e assim a prática não pode ser propriamente descartada como uma tendência recente.

Eis alguns exemplos históricos.⁹

Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, carta ao imperador Trajano (111-113 d.C.):

Como consequência, julguei ainda mais necessário descobrir a verdade por meio da tortura de duas escravas designadas diaconisas. Mas não descobri nada além de superstição depravada e excessiva.¹⁰

Clemente de Alexandria (150-215 d.C.):

Também estamos cientes de tudo o que o nobre Paulo prescreveu sobre o assunto das diaconisas em uma das duas epístolas a Timóteo.¹¹

Orígenes de Alexandria (184-253 d.C.):

[O texto de Rm 16.1] ensina [...] duas coisas: a existência [...] de mulheres no ofício de diácono na igreja e que as mulheres — que deram assistência a tantas pessoas e que, por causa de suas boas obras, merecem ser louvadas pelo apóstolo — devem ser aceitas no diaconato.¹²

Olímpia (368-408 d.C.):

Olímpia, viúva e diaconisa da igreja em Constantinopla, aproveitou sua grande riqueza para se tornar patrocinadora da igreja. Ela doou muitos de seus bens à igreja, sustentou o ministério de líderes como João Crisóstomo e Gregório de Nazianzo, remiu cativos exilados, sustentou uma comunidade de 250 virgens e cuidou dos pobres.¹³

Constituições apostólicas (380 d.C.):

*Ordene uma diaconisa que seja fiel e santa para o ministério com as mulheres, pois, às vezes, um bispo não pode enviar um diácono — que é um homem — para atender às mulheres, por causa dos não cristãos. Portanto, envie uma mulher — uma diaconisa — por causa da imaginação vã dos perversos. Pois precisamos de uma mulher, uma diaconisa, para cuidar de muitas necessidades.*¹⁴

Que os diáconos sejam imaculados em todas as coisas, como o próprio bispo deve ser, apenas mais ativos; em número de acordo com o tamanho da igreja, para que todos ministrem aos enfermos como trabalhadores que não se envergonham. E que as diaconisas sejam diligentes no cuidado com as mulheres; que os dois grupos estejam prontos para transportar mensagens, viajar, ministrar e servir. [...] Portanto, que todos saibam seus próprios papéis e os desempenhem com diligência em consenso, com uma só mente, conhecedores da recompensa de sua ministração.¹⁵

Ó eterno Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Criador do homem e da mulher, que encheste com o Espírito a Miriã, Débora, Anna e Hulda; que não desdenhaste de que teu único Filho nascesse de uma mulher; que também, no tabernáculo do testemunho e no templo, ordenaste às mulheres serem guardas de

tuas santas portas — olha agora com misericórdia para esta tua serva, que está para ser ordenada ao ofício de diaconisa, e lhe concede teu Espírito Santo, e “limpa-a de toda a sujeira da carne e do espírito”, para que ela possa cumprir com dignidade a obra que lhe foi confiada para a tua glória e o louvor do teu Cristo, a quem a glória e a adoração sejam a ti e ao Espírito Santo para sempre. Amém.¹⁶

João Crisóstomo (349-407 d.C.):

Alguns consideram que o texto [1Tm 3.11] diga respeito às mulheres de modo geral, mas não é assim; por que ele [Paulo] diria alguma coisa a respeito das mulheres, interferindo no assunto que está abordando? Ele está falando a respeito das mulheres que se encontravam no posto de diaconisas.¹⁷

Jerônimo (347-420 d.C.):

Salvina, entretanto, consagrou sua vida a atos piedosos e se tornou uma das diaconisas de Crisóstomo.¹⁸

João Calvino (1509-1564):

As diaconisas não foram nomeadas para acalmar a Deus com cânticos ou murmúrios ininteligíveis e passar o resto do seu tempo na ociosidade, mas para realizar um ministério público da igreja voltado para os pobres e para trabalhar com todo o zelo, assiduidade e diligência, em ofícios de caridade.¹⁹

Charles Spurgeon (1834-1892):

Diaconisa, ofício que com muita certeza foi reconhecido nas igrejas apostólicas.²⁰

Seria um grande ato de misericórdia se Deus nos concedesse o privilégio de ter muitos filhos pregadores do evangelho e muitas filhas eminentes na igreja como mestras, diaconisas, missionárias e semelhantes.²¹

Rica bênção para a igreja

Como vimos, existem fortes argumentos dos dois lados dessa questão. Minha convicção pessoal, depois de muita consideração, é que o ofício de diácono, quando bem entendido na Escritura, encontra-se de fato aberto às mulheres qualificadas. Acredito que essa seja a boa intenção de Deus, pensada para o florescimento de todos — mulheres e homens — na família da fé, e acho que as igrejas que não permitem o ofício às irmãs qualificadas estão se empobrecendo, ainda que de modo involuntário.

Entretanto, não desejo ser dogmático acerca do meu ponto de vista, e sem dúvida respeito os muitos cristãos piedosos que discordam de mim. Enquanto esperamos pelo tempo de clareza eterna “quando o perfeito vem [e] o parcial passará” (1Co 13.10), há espaço para as duas conclusões no reino de Deus.

1Guy Waters, “Does the Bible support female deacons? No” (The Gospel Coalition. Artigo disponível em: www.tgc.org/article/bible-support-female-deacons-no [grifo do autor da citação]).

2Clarence D. Agan III, “Deacons, deaconesses, and denominational discussions: Romans 16:1 as a test case”, *Presbyterion: Covenant Seminary Review* 34/2 (Fall 2008): 105-8.

3Como representantes oficiais ou agentes dos presbíteros, afirma Alexander Strauch, os diáconos “detêm autoridade e um lugar de liderança sobre homens e mulheres na congregação” (Alexander Strauch, “Does the Bible allow for women deacons? No, says Alex Strauch [with a response from Tom Schreiner]”, 9Marks Journal, December 2019).

4Thabiti Anyabwile apresenta várias questões e observações úteis para lidar com candidatos solteiros e casados. Veja o cap. 10 de “A one-woman man”, in: *Finding faithful elders and deacons* (Wheaton: Crossway, 2012), p. 61-5.

5“Se a referência tratasse das esposas dos diáconos ou do clero [...] seria natural que isso fosse expresso de forma inequívoca, por exemplo, pela adição de [autōn]”. O pronome possessivo não está implícito e não é apresentado. (Citação de Newport J. D. White, *The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus*, in: *The Expositor’s Greek Testament* [1897; reimpr., Grand Rapids: Eerdmans, 1956], vol. 4, p. 116. Veja também Jennifer H. Stiefel, “Women deacons in 1 Timothy: a linguistic and literary look at ‘women likewise...’ (1Tm 3.11)”, *New Testament Studies* 41/3 [July 1995]: 442-57).

6Thomas Schreiner escreve: “Alguns objetam que não se veem mulheres servindo como diaconisas, uma vez que Paulo se refere aos diáconos do sexo masculino em 3.8-10 e então retorna ao tema em 3.12,13. Eles acham que a inserção de um versículo sobre as mulheres em 3.11 não pode, portanto, referir-se a diaconisas. Mas o argumento não é convincente. Paulo encerra a discussão em qualquer um dos pontos de vista!” (Thomas Schreiner, “Does the Bible support female deacons? Yes” [The Gospel Coalition, disponível em: www.tgc.org/article/bible-support-female-deacons-yes]).

7Schreiner, “Does the Bible support female deacons? Yes”.

8No artigo intitulado “Did the apostles establish the office of deaconess?”, o historiador eclesiástico Michael Svelg explica: “Sempre que a expressão grega ‘x da igreja’ é usada no Novo Testamento e na literatura cristã primitiva (onde ‘x’ é uma designação pessoal ou título), a designação pessoal se refere a um ofício, não apenas a uma função genérica (At 20.17; Ef 5.23; Tg 5.14; Ap 2.1,8,12,18; 3.1,7,14; Ignatius [Inácio], *Trallians* 2.3; *Philadelphians* 5.1; *Polycarp* [Policarpo] 1.1; *Shepherd of Hermas*, *Vision* 2.2.6; 2.4.3; 3.9.7; *Martyrdom of Polycarp* 16.2; 19.2). Portanto, se Febe fosse apenas uma ‘assistente útil’ da igreja de Cencreia em Romanos 16.1, essa seria a única

construção usada desse modo na literatura cristã primitiva”. Disponível em: <http://www.retrochristianity.org/2012/04/14/did-the-apostles-establish-the-office-of-deaconess>.

9Várias dessas citações podem ser encontradas no artigo de J. A. Medders “Why have women deacons?” e no prospecto de David Schrock “Getting our deacons in a row: lessons from church history (the Early Church)”. Disponível em: <https://jamedders.com/why-have-women-deacons>, e em: https://viaemmaus.files.wordpress.com/2019/06/getting-our-deacons-in-a-row_church-history1_early-church.pdf.

10Pliny the Younger [Plínio, o Jovem], Letters 10.96.

11Clement [Clemente], Commentary on 1 Corinthians 9.5; Stromata 3, 6, 53.3-4.

12Origen [Orígenes], Commentary on Romans, 10.17, citado em Roger Gryson, The ministry of women in the early church (Collegeville: Liturgical, 1976), p. 136.

13Gregg R. Allison, Historical theology: an introduction to Christian doctrine (Grand Rapids: Zondervan Academic, 2011), p. 25-6 [edição em português: Teologia histórica: uma introdução ao desenvolvimento da doutrina cristã (São Paulo, Vida Nova, 2017)].

14Citado em Allison, Historical theology, p. 431.

15“Constitutions of the holy apostles”, in: Alexander Roberts; James Donaldson; A. Cleveland Coxe, orgs., Fathers of the third and fourth centuries: Lactantius, Venantius, Asterius, Victorinus, Dionysius, apostolic teaching and constitutions, homily, and liturgies, in: The Ante-Nicene fathers, tradução de James Donaldson (New York: Christian Literature Company, 1886), vol. 7, p. 432.

16“Constitutions of the holy apostles”, p. 492.

17John Chrysostom [João Crisóstomo], “Homilies of St. John Chrysostom, archbishop of Constantinople, on the First Epistle of St. Paul the Apostle to Timothy”, in: Philip Schaff, org., Saint Chrysostom: homilies on Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, Thessalonians, Timothy, Titus, and Philemon, in: A select library of the Nicene and Post-Nicene fathers of the Christian church, First Series, tradução de James Tweed; Philip Schaff (New

York: Christian Literature Company, 1889), vol. 13, p. 441.

18Jerome [Jerônimo], “The Letters of St. Jerome”, in: Philip Schaff; Henry Wace, orgs., St. Jerome: letters and select works, in A select library of the Nicene and Post-Nicene fathers of the Christian church, Second Series, tradução de W. H. Fremantle; G. Lewis; W. G. Martley (New York: Christian Literature Company, 1893), vol. 6, p. 163.

19John Calvin [João Calvino], Institutes of the Christian religion, tradução de Henry Beveridge (Peabody: Hendrickson, 2008), vol. 4, cap. 13, sect. 19, p. 840 [edições em português: As institutas, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols. e A instituição da religião cristã, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008), 2 vols.].

20C. H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle Pulpit Sermons (London: Passmore & Alabaster, 1867), vol. 13, p. 589.

21C. H. Spurgeon, The Metropolitan Tabernacle Pulpit Sermons (London: Passmore & Alabaster, 1905), vol. 51, p. 259.

Apêndice 2

Exemplos de perguntas para candidatos ao diaconato

Os presbíteros de nossa igreja pedem que todo possível diácono complete o questionário a seguir.

Muito obrigado por responder a essas perguntas! Isso nos ajudará muito a refletir sobre quem deve servir em nossa igreja como diácono/diaconisa. Pelo fato de os diáconos consistirem em um dos dois únicos “ofícios” da igreja descritos na Bíblia, levamos as funções diaconais muito a sério e queremos que elas funcionem bem para o bem da igreja. Assim, agradecemos novamente por sua ajuda para que isso ocorra.

1. Há quanto tempo você é cristão/cristã? Apresente um breve relato de sua conversão.
2. Você deseja ser diácono/diaconisa?
3. Você considera que tem a experiência e as habilidades necessárias para realizar a tarefa para a qual os presbíteros estão considerando designá-lo/designá-la?

4. Se é casado/casada, o que seu cônjuge pensa a respeito da sua ideia de servir como diácono/diaconisa?

5. Em que área de serviço da vida da igreja você tem se envolvido?

6. Ao observar o texto de 1Timóteo 3.8-13, você se considera alguém que cumpre as qualificações estabelecidas por Paulo para os diáconos?

7. Você é digno/digna de respeito? O que isso significa em sua opinião?

8. Você tem a língua dobre? O que isso significa em sua opinião?

9. Você se considera caracterizado/caracterizada pela ganância?

10. Você “mantém o mistério da fé com a consciência limpa”? Em outras palavras, crê com sinceridade e solidez em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador?

11. Você se considera testado/testada na vida da igreja? Como? Como acha que se saiu no “teste”?

12. Você tem tendência de caluniar os outros, de falar mal deles em particular e de fofocar?

13. Você é sóbrio/sóbria, capaz de “manter a calma” em situações difíceis? Um dos papéis mais importantes dos diáconos é ser “amortecedor de choques” na vida da igreja. Você é capaz de fazer isso bem?

14. Você é fiel? É capaz de assumir a responsabilidade pelas coisas e realizá-las em tempo hábil? Você é muito procrastinador/procrastinadora?

15. Se você é casado/casada, como considera o desempenho de seu papel como cônjuge? E como pai/mãe?

16. Leia 1Timóteo 3.13. O que você acha que significará em sua situação particular “servir bem como diácono”? Como você acha que servir bem como diácono/diaconisa vai aumentar sua confiança na fé que está em Cristo Jesus?

17. Você usa algum tipo de mídia social (Twitter, Facebook etc.)? Como você acha que a descrição de Paulo sobre os diáconos se aplica ao envolvimento particular de um diácono com as mídias sociais?

18. Você já leu a constituição de nossa igreja? Tem alguma dúvida sobre o funcionamento dela? Ficaria feliz em acatar essa constituição, defendê-la e explicá-la aos outros membros quando necessário?

Índice de passagens bíblicas

Gênesis

3.15

12.3

2Samuel

7.12

7.13

Salmos

34.14

Provérbios

12.20

15.23

16.24

19.11

25.11

Isaías

41.8

41.9

42.1

43.10

44.1

44.2

44.21

44.22

48.20

49.6

52.13

53.10

53.11

53.12

56.6

56.7

Mateus

4.11

5.9

8.15

15.1-9

20.26

20.28

23.5

23.11

23.12

27.55

28.18-20

Marcos

1.13

1.31

9.34

9.35

10.42

10.42-45

10.43

10.45

15.41 Lucas

4.16-21

4.39

10.40

12.37

17.8

22.26

22.27

24.19

João

2.5

2.9

9.22

12.2

12.26

12.42

13.2

13.10

15.13

17.21

17.22

Atos dos Apóstolos

1.8

1.17

1.21-26

1.25

2.41

2.42-47

4.1-22

4.32-34

5.1-11

5.29

5.30

6

6.1

6.1-7

6.1a

6.1b

6.1b-6

6.2

6.2-6

6.2b-4

6.3

6.4

6.5

6.7

6.8-13

8.4-8

8.26-40

17

17.11

20.17

20.24

20.28

21.8

21.19

Romanos

11.13

12.7

12.10

13.4

15.8

15.25

15.31

16

16.1

16.2

1Coríntios

1.10

1.11

2.13

3.5

9.1

12.5

13

13.7

13.10

15.7

15.58

16.15

2Coríntios

2.11

3.6

3.7

3.8

3.9

4.1

5.14

5.15

5.18

6.3

6.4

8.4

9.1

9.12

9.13

11.8

11.15

11.23

Gálatas

6.9

6.10

Efésios

1.17

2.11-22

3.1-10

3.7

4.12

4.13

4.15

4.27

4.28

4.29

5.5

5.18

5.22-33

5.23

6.1-4

6.19

6.21

Filipenses

1.1

2

2.3-11

2.25

4.2

Colossenses

1.7

1.9

1.23

1.25

3.23

4.7

4.17

1Timóteo

1.12

2.8

2.9

2.10

2.11

2.11-15

2.12

2.14

3

3.1

3.1-7

3.2

3.4

3.5

3.6

3.8

3.8-10

3.8-12

3.8-13

3.10

3.11

3.12

3.13

3.14

3.15

4.2

4.6

5.17

5.22

5.23

6.21

2Timóteo

1.18

4.5

4.11

Tito

1.5

1.5-9

1.6-9

1.7

1.9

Filemom

13

Hebreus

6.10

13.17

Tiago

1.17

1.27

5.14

1Pedro

1.12

4.10

4.11

5.1

5.2

5.5

2Pedro

1.16

1João

1.9

Judas

20

21

Apocalipse

2.1

2.8

2.12

2.18

2.19

3.1

3.7

3.14

22.3

22.6

Índice remissivo

A

acomodações para o culto público 101

Adulação 71

aflitos 101

Agan, Clarence D. III 18, 91

agitação racial 118

Allison, Greg 69, 115

ambição 72

amor 88

Ananias e Safira 50

Anyabwile, Thabiti 57, 163

apóstolos 53

arquidiácono 31

as mudanças, abraçar 114

Atos 6; distribuição injusta de alimentos 60, 83; limitar o ofício diaconal aos homens 154, 160; padrão do ofício de diácono 49

autoridade da igreja 89

B

benevolência 83, 101

Bíblia não proíbe diaconisas 161

bispos 30

boa reputação 55

Boekestein, William 84, 142

Bucer, Martin 33

C

calúnia 70

Calvino, João 32, 173

campanha de alimentos 131

cânticos do servo (Isaías) 134

capaz de ensinar 78, 94

caráter 69, 82, 85, 150

ceia do Senhor 101

Charles Jr., H. B. 95

chauvinismo ministerial 154

cheio de sabedoria 56

cheio do Espírito 56

Clarkson, Thomas 34

Clemente de Alexandria 170

Clowney, Edmund 93

compassivo 70

Comunhão Anglicana 37

Comunicação com os presbíteros 104

congregação; envolvida na instalação de diáconos 53; envolvida no ministério 95

conhecer a fé 73

conhecimento bíblico 72

consciência 73

conselho de diretores 41

Constantino 30

constituição e regimento interno 104

Constituições apostólicas 27, 171

contendas 86

criação de filhos 76

cristãos solteiros como diáconos 76

Croft, Brian 99

Crowley, J. D. 73

cuidado com os membros 108, 116

cuidado com os pobres 83

cuidado missionário 101

D

D. A. Carson 78

Dance, Mark 42

dedicados ao serviço prático 34

deficiência 113, 130

Deus, poder de 107

Dever, Mark 31, 35, 61, 88

Deweese, Charles 27

DeYoung, Kevin 73

diaconato monárquico 31

diaconisas; argumentos a favor 160

Diaconisas na história da igreja 169

diáconos; absorvedores de choques 58; caráter dos 55; como as mãos e os pés de Cristo 142; como assistentes dos presbíteros 89; como dádiva à igreja 22; como ideia de Deus 151; como magos financeiros 38; como ministros de misericórdia 33, 96; como papel inicial no clero 36; como presbíteros em treinamento 37; como uma cavalaria de servos 44; conduzindo a mudança 115; deveres dos 81; em sentido genérico e específico 17; exemplares no que é ordinário 79; facilitar o ministério 95; "faz-tudo" 37; grupo organizado e confiável 85; impacto dos 132; ministros de misericórdia 33; na Idade Média 31; na igreja primitiva 26; não bispos ou governantes 94; não encarregados de pastorear todo o rebanho 161; não pseudopresbíteros 90; ofício ordenado 18; preparados para falar 118; proativos 84; qualificações para 65; requisitos negativos 69; servem com ações 142; serviço de entrega pessoal 148; servir e apoiar o ministério dos presbíteros 88; solucionadores de problemas 62; transitórios ou vocacionais 34; uso correto dos 22; valor espiritual dos 28; vida familiar com fidelidade 75, 160

diakonos 16, 93, 158, 167

dinheiro, obsessão por 72

distração 51

divórcio 76, 123

Dunlop, jamie 95

Dunlop, Jamie 103

E

Édito de Milão 30

Éfeso, igreja de 77

embriaguez 71

encorajamento 88

enfermos 96

ensinabilidade 149

episcopado monárquico 31

equipe de servos líderes 99

esposa, amor à 76

esposas de diáconos 155

estacionamento 102

Estêvão 63

experiência de liderança executiva 39

F

facciosismo 86

Febe 157, 167

fofoca 70, 71

Foshee, Howard 41

Fuller, George C. 139

G

George, Timothy 32

glória do trabalho diaconal 133

Godfrey, William 84

gravidez na adolescência 128

gynaikas 156, 162

H

Habib 29

habilidades 69

Herzog, Frederick 25

hospitalidade 101, 125

Hughes, R. Kent 71

humildade 144, 149

Hyde, Daniel 142

I

idosos 29, 96, 101, 124, 133

igreja de Cencreia 158, 168

igreja primitiva; simplicidade da 46

igreja saudável tem diáconos bíblicos 23

igrejas batistas, sobre os diáconos 34

igrejas congregacionais, sobre os diáconos 34

Inácio de Antioquia 142

individualismo expressivo 148

J

Jerônimo 172

Jerusalém, a igreja de (escolha apenas de homens) 154

Jesus; amor de 144; como o diakonos absoluto 145; como servo 134

; ministério de palavras e atos de 142

João Crisóstomo 172

judeus de cultura grega 58

judeus de cultura hebraica 58

juntas diaconais 103

K

Keller, Tim 96

L

Lee, Harper 74

lento à ira 86

língua, cuidado com a 70

língua dobre 69

logística dominical 129

Lourenço (diácono que serviu em Roma) 28

M

manter a fé. 73

Marshall, I. Howard 60

maturidade 150

McKee, Elsie Anne 34

Medders, J. A. 169

ministério da Palavra 99; prioridade de 51

ministério de ações 99

ministério de misericórdia 83, 92

ministério holístico 99

ministério social 98

ministros, diáconos como 16

mistério 73

mobilizadores de ministério de papéis específicos 101

modelo de diáconos como pseudopresbíteros 40, 42

modelo de diretoria de diáconos 35, 43, 151

modelo de junta diaconal 35

modelo de pastor único e junta diaconal 114

N

Naselli, Andrew David 73

Naylor, Robert 41

nazistas 25, 44

necessidades físicas 123

necessidades materiais 108

necessidades tangíveis, reconhecimento de 83

negação de si mesmo 147

Newton, Phil 90

O

Olímpia (diaconisa viúva) 170

Ordenanças eclesiásticas (Calvino) 32

órfãos 118

orgulho 70

Orígenes de Alexandria 170

ousadia 77

ouvidos, guarda dos 70

P

pacificadores 86

pandemia de covid-19 121, 130

Paul Alexander 61

Paulo; carta pública a Timóteo 66

; se refere às diaconisas 162; se referiu às esposas dos diáconos 155; sobre Cristo como servo 143

Paulo se referiu às esposas dos diáconos 155

paz, busca da 127

Peterson, Peterson. Consulte

Platão 141

Plínio, o Jovem 169

política congregacional liderada por presbíteros 75

preferir o próximo 61

preparação dos santos 95

presbiterato plural em igrejas batistas 35

presbíteros 30, 53, 90; distraídos sem diáconos eficientes 85

; qualificações para 37; servir com palavras 142

proclamação do evangelho 98

propriedades de igreja, preservação das 101

Q

questionário para candidatos a diácono 75

R

redes sociais 148

refeições, organização de 121

relatos sobre o trabalho diaconal 108

resolução de conflitos 48

respeito 77

Reuniões diaconais 103

Rinne, Jeramie 53, 90

S

Satanás odeia os diáconos 44

Schmucker, Matt 90

Schreiner, Thomas 166

Schrock, David 169

segurança da propriedade da igreja 123

sem-teto 111, 118

servir às mesas 57

servos, diáconos como 16

Slave Trade Act 34

solidariedade na aliança 61

Southern Baptist Convention 149

Spurgeon, Charles 173

Stark, Rodney 26

Stiefel, Jennifer H 164

Stott, John 51, 59

Strauch, Alexander 56, 89, 91, 160

Svigel, Michael 168

T

Telzaha 29

Tertuliano 28

testado e provado sem culpa 74

Thomas, Curtis C 95

Todos diaconam 16

trabalho diaconal; autoridade do 158; dignidade do 133; implicações espirituais 63; ofício de serviço 151

trabalho, divisão do 56

tradição, apego à 66

tradição presbiteriana e reformada sobre os diáconos 33

transformação da cultura 98

U

unidade da igreja 85, 110, 150

unidade em Cristo e diferenças étnicas 59

uniformidade 87

V

vácuo de liderança 43

Van Dam, Cornelis 32, 50, 54, 97, 104

vida familiar 75

viúvas 50, 52, 118

viver a fé 73

voluntários, organização de 129

W

Waters, Guy 157

Webb, Henry 42

Welsh, Ryan 69

West Wing (programa de TV) 88

White, Newport J. D 164

Wilberforce, William 34

Wolfe, Tony 149

Y

Young, Frances 34

CONSTRUINDO IGREJAS S AUDÁVEIS

9 Marcas existe para munir os líderes da igreja com uma visão bíblica e recursos práticos, a fim de demonstrarem a glória de Deus às nações por meio de igrejas saudáveis.

Com esse fim, queremos ver as igrejas sendo caracterizadas por estas nove marcas de saúde:

1 Pregação expositiva

2 Teologia bíblica

3 Entendimento bíblico do evangelho

4 Entendimento bíblico da conversão

5 Entendimento bíblico da evangelização

6 Entendimento bíblico da membresia na igreja

7 Disciplina na igreja

8 Discipulado bíblico

9 Liderança bíblica na igreja

▪

Encontre mais informações no site <http://pt.9marks.org>.

Table of Contents

[Capa](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Prefácio da série](#)

[Introdução: “Ao seu dispor”](#)

[1. Os bastidores e os deslizes: como os diáconos têm atuado](#)

[2. O ponto de partida: onde os diáconos tiveram início](#)

[3. Os parâmetros: o que os diáconos devem ser](#)

[4. A análise: o que os diáconos devem fazer](#)

[5. Os benefícios: o que os diáconos proveem](#)

[6. A beleza: quem os diáconos refletem](#)

[Conclusão: Diáconos são pessoas que fazem diferença](#)

[Apêndice 1: Mulheres podem ser diaconisas?](#)

[Apêndice 2: Exemplos de perguntas para candidatos ao diaconato](#)

[Índice de passagens bíblicas](#)

[Índice remissivo](#)

Guide

[Cover](#)